



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Nutrição

Valéria Bazilio Terra


**O veneno está na mesa: reflexões sobre a produção de alimentos
no Brasil a partir da linguagem do cinema**

Rio de Janeiro

2017

Valéria Bazilio Terra

O veneno está na mesa: reflexões sobre a produção de alimentos no Brasil a partir da linguagem do cinema



Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadores: Prof. Dr. Francisco Romão Ferreira

Profa. Dra. Larissa Escarce Bento Wollz

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

T323	<p>Terra, Valéria Bazilio. O veneno está na mesa: reflexões sobre a produção de alimentos no Brasil a partir da linguagem do cinema / Valéria Bazilio Terra. – 2017. 115 f.</p> <p>Orientador: Francisco Romão Ferreira. Orientadora: Larissa Escarce Bento Wollz. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Nutrição</p> <p>1. Nutrição – Teses. 2. Cinema – Teses. 3. Agrotóxico – Teses. I. Ferreira, Francisco Romão. II. Wollz, Larissa Escarce Bento. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Nutrição. IV. Título.</p>
es	CDU 612.3

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Valéria Bazilio Terra

O veneno está na mesa: reflexões sobre a produção de alimentos no Brasil a partir da linguagem do cinema

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 19 de julho de 2017.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Francisco Romão Ferreira (Orientador)
Instituto de Nutrição – UERJ

Profa. Dra. Lêda Glicério Mendonça
Instituto Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Shirley Donizete Prado
Instituto de Nutrição - UERJ

Rio de Janeiro

2017

DEDICATÓRIA

Aos meus amores e incentivadores: Lucio & Flora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me encorajado a retomar os estudos.

Agradeço a todos os professores do Nectar pelos momentos prazerosos de aprendizagem.

Agradeço especialmente a professora Shirley Donizete Prado pela revisão e grandiosa colaboração com a apresentação e redação do trabalho.

Agradeço imensamente aos meus orientadores, Francisco Romão e Larissa Wollz pela disponibilidade e paciência.

Agradeço todos os professores da banca por estarem dispostos a colaborar.

Agradeço Hélio Cabral por toda a ajuda na formatação.

Agradeço a Caliban Produções Cinematográficas na pessoa de Ana Rosa Tandler por ter disponibilizado uma cópia do filme.

Agradeço Silvio Tandler pelas aulas e pelos aconselhamentos.

E a todos os companheiros nectarianos, pelos ensinamentos, pela força, pelo carinho e pelos deliciosos momentos de comensalidade que desfrutamos juntos durante esses dois anos.

O discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história.

Michel Foucault

RESUMO

TERRA, V.B. *O veneno está na mesa: reflexões sobre a produção de alimentos no Brasil a partir da linguagem do cinema*. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Alimentação, Nutrição e Saúde) - Instituto de Nutrição. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2017.

Este estudo propõe uma reflexão sobre a produção de alimentos no Brasil a partir do filme “O veneno está na mesa”. Este documentário é uma produção nacional que traz a temática do uso abusivo de agrotóxicos no Brasil. O estudo apresenta um breve relato sobre o surgimento da agricultura no país, o campesinato e a chegada da chamada Revolução Verde. Aborda conceitos sobre documentário, também a utilização do cinema como instrumento pedagógico em sala de aula. Analisa os discursos presentes no filme baseados nos conceitos de Foucault relacionados ao sujeito, instituição, poder, ideologia e verdade.

Palavras-chave: Cinema. Produção de Alimentos. Agrotóxico. Alimentação.

ABSTRACT

TERRA, V.B. *The poison is on the table*: reflections on food production in Brazil from the language of cinema. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Alimentação, Nutrição e Saúde) - Instituto de Nutrição. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2017.

This study proposes a reflection on the production of food in Brazil from the film "The poison is at the table". This documentary is a national production that brings the issue of abusive use of agrochemicals in Brazil. The study presents a brief report on the emergence of agriculture in the country, the peasantry and the arrival of the so-called Green Revolution. It covers concepts about documentary, also the use of cinema as a pedagogical instrument in the classroom. It analyzes the discourses present in the film based on the concepts of Foucault related to the subject, institution, power, ideology and truth.

Keywords: Cinema. Food Production. Pesticide. Food.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Uma cena do filme francês "A saída dos operários da Fábrica Lumière".....	33
Figura 2 - Uma cena do filme francês "A chegada de um trem na estação".....	34
Figura 3 - Uma cena do filme francês "Viagem à Lua".	35
Figura 4 - Logomarca da “Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida”	37
Figura 5 - Algumas das cenas iniciais do filme “O veneno está na mesa”.....	37
Figura 6 - Nuvem de palavras gerada a partir da transcrição do filme	44
Figura 7 - Imagens iniciais do filme “O veneno está na mesa”	49
Figura 8 - Cena que mostra a fachada do Instituto Nacional do Câncer	50
Figura 9 - Cena de fundo de matéria de radio sobre ação de deputados junto à ANVISA	53
Figura 10 - Cenas que antecedem o tema da divulgação ao nível mundial da presença de agrotóxicos nos alimentos no Brasil	55
Figura 11 - Cenas de fundo durante a apresentação dos créditos do filme	58
Figura 12 - Cena de abertura para a entrada do produtor rural que propõe novos antigos caminhos para a agricultura.....	60
Figura 13 - Cena de fundo na narrativa sobre o uso de venenos em guerras.....	62
Figura 14 - Cenas de apresentação para o texto que encaminha para a finalização do filme.....	64
Figura 15 - Cartaz do filme	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dimensões para análise do filme “O veneno está na mesa” em sala de aula	40
Quadro 2 - O discurso contra hegemônico como posicionamento inicial	49
Quadro 3 - O discurso institucional	51
Quadro 4 - discurso que circula.....	53
Quadro 5 - O discurso como dispositivo estratégico de poder: o uso do direito privilegiado de falar	55
Quadro 6 - O discurso e a vontade de verdade que o atravessa	58
Quadro 7 - O discurso como ideologia	60
Quadro 8 - O discurso dos acontecimentos históricos entrelaçados ao longo tempo	63
Quadro 9 - O discurso do sujeito e os rumos que se pode buscar para vida	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRASCO -	Associação Brasileira de Saúde Coletiva
ANVISA -	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
COFINS -	Contribuição para Financiamento da Seguridade Social
DDT -	Dicloro Difenil Tricloroetano
ECO/92 -	Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente em 1992
FIOCRUZ -	Fundação Oswaldo Cruz
IBAMA -	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
ICMS -	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
IPI -	Imposto sobre Produtos Industrializados
INCA -	Instituto Nacional do Câncer
NECTAR -	Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação
ONU -	Organização das Nações Unidas
PARA -	Programa de Análise de Resíduo de Agrotóxico
PNAE -	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PASEP -	Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público
PIS -	Programa de Integração Social

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	O PANORAMA HISTÓRICO E O FILME EM QUESTÃO	17
1.1	O início da produção de alimentos no Brasil: o surgimento da monocultura e dos pequenos proprietários	19
1.2	O DDT e similares: para o bem ou para o mal	22
1.3	A chegada da Revolução Verde	24
1.4	O controle do agrotóxico no Brasil	26
1.5	Marco legal nas políticas de garantia ao direito à alimentação adequada	30
2	O FILME COMO OBJETO DE ESTUDO	32
2.1	Características da linguagem documental	32
2.2	O filme na sala de aula	38
3	CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO	42
4	ANÁLISE DO FILME	48
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS	69
	ANEXO A - Ficha técnica do filme O veneno está na mesa	74
	ANEXO B - Transcrição do filme “O veneno está na mesa”	75
	ANEXO C - <i>O veneno está na mesa</i>: um olhar multidimensional para o cinema na sala de aula	91

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como proposta produzir uma reflexão acerca do contexto da produção de alimentos no Brasil a partir do documentário “O veneno está na mesa”. Nossa tentativa é de compreender os modos como as pessoas ou grupos retratados no filme pensam, produzem, reproduzem a vida social e defendem suas posições éticas e políticas em torno da questão da produção de alimentos e do uso de agrotóxicos no Brasil.

A partir desta reflexão nós pretendemos, no futuro, transformar o material contido neste texto em uma ferramenta didática para discutir o tema na sala de aula, utilizando o filme para problematizar a produção de alimentos em diferentes perspectivas, criando um instrumento pedagógico que facilite o processo crítico no momento do ensino e na formação profissional. Nosso interesse é de utilizar o filme posteriormente em diferentes contextos de formação na graduação ou no plano da na atualização profissional.

Contudo, neste momento, o objetivo desta dissertação reside apenas e tão somente na produção de uma primeira reflexão sobre o tema em exame. A produção desse material didático específico será feita em outra ocasião e queremos deixar claro que o presente texto corresponde apenas a um esforço no sentido de construção de uma aproximação ao tema tendo por referência alguns estudiosos do cinema como Vanoye, Gauthier e Tendler, do discurso como Michel Foucault.

Acreditamos que a utilização do cinema entre alunos do Curso de Graduação em Nutrição pode, futuramente, proporcionar caminhos inovadores para tratar de temas relativos ao campo da Alimentação e Nutrição. Esta utilização já está acontecendo de várias formas na sociedade e “são muitas as experiências que estão ocorrendo regularmente e que conciliam diferentes linguagens artísticas e atividades culturais com os serviços de saúde” (SAWADA, 2015). Tanto no Ensino Médio, como no Ensino Superior, o uso do cinema em sala de aula é comum em cursos como Psicologia, Direito, História, Ciências Sociais e até mesmo nas Ciências Naturais. Segundo Mendonça, o uso de cinema no ensino já tem sido utilizado em várias situações com sucesso. A apropriação do cinema no ensino pode ser uma boa opção e a utilização de filmes comerciais pode ser uma boa fonte de

dados para a construção de um estudo de caso ou para trabalhar conteúdos específicos (MENDONÇA, 2015).

A partir de uma observação preliminar percebemos que o uso do cinema como ferramenta didática é uma estratégia pouco utilizada nos cursos de Nutrição. Portanto, acreditamos que a produção desta reflexão inicial poderá ser útil para utilização em sala de aula e, quem sabe, futuramente, poderá auxiliar na produção de um material mais detalhado, mas não queremos nos comprometer agora com a produção deste material.

O meu interesse pelo cinema, nasceu a partir do curso de especialização “Ciência, Arte e Cultura na Saúde” do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), no qual ingressei em 2014. Foi na disciplina “Ciência e Arte” que encontrei um espaço para descobertas de diferentes formas de articular esses dois saberes. A partir daí, iniciava meu interesse em aprofundar esse estudo, vislumbrando no Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação (NECTAR) do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) a possibilidade dessa continuidade.

Começou então o grande desafio: aprender cinema e, em particular, o gênero documentário, pois diferente de uma espectadora, que assiste filmes por prazer, como analista preciso estar atenta, dominar o filme e não ser hipnotizada por ele, como descreve Vanoye (2014). A escolha do documentário “O veneno está na mesa” relaciona-se com minha formação em Nutrição, pois a temática abordada no filme diz respeito diretamente à qualidade dos alimentos oferecida à população. Este documentário trata da forma como se produz o alimento, quem produz (e em que condições produz), quem consome, quem ganha e quem perde nesse jogo em que vários interesses políticos e econômicos são relatados nas entrevistas dos diferentes atores sociais. Os interesses e conflitos do campo estão presentes em todo o filme retratando todo o jogo discursivo e ideológico que cerca esta questão.

Cabe ressaltar que o cinema é pouco utilizado como ferramenta didática nos cursos de Nutrição e, geralmente, quando são exibidos alguns filmes os documentários sempre são os mais utilizados, assumindo uma perspectiva de “discurso verdadeiro” ou de apresentação documental sobre algo pouco divulgado, revelando um segredo que poucos conhecem. Há certa inocência ao explorar o documentário sem problematizar os aspectos políticos, discursivos e subjetivos da sua produção e exibição. Muitas vezes o uso é bem intencionado, apresentando

temas relevantes e tomando posições políticas acertadas segundo os princípios norteadores do campo da Alimentação e Nutrição, mas é preciso ir além desse uso espontâneo, ingênuo e simplista. É preciso então problematizar, discutir e produzir uma reflexão fundamentada para melhorar a formação dos alunos da Nutrição.

O cinema na sala de aula pode ser utilizado na perspectiva da metodologia ativa, para que o aluno desenvolva autonomia na construção do saber, com uma aprendizagem que seja significativa, que valorize o processo.

Oliveira (2010) define as Metodologias Ativas como:

Processos interativos de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para o problema, caso, construir e executar um projeto. O professor atua como facilitador ou orientador para que o estudante faça pesquisas, reflita e decida por ele mesmo, o que fazer para atingir um objetivo (...) se propõem a substituir a memorização e a simples transferência de informações e de habilidades, pela construção do conhecimento e a partir da vivência de situações reais ou simuladas da prática profissional, estimulando as capacidades de análise crítica e o aprender a aprender (OLIVEIRA,2010, p.16).

Consideramos importante e necessário apresentar as diferentes perspectivas em jogo e problematizar as diferentes posições ideológicas, para que o aluno possa perceber o jogo retórico por trás de cada fala e as posições políticas que atravessam os sujeitos que falam no filme. As falas não retratam apenas a opinião das pessoas entrevistadas ou do narrador principal, elas são discursos e atualizam as instituições que falam através dos sujeitos, elas situam os sujeitos politicamente (FOUCAULT, 2005).

O discurso é um acontecimento sócio histórico no qual os conflitos da sociedade se revelam, expondo suas ambiguidades, suas contradições e os diferentes interesses em jogo. As posições políticas e os interesses econômicos se mostram claramente porque não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem história e sem ideologia (FOUCAULT, 2005). Por meio dos discursos presentes no filme podemos observar a compreensão que tanto produtores, profissionais de saúde e consumidores fazem do uso dos agrotóxicos na produção de alimentos, suas posições políticas e ideológicas e suas filiações institucionais. Revela-se através dos vários atores uma trama discursiva que coloca, de um lado, uma perspectiva técnico-científica, amparada pela lógica do mercado, que é construída para fundamentar e legitimar um modo de dominação econômica e, do outro lado,

uma atitude crítica diante do mundo que tenta reduzir os danos causados pelo discurso hegemônico do mercado.

A formação do profissional no campo da saúde, tem seguido um modelo hegemônico, por meio de conteúdos programáticos das diversas disciplinas que compõem o currículo. Nessa perspectiva não se identifica o adequado investimento no relacionamento entre conteúdos teóricos (de caráter técnico e de enfoque biomédico) e atividades práticas, ainda que prevaleça a argumentação que se diz centrada na necessidade de preparar os estudantes com uma sólida formação teórica que fundamente sua atuação nos campos de estágio e, futuramente, na sua vida profissional (GOMES *et al.* 2010). Tal construção termina por esconder as faces de um modelo que ignora alguns conflitos existentes em outras instâncias sociais, culturais, políticas e não prepara os alunos e profissionais para desenvolverem uma capacidade crítica diante de tais embates discursivos.

Consideramos a exigência de uma formação profissional para além da grade curricular, nos cursos de graduação, apontando para a necessidade da inclusão de metodologias que avancem no sentido da autonomia do estudante e do profissional, e preparem para uma realidade, em que a prática nem sempre se traduz num arcabouço teórico restrito à biomedicina. Do mesmo modo, a formação tecnicista, reducionista e voltada para o saber biomédico, não capacita o aluno para uma formação reflexiva, humanista e crítica, como apregoam os parâmetros curriculares do Curso de Graduação em Nutrição (BRASIL CNE/CES, 2001).

Este trabalho visa ocupar esta lacuna ao produzir uma reflexão inicial que possa subsidiar (no futuro) a utilização do cinema como recurso didático nos cursos de formação de nutricionistas. Este recurso possibilita a entrada num campo de compreensão que não é muito valorizado na área saúde, pois o saber biomédico ainda ocupa um espaço majoritário nas disciplinas curriculares, havendo necessidade de criar espaços de discussão e reflexão, onde os alunos desenvolvam o pensamento crítico. Daí a relevância deste estudo.

Após esta apresentação do tema a ser abordado, esta dissertação traz os seguintes capítulos, conforme descrito a seguir.

- No primeiro capítulo vamos apresentar um panorama histórico da questão, em que abordaremos o início da produção de alimentos no Brasil, a formação do campesinato, a chegada da Revolução Verde e o uso dos agrotóxicos no País.

- Em seguida, vamos discutir o filme como objeto de estudo, apresentando as características da linguagem documental e o uso do cinema em sala de aula como instrumento pedagógico.
- Por último, faremos a análise do filme e apresentaremos como resultados da pesquisa.
- Em seguida apresentamos as considerações finais.
- Em anexo apresentamos a Ficha Técnica do filme e a transcrição das falas ao longo de todo o documentário.
- Encontra-se em anexo também o texto do capítulo “O veneno está na mesa: um olhar multidimensional para o cinema na sala de aula”, publicado no livro “Cinema e Comensalidade” (FERREIRA, PRADO, VARGAS e SEIXAS, 2016), publicado durante o curso do mestrado.

1 O PANORAMA HISTÓRICO E O FILME EM QUESTÃO

Este capítulo apresenta a construção histórica da produção de alimentos no Brasil para podermos introduzir a discussão acerca do filme “O veneno está na mesa”. Este filme pertence ao gênero documentário, foi produzido em 2011 e dirigido por Silvio Tendler. O diretor se utiliza de diferentes discursos para alertar sobre o uso de agrotóxicos no Brasil e as falas apresentadas no filme, tanto dos entrevistados quanto da narração em *off*, apresentam diferentes perspectivas e posições ideológicas presentes no campo¹, que reforçam ou contestam o poder simbólico exercido pelo discurso dos grandes produtores de alimentos em oposição aos discursos dos profissionais de saúde e do pequeno produtor rural.

Segundo Bourdieu (1989), o poder simbólico é um poder de construir formas de entendimento da realidade e dar sentido ao real, mas é um poder invisível que é exercido com a cumplicidade dos sujeitos e tem como função social a criação de uma espécie de coesão, produzindo a integração e o consenso, reproduzindo a ordem social. Os sistemas simbólicos cumprem uma função política de instrumento de legitimação da dominação e asseguram a dominação de uma classe sobre a outra. No filme são apresentados os discursos que tentam construir argumentos favoráveis aos agrotóxicos e criar um consenso em torno da sua utilização, ou pelo menos reduzir os efeitos negativos associados ao seu uso. Chamá-los de “defensivos agrícolas”, por exemplo, é uma maneira de amenizar a sua imagem. E chama-lo de veneno, por outro lado, é uma maneira de chamar a atenção para o problema e alertar o consumidor acerca dos problemas que ele pode causar. Os discursos presentes no filme traduzem então posições ideológicas distintas e refletem os conflitos do campo. Trata-se de um conflito ideológico em defesa de interesses particulares que se apresentam como interesses universais.

Logo no início do filme a fala do jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano trata de um processo histórico que acontece em toda a América Latina. Ele

¹ Para Bourdieu (1989), um “**campo**” pode ser definido como uma rede, ou um conjunto de relações objetivas entre posições definidas a partir das diferentes posições que os atores (sujeitos, agentes ou instituições) ocupam numa determinada situação (atual ou potencial) na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital). A posse de tal capital proporciona uma posição hierárquica (dominação, subordinação, dependência, homologia etc.) em relação aos outros atores que participam do mesmo jogo. Esse poder hierárquico que é estruturado e ao mesmo tempo estrutura as ações e define as relações no campo que, por sua vez, é dinâmico e mutável, refletindo a dinâmica das posições e das relações de poder próprias a cada campo.

fala de uma história de perdas, da concentração da posse da terra nas mãos de poucos, da desigualdade econômica, da desocupação, do roubo dos recursos naturais. Ele também chama atenção da contradição em países que tem política progressista permitir esses venenos contra a natureza em nome da produtividade, de critérios economicistas. Ou seja, Eduardo Galeano apresenta claramente alguns interesses políticos em jogo e já declara desde o início a posição política e ideológica dos realizadores do filme.

Deste ponto de partida, este estudo apresenta a proposta de refletir sobre a produção de alimentos no Brasil a partir do cinema, apresentando alguns conflitos presentes na produção e distribuição de alimentos, mas que nem sempre são abordados nos Cursos de Graduação em Nutrição ou outros que tratam dos alimentos e da saúde dos indivíduos e da sociedade. O alimento, muitas vezes, é apresentado em suas propriedades nutricionais, a partir de uma visão que traduz os interesses da biomedicina hegemônica ou então de uma visão romântica do senso comum que não percebe o jogo político e econômico por trás da produção de alimentos. Os documentários que são exibidos em sala de aula são apresentados como um discurso verdadeiro, sem crítica ou sem uma reflexão que problematize os discursos e as posições políticas em jogo. Colocam o conteúdo do filme de modo maniqueísta opondo o bem e o mal, elegendo os documentários que falam “a verdade” e apresentam a realidade “como ela é”, sem problematizar as diferentes posições ou produzir uma discussão bem fundamentada e aprofundada sobre os temas discutidos.

É preciso então apresentar os dois – ou os muitos – lados da questão e fazer com que os alunos façam suas próprias escolhas políticas e ideológicas. Mas sabemos que a nossa forma de apresentar também não é neutra, pois não existe neutralidade possível quando se fala de ciência, alimentos e interesses econômicos; cabe a nós, educadores, apresentar para os alunos os diversos pontos em exame e colocar os argumentos e discursos de forma explícita para que eles percebam o jogo político por trás das falas aparentemente inocentes e espontâneas.

Não existe inocência nesse jogo e nós também não podemos ficar no pretense lugar da neutralidade científica. Neste sentido, ao apresentarmos os discursos nós também vamos apresentar nossa posição política e ideológica, afinal, estamos todos nós implicados neste jogo. O uso de agrotóxicos na produção de

alimentos é um assunto importante demais para trata-lo de forma superficial, neutra ou banal.

1.1 O início da produção de alimentos no Brasil: o surgimento da monocultura e dos pequenos proprietários

A contextualização histórica do surgimento da agricultura no Brasil é aqui apresentada a partir dos relatos encontrados na História Econômica do Brasil (1530-1640) do escritor Caio Prado Júnior (1979). Problematizar a produção de alimentos em nosso país significa lembrar um modelo que sempre foi marcado, desde a colonização, pela monocultura e pelo trabalho escravo e, hoje, mais de 500 anos pós-colonização, o país continua perpetuando este mesmo modelo da monocultura para exportação na produção de soja, carne bovina, açúcar e café etc.

No início da colonização, a agricultura de subsistência contava com espécies de tubérculos, em especial a mandioca, oriunda da cultura indígena. Em seguida vieram o milho, o arroz e o feijão trazidos pelos portugueses para manter a mão de obra necessária para o plantio do açúcar. As verduras eram pouco consumidas ao contrário das frutas, que no início da colonização eram muito apreciadas, principalmente, a banana e a laranja. Inclui-se também, como produto de subsistência, a carne de boi.

No século seguinte, a pecuária seria considerada base econômica para a interiorização do país e para a colonização do Extremo Sul. Entretanto, a valorização estava na exportação do couro, a carne era desprezada, já que a produção era maior que o consumo interno e não havia tecnologia disponível para transportar a carne em condições de comercialização para os centros de produção econômica. Porém, a expansão da pecuária na Região Sudeste significou o crescimento do gado de corte como também do gado leiteiro.

Durante a colonização, o país seguiu valorizando a monocultura de poucos produtos para exportação como café, borracha, cacau, mate e fumo. Por outro lado, mais de 30% de produtos importados eram gêneros alimentícios, o que é bastante contraditório para um país com essa extensão de terras cultiváveis. Não havia interesse da Metrópole na construção de um mercado interno e a atividade

econômica e produtiva acontecia apenas para dar suporte à atividade principal dos produtos de exportação.

Somente com o crescimento da atividade econômica no Brasil e com a descoberta de riquezas naturais, como o ouro e as pedras preciosas nas Minas Gerais, com uso intensivo de mão de obra escrava, começam a surgir interesses comerciais oriundos da necessidade de ampliar a capacidade produtiva local e direcionar o interesse para a subsistência da população, que começa a crescer e a conformar um mercado consumidor interno.

Mas os grandes ciclos econômicos (cana de açúcar, algodão ou borracha) sempre privilegiam a atividade principal de exportação em detrimento da produção local. Essa contradição comprometeria mais tarde a organização econômica, que começaria com a queda do preço do café, acarretando superprodução e dificuldade de escoamento. Com o fim de um ciclo econômico voltado para a exportação e com uma capacidade ociosa de produção os interesses, finalmente, se voltam para o mercado interno.

Essa trajetória de constituição do mercado interno brasileiro sofre oscilações em face das conjunturas favoráveis às grandes plantações, como algodão e cana-de-açúcar. Por outro lado, cada vez mais os pequenos proprietários se mostram habilitados a produzir os gêneros necessários à subsistência alimentar da população, representando um grande papel na economia brasileira e desempenhando uma função que no passado cabia à importação (PRADO JÚNIOR, 1979).

Outros olhares que contribuem para análise da produção e distribuição de alimentos no Brasil são trazidos por Oliveira e Thébaud-Mony (1997) ao relatarem que é necessário reconhecer as relações complexas entre a produção agrícola, a indústria alimentar, a comercialização e o consumo de alimentos, destacando a dominação das indústrias e do comércio sobre os demais polos da cadeia agroalimentar. As relações estabelecidas entre a produção e o consumo de alimentos não são apenas determinadas pela economia; há que se levar em conta os fatores sociais, culturais, nutricionais, bem como suas dimensões em torno das necessidades dos consumidores. Podem-se citar algumas delas: como a adaptação e apropriação do modelo dominante, suas formas de resistência, a adoção de novos hábitos associados à prevalência de práticas tradicionais, como também à oferta.

Nessa cronologia, Neves (2008) apresenta o campesinato como categoria analítica e histórica sendo constituído por poli produtores, integrados ao jogo de forças sociais do mundo contemporâneo. No Brasil, a categoria é reconhecida pela produção, em modo e grau variáveis, para os mercados locais, os nacionais e os internacionais. Se a relação com o mercado é característica distintiva desses produtores (cultivadores, agricultores, extrativistas), as condições dessa produção guardam especificidades que se fundamentam na alocação ou no recrutamento de mão de obra familiar. Trata-se do investimento organizativo da condição de existência desses trabalhadores e de seu patrimônio material, produtivo e sociocultural, variável segundo sua capacidade produtiva.

Para Cunha (2012), a origem do campesinato no Brasil pode estar situada nas áreas de antigos engenhos de cana-de-açúcar, áreas algodoeiras e cafeeiras ou também áreas de fronteira quando relacionadas à expulsão de povos indígenas ou como ocorreu no sul do País, relacionadas por meio de doação de terras pelo Estado Imperial a imigrantes assentados em colônias. Somam-se a esses conceitos outras referências que traduzem o campesinato como um termo repleto de sentidos que refletem conceitos culturais, sociais e históricos, associado a uma diversidade de formas sociais baseadas na relação de trabalho familiar com modos distintos de acesso a terra. Entre os elementos comuns à cultura camponesa está a centralidade do papel da família na organização da produção, os costumes de herança, a tradição religiosa e as formas de comportamento político, juntamente com o trabalho da terra (MOURA, 1988).

A cultura do campesinato remete a uma ordem simbólica construída historicamente e possui especificidades em sua inserção na lógica econômica de produção (WOLLZ e STOTZ, 2014). A formação da atividade econômica interna ao longo dos últimos cinco séculos, os grandes ciclos econômicos que deram origem à produção agrícola para exportação e concentração de terras decorrente do modelo de exploração econômica são o pano de fundo histórico e o cenário para a produção agrícola atual de que trata o filme que é o nosso objeto de estudo.

Encerrando o panorama no Brasil e pensando na situação mundial, encontra-se em Ziegler (2013) o que o autor vai chamar de “os gigantes do agronegócio” ou as principais empresas transcontinentais agroalimentares² que controlam não

² Apenas dez sociedades, entre as quais a Aventis, Bayer, Pioneer e a Syngenta, controlam um terço do mercado mundial de sementes e 80% do mercado dos pesticidas. Dez outras sociedades, entre

apenas a formação dos preços e do comércio dos alimentos, mas também os setores essenciais da agroindústria, notadamente as sementes, os adubos, os pesticidas, a estocagem, os transportes.

Trata-se de um mesmo movimento de exploração econômica para beneficiar os grandes produtores que atendem os mercados da Europa, em um primeiro momento, depois, o mundo norte americano e, agora, com um grande peso da Ásia, em especial, a China. O modo como a riqueza é produzida e apropriada, as diferentes estratégias para lidar com os produtores locais e a inserção periférica no Brasil no mercado global, como produtor de *commodities* e importador de produtos com tecnologia agregada, todo esse conjunto conforma uma tônica que domina os cinco séculos de existência do país. Pouca coisa mudou em termos macro estruturais na formação da cadeia produtiva nacional. Somos ainda um país que exporta material bruto e importa produtos com tecnologia agregada.

1.2 O DDT e similares: para o bem ou para o mal

No fim da década de 1930, o cientista suíço Paul Müller desenvolve o inseticida Diclo Difenil Tricloroetano, conhecido como DDT. Este produto ficou famoso devido sua utilização no combate à malária ; marcou presença na Segunda Guerra Mundial no combate aos piolhos, prevenindo o tifo em soldados. Mais tarde, essa iniciativa científica conferiu ao pesquisador o Prêmio Nobel de Medicina. Após a Segunda Guerra, iniciou-se sua produção em alta escala, tendo sido muito utilizado na agricultura como pesticida, por cerca de 30 anos. Outra função para seu uso foi em programas de controle de doenças tropicais, inclusive no Brasil, como a leishmaniose visceral (D'AMATO *et al* 2002).

No documentário que está sendo trabalhado neste estudo – “O veneno está na mesa” – o diretor traz narrativas que mostram a utilização de outros produtos químicos na guerra do Vietnã, como agente laranja; em seu discurso, a empresa produtora alegava que o DDT foi utilizado para salvar os soldados americanos de

as quais Cargil, controlam 57% das vendas dos 30 maiores varejistas do mundo. E seis empresas controlam 77% do mercado de adubos: Bayer, Syngenta, BASF, Cargil, Du Pont e Monsanto (ZIEGLER,2013).

possíveis emboscadas, uma vez que esse produto era usado para desfolhar a densa vegetação das selvas vietnamitas. Com o fim da guerra, várias ações foram movidas contra as empresas que fabricavam este pesticida. O filme mostra crianças vietnamitas mutiladas (sem braços, sem pernas), vítimas tardias do efeito do agente laranja. O filme relata também que, nem o povo, nem o governo do Vietnã receberam indenização, pois as empresas fabricantes alegavam que essa questão deve ser resolvida pelos governos envolvidos.

Os efeitos deletérios do DDT e de outros pesticidas tornaram-se públicos em 1962, quando a bióloga americana Rachel Carson lançou o livro “Primavera silenciosa”. Os Estados Unidos e o mundo ficaram cientes das consequências do DDT e de outros inseticidas de ação semelhante, mostrando que, ao exterminar massivamente as pragas, quebrava um equilíbrio na natureza, com efeitos em cadeia em longo prazo. Ela comparou o efeito das pulverizações maciças do DDT ao de uma nova bomba atômica.

Rachel Carson teve a coragem de falar contra a corrente que via nos pesticidas um indiscutível bem para a humanidade, desencadeando assim um movimento que contou com apoiadores que faziam parte de uma população assustada, despertando uma consciência ecológica. Contudo, só dez anos mais tarde, a utilização do DDT foi banida nos Estados Unidos (QUEIRÓZ, 2005). No Brasil a proibição da fabricação, da importação, da exportação, da manutenção em estoque, da comercialização e do uso desse pesticida só veio com a Lei 11.936/2009 (BRASIL, 2009).

Uma iniciativa que merece ser apontada foi a fundação do Clube de Roma em 1966, quando o industrial italiano Aurelio Peccei e o cientista escocês Alexander Kingum reuniram personalidades para debater o futuro do planeta, com base na situação política e econômica internacional e foco no meio ambiente e no desenvolvimento sustentável. Este clube ficou mundialmente conhecido quando lançou, em 1972, o relatório intitulado “Os limites do crescimento”, no qual foi apresentada a proposta de crescimento zero, durante a Conferência das Nações Unidas, em Estocolmo. A resposta veio 20 anos depois, durante a Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente em 1992 (ECO/92), na cidade do Rio de Janeiro, com os membros da Organização das Nações Unidas (ONU) quando foi apresentado o Relatório “Nosso Futuro Comum”, no qual apresenta proposições relativas a um desenvolvimento sustentável dentro do sistema capitalista (OLIVEIRA, 2012).

1.3 A chegada da Revolução Verde

Nas décadas de 1960 e 1970, a chamada Revolução Verde chega trazendo a invenção e disseminação de novas sementes e práticas agrícolas que permitiram um grande aumento na produção agrícola no mundo por meio da alteração genética de sementes, uso intensivo de insumos industriais, mecanização e redução do custo de manejo do solo e das plantações. Nessa mesma esteira, também chegaram o uso extensivo de tecnologia no plantio, na irrigação, na colheita e no gerenciamento da produção no âmbito dos negócios relativos aos alimentos. Para obter o crédito agrícola, o agricultor passa, então, a fechar o acordo obrigatoriamente em formato de um pacote do qual faz parte a compra dos insumos químicos, incluídos aí os pesticidas.

A Revolução Verde resultou num desenvolvimento tecnológico moderno, o que levou à substituição de parte das técnicas agrícolas tradicionalmente passadas de pais para filhos. Muitos agricultores optaram pela novidade por estarem entusiasmados com os altos rendimentos e com apoio institucional, técnico e financeiro. Outros camponeses relutaram a aceitar a mudança ou renegaram a essa novidade, ficando marginalizados em face da nova economia de produção agrícola (PERKINS, 1997; PARAYIL, 2003).

Na visão do documentarista do filme, a Revolução Verde é retratada como: a imposição da monocultura em áreas extensas, a expulsão do camponês e de sua família da terra por eles cultivada até então, a substituição de homens por máquinas e o uso de sementes geneticamente modificadas, conhecidas como transgênicos, generalizando tal prática sob o pretexto de multiplicar a produção.

Alguns agricultores que participam do documentário também expressaram sua opinião a respeito da Revolução Verde. Um deles considera que a Revolução Verde destruiu, apagou, levou ao esquecimento toda herança, todo acúmulo de conhecimento da agricultura tradicional de longos anos, criando algo totalmente novo. Entende que essa novidade, depois de 50 anos de existência, tem demonstrado o surgimento de muitos e graves problemas para a humanidade, tais como, perda da fertilidade do solo, redução dos mananciais, supressão da biodiversidade, contaminação do solo, das águas, do ar e das pessoas.

Outro agricultor fala que antes das sementes transgênicas, usava semente crioula e produzia muito bem. E que, por volta dos anos 1980, as empresas começaram deixar sementes para eles cultivarem; passaram a ver uma produção enorme quando comparada com a tradicional e com pouco investimento. Porém, percebe agora que perderam o controle das sementes: em 10 anos já não havia mais semente crioula.

Esses relatos nos levam a refletir sobre os riscos trazidos ou impostos pelo processo de modernização e sobre os perigos que escapam cada vez mais dos mecanismos de proteção e controle vigentes. Segundo Anthony Giddens (2012), a modernidade reflexiva é indissociável da questão do risco, pois a sociedade antecipa e pensa a partir do risco. O risco aparece quando existe uma tomada de decisão, sendo a primeira decisão definir o que comporta risco e o que não comporta. Apresentar um risco à atenção pública e à agenda política, hierarquizar os riscos, fechar os olhos acerca de um determinado risco, decidir corrê-lo ou não, assim como partilhar os riscos, são objeto de atenção pública, debates e negociações.

Os riscos afetam os limites do tempo na medida em que o presente é menos determinado pelo passado do que por uma projeção do futuro, pelas hipóteses consideradas relativamente a um futuro abstrato. Ainda segundo Giddens (2012), nenhuma nação, classe social ou grupo social estão protegidos dos riscos, implicando todos os componentes da sociedade para além das fronteiras ou das gerações. A produção de alimentos, grãos, rações e produtos de origem animal entram em outra perspectiva de análise dos riscos, mudam os critérios de avaliação e aquilo que não era objeto de debate político passa a sê-lo...

A modernidade reduz o risco geral de certas áreas e modos de vida, mas, ao mesmo tempo, introduz novos parâmetros de risco pouco conhecidos ou inteiramente desconhecidos em épocas anteriores. Esses parâmetros incluem riscos de alta consequência, derivados do caráter globalizado dos sistemas sociais da modernidade. A partir do momento em que a produção e a distribuição de alimentos entram em uma escala global, os riscos se ampliam e se disseminam por diferentes países e populações. A produção de alimentos transgênicos ou com produção intensiva de agrotóxicos deixa de ser uma questão do mercado local e passa a ser um risco global, pois o país hoje é um dos maiores produtores de alimentos e as condições dessa produção passam a ser fiscalizados e controlados por atores sociais de outros mercados.

A chegada da Revolução Verde, inegavelmente, ampliou a produção, desenvolveu novos processos e diversificou a tecnologia de plantio, aumentou a produtividade, diminuiu a carência de alguns produtos, permitiu um crescimento econômico expressivo, mas também trouxe consigo alguns problemas e novos riscos para a saúde dos consumidores e dos produtores. O uso dos agrotóxicos ampliou a oferta de produtos e multiplicou o lucro das empresas, mas também aumentou exponencialmente a exposição das pessoas que produzem e consomem a produtos considerados nocivos à saúde, pois o que é chamado de “defensivo agrícola” pode ser chamado também de veneno.

1.4 O controle do agrotóxico no Brasil

As ciências sociais que entendem o risco não como um “fato” a ser compreendido, quantificado e gerenciado, mas como algo construído socialmente. Para os cientistas sociais, as avaliações de risco não podem deixar de lado fatores subjetivos- éticos, morais, culturais- que interferem nas opções dos indivíduos

Castiel, 2010, p. 17

O risco diante da exposição crônica a resíduos de agrotóxicos³ diz respeito a agravos à saúde que podem ocorrer em longo prazo, pelo consumo, ao longo da vida, de alimentos contendo pequenas concentrações de resíduos de agrotóxicos. Sendo o Brasil apontado no documentário aqui estudado, como o maior consumidor de agrotóxico do mundo, há que se pensar sobre essa situação, que hoje já está posta.

³ Agrotóxicos e afins - produtos e agentes de processos físicos, químicos ou biológicos, destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens, na proteção de florestas, nativas ou plantadas, e de outros ecossistemas e de ambientes urbanos, hídricos e industriais, cuja finalidade seja alterar a composição da flora ou da fauna, a fim de preservá-las da ação danosa de seres vivos considerados nocivos, bem como as substâncias e produtos empregados como desfolhantes, dessecantes, estimuladores e inibidores de crescimento (BRASIL, 2002).

No filme, são recorrentes as narrativas que expressam a preocupação com as questões relacionadas à saúde. Um dos discursos trata da química que, simultaneamente, promete saúde e oferece riscos aos que consomem alimentos geneticamente transformados e aos trabalhadores que manipulam os agrotóxicos. Complementarmente, o documentário afirma que o Brasil opera com mais de 400 tipos de agrotóxicos registrados, inseticidas, fungicidas e herbicidas.

O diretor do filme se utiliza dos meios de comunicação – como, por exemplo, o rádio – para mostrar a situação no Brasil em relação a agrotóxicos que já foram banidos na maior parte do mundo e que no país circulam impunemente.

No Brasil, os agrotóxicos são controlados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Essa agência tem por finalidade institucional promover a proteção da saúde da população, por intermédio do controle sanitário da produção e consumo de produtos e serviços submetidos à vigilância sanitária, inclusive dos ambientes, dos processos, dos insumos e das tecnologias a eles relacionados bem como o controle de portos, aeroportos, fronteiras e recintos alfandegados (BRASIL, 1999). Desde 2001, a ANVISA, avalia os níveis de resíduos de agrotóxicos nos alimentos de origem vegetal que chegam à mesa do consumidor por meio do Programa de Análise de Resíduo de Agrotóxico (PARA). No entanto, a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) aponta em seu Dossiê de 2015 (CARNEIRO, 2015) a necessidade de fortalecer e ampliar este programa, incluindo alimentos processados, água, carne, outros alimentos *in natura*; este mesmo documento propõe outras ações que consideram urgentes, tais como: banir os agrotóxicos já proibidos em outros países, proibir a pulverização aérea e suspender as isenções concedidas aos agrotóxicos dos seguintes impostos e contribuições : Imposto de Circulação de Mercadoria e Serviços (ICMS), Programa de integração Social (PIS), Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (PASEP), Contribuição para Financiamento da Seguridade Social (COFINS) e Imposto sobre Produto Industrializado (IPI). No documentário mostra a perplexidade da pesquisadora da Universidade do Ceará quando descobriu que os agrotóxicos têm estímulo fiscal para serem utilizados no Brasil como todo. Há um convênio que data de 1997 que oferece uma isenção fiscal de 60% do ICMS, do IPI, do COFINS e do PIS/PASEP. E no Ceará e alguns outros estados do Brasil, os governos estaduais acharam pouco e estenderam para 100%.

Conforme estabelecido na Lei nº 7.802/89 (BRASIL,1989) conhecida como Lei dos Agrotóxicos, esses produtos somente podem ser utilizados no País se forem registrados em órgão federal competente. Também é necessário que estejam em conformidade com o Decreto nº 4.074/02, que no capítulo II, art. 2º estabelece as competências para os três órgãos envolvidos no registro, que são os Ministérios da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, da Saúde e do Meio Ambiente. (BRASIL,2002).

A análise de fenômenos interativos (biológicos, psicológicos e sociais) por meio de técnicas lineares para a estimação do risco revela-se insuficiente para abranger a ambiguidade e a subjetividade dos fenômenos relativos ao humano (CASTIEL, 1996). Mas é muito importante ressaltar que, no caso dos agrotóxicos, não se trata apenas de especulação sobre riscos desprovida de fundamentos científicos; pelo contrário, alguns dados objetivos apresentam de forma clara o uso abusivo de substâncias que são consideradas de alto risco à saúde.

Segundo matéria publicada no jornal Le Monde Diplomatique⁴,

(...) o Brasil é o segundo maior consumidor mundial de agrotóxicos. Entre 2002 e 2007, o faturamento líquido do setor passou de US\$ 1,9 bilhão a US\$ 5,4 bilhões e tudo indica que o crescimento deve continuar, graças ao fortalecimento do modelo exportador de *commodities* agrícolas, que, diferentemente da alternativa agroecológica, trata a biodiversidade como praga a ser combatida. O lucro fica na mão de poucos: apenas dez empresas respondem por 90% do mercado nacional – Bayer (Alemanha), Syngenta (Suíça), Basf (Alemanha), Monsanto (EUA), Dow Chemical (EUA), Milenia/Makteshim Agan (Israel), DuPont (EUA), FMC (EUA), Nortox (Brasil) e Arysta (Japão)”.

Cabe destacar que a estratégia dessas empresas é a de minimizar os riscos e construir uma imagem positiva, social e ambientalmente responsável. Procuram demonstrar, através desses discursos, o controle total dos processos de produção. No entanto,

(...) segundo o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas, em 2006 os agrotóxicos de uso agrícola e doméstico foram, respectivamente, a segunda e a terceira causa de intoxicações humanas no país. Contabilizaram-se quase 9.600 registros, 17% acima do ano anterior. E esses dados representam apenas a ponta do iceberg, pois as estimativas indicam que, para cada intoxicação por agrotóxico notificada, há outras 50 não comunicadas. A maior parte delas ocorre no campo, entre trabalhadores rurais, incluindo mulheres e crianças. Essa situação decorre

⁴ Disponível em: <http://diplomatique.org.br/os-agrotoxicos-e-a-forca-das-multinacionais/>. Último acesso em 24 de abril de 2017.

da combinação de inúmeros fatores, tais como a elevada toxicidade dos produtos, a forma irresponsável com que são vendidos, a falta de orientação adequada aos usuários e o baixo nível de informação e treinamento dos agricultores. Uma pesquisa realizada no norte do país mostrou que muitos agricultores desconheciam o código de cores utilizado para classificar o nível de toxicidade dos produtos (vermelho para extremamente tóxico, amarelo para muito tóxico etc.). Além disso, mais de 75% dos entrevistados afirmaram não ler a bula e nenhum deles conseguiu explicar corretamente o significado de pelo menos cinco dos 14 pictogramas utilizados para instruir analfabetos sobre o uso de máscara e luvas de proteção, entre outros. (Jornal Le Monde Diplomatique, 04/11/2008)

É possível então imaginar que os riscos são subavaliados, que os interesses das empresas são preservados e que os direitos dos consumidores de diferentes sociedades são desrespeitados. O veneno que é colocado à mesa atende aos interesses dos grandes grupos comerciais que organizam o agronegócio. Extremamente fortes e organizados por meio de *lobbies* e suas bancadas nas instâncias legisladoras do País, essas empresas fazem valer os seus interesses em detrimento dos interesses da população.

Os conflitos do campo citados anteriormente ficam mais claros na medida em que os interesses econômicos e as diferentes dimensões do problema são apresentados. Temos então um somatório de interesses e conflitos que são históricos, fazem parte da formação econômica do país, dos modos como se organizaram os grandes e pequenos produtores, os interesses que eles representam e os modos como cada grupo atua politicamente. Temos também a presença de outros atores sociais que atuam não apenas na produção de alimentos, mas na distribuição, na fiscalização ou no controle das políticas voltadas para a alimentação. Todos os discursos desses atores sociais são representados no filme e traduzem questões que são pano de fundo ou o cenário onde os embates acontecem. Cabe a nós, então, evidenciar essas falas e apresentar aos alunos como cada ator representa o seu papel, interage com os outros agentes sociais, defendendo seus interesses e assegurando alguns direitos.

1.5 Marco legal nas políticas de garantia ao direito à alimentação adequada

Na última década, o governo federal brasileiro procedeu alguns investimentos no âmbito de políticas públicas de alimentação e nutrição. Entre essas iniciativas, situa-se a ideia de Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA)⁵.

Um campo que vem se destacando é o da Segurança Alimentar e Nutricional, com a criação da Lei Orgânica (BRASIL, 2006) que defende a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que seja ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis.

Outro incentivo ao fortalecimento à alimentação adequada, veio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), ao determinar que 30% do repasse da verba destinada a compra de alimentos que compõe o cardápio dos escolares das redes públicas deverão ser oriundos da agricultura familiar e preferencialmente agroecológico (BRASIL 2009).

Com a consolidação da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (BRASIL, 2010), imagina-se um cenário favorável ao combate no uso abusivo dos agrotóxicos, uma vez que essa política objetiva promover sistemas sustentáveis de base agroecológica, de produção e distribuição de alimentos que respeitem a biodiversidade e fortaleçam a agricultura familiar, os povos indígenas e as comunidades tradicionais e que assegurem o consumo e o acesso à alimentação adequada e saudável, respeitando a diversidade da cultura alimentar nacional; e de incorporar à política de Estado o respeito à soberania alimentar⁶.

Se, por um lado, a legislação avança em aspectos que relativos à qualidade da alimentação, por outro, é difícil avaliar o está posto à mesa – se é alimento ou se

⁵ DHAA - O Direito Humano à Alimentação Adequada. É inerente a todas as pessoas de ter acesso regular, permanente e irrestrito, quer diretamente ou por meio de aquisições financeiras, a alimentos seguros e saudáveis, em quantidade e qualidade adequadas e suficientes, correspondentes às tradições culturais do seu povo e que garanta uma vida livre do medo, digna e plena nas dimensões física e mental, individual e coletiva.

⁶ Soberania Alimentar é o direito dos povos de definir suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação para toda a população. Incluem-se neste conceito: a priorização da produção agrícola local para alimentação da população e o acesso dos camponeses a terra, água, sementes e crédito para produção; a autonomia dos camponeses para produção de alimentos e dos consumidores para escolherem o que consumir; a preservação da agrobiodiversidade e da cultura alimentar dos diversos povos.

é veneno. A partir do documentário em tela podemos refletir sobre o risco do emprego do uso dos agrotóxicos na agricultura e como esse modelo gera benefícios para as grandes empresas transnacionais; podemos pensar, principalmente, sobre o uso do agrotóxico em detrimento à saúde da população.

A partir do que foi exposto acima podemos começar a problematizar as relações políticas e os interesses econômicos apresentados pelo diretor do documentário. Neste filme, podemos tratar também dos riscos à saúde pública e aos trabalhadores da lavoura devido à manipulação do veneno e à população que está se alimentando mal e perigosamente em função dos interesses lucrativos agronegócio. A obra cinematográfica enfatiza a quantidade de produtos químicos que nós consumimos, em média, 5,2 litros de agrotóxicos por ano. E isso também, pode proporcionar vários debates da alimentação em relação aos danos à saúde, como má formação fetal, doenças neurológicas, diversos tipos de câncer, entre outros questionamentos acerca da segurança e qualidade dos alimentos que consumimos. O filme destaca uma comparação entre as qualidades nutricionais de frutas e vegetais e os efeitos dos agrotóxicos neles presentes.

Essa realidade representada no cinema demonstra que o favorecimento aos interesses político-econômicos de específicos setores da iniciativa pública e privada, garante ao agronegócio cada vez mais aumentar a produtividade destinada à exportação, à custa do meio ambiente, da saúde do agricultor e da população que consome um alimento contaminado.

Nesse primeiro capítulo o interesse foi não apresentar, minimamente, os atores sociais, seus interesses e discursos, de modo a conduzir à compreensão da dinâmica da questão e à percepção de que o filme retrata assuntos e interesses que não estão claros para o público leigo e para o espectador que vê o filme de forma inocente.

2 O FILME COMO OBJETO DE ESTUDO

Este capítulo inicia abordando o gênero documentário, buscando diferencia-lo da ficção. Alguns dizem: “Tudo é ficção”; outros dizem: “Tudo é documentário”. Nessa linha, considerando, a princípio, ficção e documentário como similares, corremos o risco da desorientação conceitual e de ficar em lugar problemático para o desenvolvimento das análises pretendidas (GAUTHIER, 2011, p.12). Diante do exposto, a seguir encontram-se conceitos para melhor entendimento deste gênero aqui estudado. Também tratamos do filme como instrumento pedagógico.

2.1 Características da linguagem documental

Para entender melhor esse gênero de filme que é o documentário, recorreremos a autores que se dedicam ao tema e seus conceitos sobre o assunto.

Lucena (2012), para distinguir documentário de ficção, traz o exemplo de Louis e Auguste, os famosos irmãos Lumière, que traz as clássicas imagens da saída da fábrica, ou seja, registro de um acontecimento do mundo material, sensorial, perceptível aos olhos do homem em seu dia a dia.

“La Sortie de l'usine Lumière à Lyon” (título original) é um dos primeiros filmes da história do cinema; foi produzido e distribuído em 1895. É, por vezes, considerado como o primeiro filme a ser projetado em público. É um filme de curta-metragem com uma duração de cerca de 45 segundos.

Figura 1 - Uma cena do filme francês "A saída dos operários da Fábrica Lumière".



Da mesma lavra é o filme de 1895 "L'Arrivée d'un train en gare de La Ciotat" (título original com versão em português: "A chegada de um trem na estação"). O filme, que tem a duração de apenas 50 segundos, consta apenas de um plano com alguns passageiros à espera na estação. Um trem aparece ao fundo, segue em frente e para; passageiros saem e entram, enquanto outras pessoas se movimentam nessa estação. Este "argumento" mínimo, quase um postal em movimento, teria criado pânico entre os espectadores que não estavam ainda preparados para a surpresa da ilusão cinematográfica. Durante a sua primeira exibição pública, os espectadores começaram a gritar e a fugir para o fundo da sala quando viram o trem a vir na sua direção, como se fosse saltar da tela. O fato de a chegada do trem ter sido filmada em perspectiva, englobando os vários aspectos da ação na narrativa, torna-o objeto de um realismo profundo, se o virmos no contexto em que apareceu.

Figura 2 - Uma cena do filme francês "A chegada de um trem na estação".



Diferentemente, situa-se a “Viagem à lua”, que corresponde ao primeiro filme de ficção apresentando um mundo imaginário. Filmado na França, em 1902, “Le Voyage dans la lune” (título original) teve por base dois romances populares de seu tempo: “Da Terra à Lua”, de Julio Verne, e “Os Primeiros Homens na Lua”, de H. G. Wells. O filme teve roteiro e direção de Georges Méliès, com assistência de seu irmão Gaston Méliès. Foi extremamente popular em sua época e o mais conhecido das centenas de produções de Méliès. Foi, provavelmente, o primeiro filme a tratar de seres alienígenas e usou recursos inovadores de animação e efeitos especiais, incluindo a famosa cena da nave pousando no olho do “Homem da lua”. Alguns autores consideram este teria sido o primeiro exemplo de filme que lida com a falta de lógica no próprio raciocínio lógico; outra abordagem analítica entende que o filme questiona os valores hierárquicos da sociedade moderna francesa, colocando-os em condição que evidencia seu ridículo; outro olhar, ainda, considera que esse enredo brinca e/ou questiona e/ou ironiza os cientistas e a ciência em geral ao colocar a descoberta da face da lua como sendo, de fato, face humana.

Figura 3 - Uma cena do filme francês "Viagem à Lua".



O domínio discursivo usado na linguagem documental possui características próprias, envolve informações colhidas no mundo histórico, ambientações quase sempre realistas e personagens na maioria das vezes autodeterminantes, roteiro final definido, com o objetivo de atrair nossa atenção (LUCENA, 2012).

Nichols (2012) define documentário pelo contraste com filme de ficção ou filme experimental e de vanguarda. Segundo ele, documentário não é uma reprodução da realidade, e sim uma representação do mundo em que vivemos. As imagens que aparecem na tela são construídas segundo uma organização pré-determinada, a escolha das locações, entrevistas, argumentos e discursos obedecem a uma direção pré-definida, assim como a montagem organiza todas as falas e cenas em uma ordem que atende a uma finalidade específica. Portanto, o documentário não é neutro, nem tampouco apresenta “a verdade”; ele apenas organiza a argumentação a partir de uma perspectiva política, de um ponto de vista, de um posicionamento social; ainda que possamos concordar com ela, não podemos esquecer que ela é apenas e tão somente “uma” perspectiva e não “a única” perspectiva.

Aspectos menos visíveis do campo do documentário, dificultam definir um conceito único e abrangente que dê conta de sua complexidade e diversidade, como relata Rezende (2013) em seu livro “Microfísica do documentário”. Sob o ponto de vista do processo criativo que produz o documentário, o autor registra que este gênero pode ser visto como um campo de virtualizações e atualizações de questões,

que se dão segundo condições determinadas de produção. Como virtualização o documentário não tem objeto, nem sujeito prévio; o documentarista compõe os vários elementos que devem se integrar a outros. Essa dinâmica demonstra a complexidade do processo. O filme do gênero documentário pode ser realizado para atender a uma encomenda.

Quando se fala de encomenda, não se pensa espontaneamente nesta, e sim na encomenda interessada, formulada por uma instituição, uma associação, uma empresa, para se tornar conhecida, ou popularizar uma idéia, um projeto, um homem. Nesse caso, a realização não é abandonada unicamente à inspiração do autor. O financiamento supõe certas restrições, cláusulas e condições, que o autor deve respeitar, a menos que sua notoriedade seja tão grande que se torne mais rentável lhe dar total liberdade (GAUTHIER, 2011, p.124).

O documentário tomado para exame neste estudo foi produzido pela “Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida”, composta por dezenas de entidades da sociedade civil brasileira, movimentos sociais e redes, universidades e instituições de pesquisa, movimento sindical e entidades de classe, entidades ambientalistas, movimento estudantil, organizações relacionadas com a área da saúde, grupos de pesquisadores, entre outros. Em suas páginas na Internet, a “Campanha” apresenta seus referenciais, suas bases políticas e científicas, seus objetivos, que, em linhas gerais, estão transcritos a seguir.

A Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida tem o objetivo de sensibilizar a população brasileira para os riscos que os agrotóxicos representam, e a partir daí tomar medidas para frear seu uso no Brasil. Além, promove a agroecologia como modelo de produção de alimentos que coloca a vida em primeiro lugar.

Hoje já existem provas concretas dos males causados pelos agrotóxicos tanto para quem o utiliza na plantação, quanto para quem o consome em alimentos contaminados. Ao mesmo tempo, milhares de agricultores pelo Brasil já adotam a agroecologia e produzem alimentos saudáveis com produtividade suficiente para alimentar a população.

A Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida luta por um outro modelo de desenvolvimento agrário. Por uma agricultura baseada na agroecologia ao invés dos agrotóxicos e transgênicos, que acredita no campesinato e não no agronegócio, que considera a vida mais importante do que o lucro das empresas.

A logo marca da “Campanha” é bastante ilustrativa de sua visão a respeito dos agrotóxicos ou pesticidas ou venenos ou que nome similar venha a ser utilizado nessa linha dos malefícios que trazem para a humanidade e para o planeta.

Figura 4 - Logomarca da “Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida”



Importante registrar nosso olhar sobre a “Campanha”. Reconhecendo a impossibilidade do neutro na vida e o quão respeitáveis e representativas no campo da produção de alimentos, da defesa do ambiente, e da qualidade de vida dos povos, devemos igualmente destacar que são todas parte do jogo, possuem seus interesses e lutam pelas suas posições.

Figura 5 - Algumas das cenas iniciais do filme “O veneno está na mesa”



Vários atores sociais contribuíram para realização deste documentário, agricultores, jornalistas, agrônomos, professores, pesquisadores, médicos, nutricionista, representantes das instituições: Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), do Instituto do Câncer (INCA). Todos esses agentes são figuras expressivas e importantes no cenário político nacional e suas falas traduzem um movimento contra hegemônico que questiona os métodos utilizados pelos grandes produtores de alimentos e seus parceiros comerciais internacionais.

Em seu roteiro, o diretor Silvio Tendler, utiliza diversos meios de comunicação, como, para transmitir os relatos das denúncias. Esta estratégia de utilização de materiais divulgados em jornais, rádio e televisão, no nosso entendimento, teve como objetivo fortalecer as ideias presentes no filme com

conteúdos impactantes já legitimados em outros campos da divulgação de conhecimentos e saberes (SANTOS, 2012). Trata-se, portanto, de um discurso ideológico que visa fortalecer posições políticas.

Como documentário, o filme em exame traz informações extraídas do jornalismo, do mesmo modo como faz uso de dados científicos e de perspectivas institucionais por meio de agentes que apresentam considerações fundamentadas nas suas práticas cotidianas em relação aos agrotóxicos. O filme distancia-se, portanto, da ficção, do imaginário para assentar-se nas proximidades do real, da história, do aqui e agora, do contexto em que a sociedade e, em particular, os produtores de alimentos, se encontram no jogo de interesses materiais.

2.2 O filme na sala de aula

O meu cinema é uma tentativa de participar de lutas políticas para transformação⁷

Silvio Tandler

Pensar na utilização do cinema como instrumento pedagógico não é novidade no universo escolar. Segundo Carvalho (2003), o interesse dos educadores pelo cinema advém dos anos 1920 e 1930. A autora afirma que o filme, já nesta época, era visto por alguns educadores como um aliado na sala de aula. A ideia de trabalhar os discursos presentes nos filmes aparentemente é uma boa oportunidade para mostrar aos alunos que os discursos nunca são inocentes, neutros ou apresentam uma visão única dos fatos, pelo contrário, os discursos são armas políticas que devem ser analisados e estudados para que os próprios alunos produzam uma capacidade crítica e reflexiva acerca dos temas que os interessam.

Considera-se que o filme enriquece o ensino por permitir um contato sensorial com algo próximo ao que se passa na realidade. O uso de filmes, na sala de aula, expressa a confirmação das transformações alcançadas pela escola contemporânea e que, proporcionaram avanços tecnológicos; algumas perspectivas similares podem

⁷ Site Caliban Produções Cinematográficas

ser encontradas no plano didático-pedagógico (DANTAS, 2007). Buscando um olhar mais aprofundado e analítico sobre o uso do cinema da escola, assim como de outras estratégias no amplo da educação, entendemos a importância e a necessidade de enriquecimento da percepção crítica da realidade para que o aluno tome as suas próprias decisões e saiba discernir qual o melhor caminho ou opção política diante dos fenômenos da vida que lhes são, por esses caminhos, apresentados. Ao discutir as diferentes posições políticas ele, provavelmente, construirá argumentos mais sólidos e críticos para entender e expor a sua própria posição, defendendo os seus argumentos, respeitando os argumentos contrários e refletindo sobre o conjunto dos debates.

Duarte salienta que apesar do caráter pedagógico das histórias contadas no cinema ser relativamente de fácil percepção, não é possível avaliar a eficácia na formação daqueles a quem se destinam. Nem sempre o que o espectador vê é aquilo que o realizador da obra espera que ele veja.

O olhar do espectador nunca é neutro, nem vazio de significados. Ao contrário, esse olhar é permanentemente informado e dirigido pelas práticas, valores e normas da cultura na qual ele está imerso. Quantas vezes, ao comentar um filme com alguém que também viu, percebemos surpresas que ele teve uma interpretação muitíssimo diferente da nossa (DUARTE, 2009, p.56).

Nesse sentido, a autora avalia que possivelmente uns espectadores sejam mais suscetíveis aos significados ou interpretações impostas pelo filme que outros. Porém, acredita que esse fenômeno não esteja associado a idade ou grau de escolaridade do espectador e sim ao maior ou menor entendimento dos códigos da linguagem cinematográfica. Aponta como uma tarefa educacional, oferecer recursos para aquisição do domínio dos códigos que compõem a linguagem áudio visual para a ampliação da competência para ver, da mesma forma que fazemos para ler e escrever.

Ao permitir que o filme dialogue conosco, percebemos que nessa relação a influência de nossa história de vida, da memória afetiva e das vivências pessoais, até porque ele está repleto de elementos que estimulam, intrigam, provocam e nos emocionam. Assim, percebemos essas imagens, sons, temporalidade na forma e na ordem diferente de outros; aí está presente a importância ou os significados que damos aos acontecimentos que nos são apresentados. Afinal, o filme é feito para seduzir, para conquistar o espectador e compartilhar com ele um conjunto de ideias,

expectativas e posições ideológicas; não podemos esquecer que todo discurso, por mais inocente que pareça ser, está carregado de ideologia e interesses. E com o cinema não é diferente.

Quando o diretor Sílvio Tendler afirma que o cinema que ele faz é uma tentativa de participar de lutas políticas para transformação, o que ele está dizendo é que o filme foi construído com um propósito bem definido, que é construir uma argumentação e propor uma organização política que se posicione contra o uso dos agrotóxicos no Brasil. Esta iniciativa é louvável e concordamos com ela em muitos aspectos. Contudo, para utilizarmos o filme de forma didática em sala de aula temos que expor este jogo político para fazer com que os alunos percebam os interesses que estão em questão e tomem suas posições de forma mais consciente.

Como diz a jornalista Ana Maria Bahiana (2012), um filme é uma encruzilhada de elementos contraditórios. Ao se pensar num filme e em todas as suas dimensões, pode parecer estranho pensar naquela realidade construída e que em alguns momentos parece estar tão próximo de nós por alimentarem nossa imaginação quando nos deparamos com cenas que representam a realidade por meio da necessidade de expor e de discutir tal temática. O filme pode estar se equilibrando entre a arte e o comércio; mas, a nós, interessa a análise de como aquele projeto se definiu. É a partir do estudo da construção do projeto que se produz uma reflexão crítica sobre o produto final que foi realizado.

Um exemplo de utilização e análise de filmes em sala de aula foi apresentado na disciplina "Cinema e subjetividade", do Programa de Pós-graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde da UERJ. Os docentes propuseram a análise do filme utilizando diferentes dimensões, seguindo a seguinte proposta de abordagens mostrada no quadro abaixo.

Quadro 1 - Dimensões para análise do filme "O veneno está na mesa" em sala de aula

Dimensões	Alguns componentes
Social	Relações sociais acerca do alimento
Formal	Montagem, cenários, ritmo, planos
Econômico	Produção, distribuição e consumo dos filmes na lógica da indústria cultural
Conceitual	Implicações históricas, econômicas
Pedagógica	Elementos para discussão em sala de aula
Pessoal	Narrativas, histórias de vida, vivências pessoais

Este o modelo remete ao que Becker (1994) denomina como mosaico científico em que cada peça acrescentada contribui na compreensão do quadro como um todo, como diferentes fragmentos representados nas diferentes narrativas. Este método de pesquisa em Ciências Sociais foi norteador para pensarmos numa discussão ampliada voltada para um olhar multidimensional do filme. A partir dessa perspectiva analítica, tais dimensões foram trabalhadas sobre o documentário e, a partir delas, foi produzido o capítulo “O veneno está na mesa: um olhar multidimensional para o cinema na sala de aula”, publicado no livro “Cinema e Comensalidade” (FERREIRA, PRADO, VARGAS e SEIXAS, 2016). O texto correspondente encontra-se incluído nesta dissertação (ANEXO C).

Os aspectos políticos e ideológicos da produção de alimentos não têm lugar de destaque nos conteúdos disciplinares tradicionais dos Cursos de Graduação em Nutrição que, em geral, reduzem e delimitam suas áreas de atuação e a formação dos alunos aos saberes técnicos, em detrimento dos saberes humanistas que fariam parte de uma formação mais generalista e crítica. A produção e o consumo de alimentos é um fenômeno complexo e é preciso ampliar a capacidade perceptiva dos alunos, incluindo novos modos de ver, pensar e sentir que ultrapassem os limites disciplinares dos cursos que predominam na atualidade.

A disciplina citada acima teve como proposta inicial o uso do cinema como ferramenta pedagógica dentro da perspectiva de sua implementação voltada para a graduação e como “estudos de caso” que permitissem uma discussão ampliada dos elementos simbólicos presentes na comensalidade, neste caso, voltada para os alunos da pós-graduação. Esta iniciativa faz parte de uma discussão que acontece entre os pesquisadores do NECTAR (Núcleo de Estudos sobre Alimentação e Cultura) e busca incorporar novos elementos que ampliem a compreensão das relações sociais presentes no campo da Alimentação e Nutrição que, geralmente, são pouco discutidas em todos os planos da formação graduada e pós-graduada.

Outra experiência vivenciada aconteceu nas aulas da disciplina “Cinema e História” oferecida no Curso de Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, que apresenta o cinema como matriz da compreensão da história das grandes questões sociais, políticas e culturais.

3 CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Esta pesquisa iniciou-se com a seleção de filmes do gênero documentário e que tinham relação com o campo da Alimentação e Nutrição. Após assistir vários, o eleito foi o filme “O veneno está na mesa” devido ao interesse por conta do vínculo com a temática através da participação nos movimentos aí implicados. Pensar sobre a própria inserção na vida e aprofundar experiências analíticas sobre o cinema em torno dessa posição pareceu ser um caminho enriquecedor do ponto de vista da formação intelectual e política.

A partir daí, passou-se ao levantamento de publicações em livros e artigos para consolidar o referencial teórico e metodológico referente às propostas deste estudo.

Trata-se, portanto, de pesquisa que utiliza o cinema para refletir sobre uma situação posta na tela como representação da realidade. Segundo Minayo (2010), o método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, enfim, como agem, sentem e pensam.

Pensando no campo das Ciências Humanas e Sociais, onde a representação social corresponde a uma forma de organização simbólica da realidade, a uma via de compreensão da vida cotidiana por meio da sistematização conceitual de suas práticas e condutas. É também um modo de interpretar o senso comum socialmente compartilhado e de investigar o que dizem os atores envolvidos em seus papéis sociais (FERREIRA, 2015). As Ciências Humanas e Sociais exercitam uma prática compreensiva das realidades sociais e também uma prática epistemológica sobre a cientificidade de suas próprias descobertas. A partir dela, podemos perceber os códigos e estruturas comuns entre as pessoas, culturas, instituições, campos e relações. É possível pensá-las, decodificá-las, organizá-las e classificá-las.

As Ciências Humanas e Sociais nos ajudam a perceber as interpretações dos diferentes atores sociais, de acordo com as suas posições e interesses; os detalhes que passam despercebidos na vida social; as diferentes visões de mundo e as representações sociais; as visões dominantes e hegemônicas que mantêm os mecanismos de dominação e alienação. Elas são fundamentais para uma formação

humanista, reflexiva e crítica, que é citada nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Nutrição. Os alunos precisam perceber que o fenômeno cultural não é apenas um lugar subjetivo. Ele possui uma objetividade, ele constitui o cerne da organização política e econômica.

Considerando que é preciso, então, refletir sobre o ensino dos princípios do modelo científico para pensar a intersubjetividade (por estar sempre em relação uns com os outros), a compreensão dos fenômenos sociais (por entender as coisas e as realidades sociais como dotadas de sentido) e a racionalidade e intencionalidade das ações (por ver o mundo social como sempre constituído por ações e interação, regras e convenções que obedecem a usos, costumes e padrões estabelecidos e naturalizados). Neste sentido, o papel da Sociologia seria o de ajudar a pensar e enfrentar os problemas e questões que se apresentam na sociedade. A Sociologia, ao contrário da política, não visa **prescrever**, mas **compreender** a lógica do funcionamento social (WEBER, 2016). Ela não tem a ação, mas o conhecimento como finalidade primeira, ela fornece instrumentos de compreensão do mundo que permitem aos agentes sociais lutar contra as formas de dominação. Desvelando para os agentes sociais os mecanismos da dominação, ela lhes fornece também argumentos utilizáveis na ação política. Deste modo, a descrição das relações sociais não é um simples relatório científico, podendo se constituir como um instrumento de libertação dos dominados, permitindo-lhes tomar os seus destinos nas próprias mãos. Além da contribuição das Ciências Sociais como um fundamento da metodologia de pesquisa qualitativa, é sobretudo no olhar dessas ciências, centrado na compreensão e na interpretação dos fenômenos socioculturais ligados à saúde e ao adoecimento, que utilizamos tais abordagens (LUZ, 2009).

O documentário objeto deste trabalho é uma produção nacional, produzido a partir de uma perspectiva que visa a combater a utilização de agrotóxicos e a ação de suas empresas (produtoras e comercializadoras), explicitando as contradições geradas pelo modelo de produção imposto pelo agronegócio, que colocou o Brasil desde 2008 como o maior consumidor de agrotóxico no mundo. Defende-se aqui a ideia de que o uso de agrotóxicos gera impactos à saúde pública porque atingem vastos territórios e envolvem diferentes grupos populacionais, como trabalhadores rurais, moradores do entorno de fazendas, além de todos os consumidores. A Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), que também está engajada

A filosofia nos convida a pensar, segundo Chauí (2000), fazendo um movimento de retorno a si mesmo, questionando ao pensamento – Por que? O que? Para que? Indagando os seres humanos no momento reflexivo. Questionar os motivos, as razões e as causas que nos levam a dizer e a fazer de uma forma e não de outra, dentro de um contexto e com uma finalidade. A reflexão é o movimento pelo qual o pensamento volta-se para si mesmo, interrogando-se a si mesmo (CHAUÍ, 2000). Consideramos que é preciso incentivar o uso da reflexão filosófica nos Cursos de Graduação em Nutrição porque ela pode ser útil para pensarmos outras dimensões presentes na produção, distribuição e consumo de alimentos, ou seja, é preciso que a Nutrição produza uma reflexão crítica que ajude seus profissionais a pensar as ações e os modos de atuação prática, sua relação com a indústria de alimentos e sua própria identidade. Segundo Marilena Chauí (2000), a reflexão filosófica organiza-se em torno de três grandes questões:

Por que pensamos o que pensamos, dizemos o que dizemos e fazemos o que fazemos? Isto é, quais os **motivos**, as **razões** e as **causas** para pensarmos o que pensamos, dizermos o que dizemos, fazermos o que fazemos?

O que queremos pensar quando pensamos, o que queremos dizer quando falamos, o que queremos fazer quando agimos? Isto é, qual é o **conteúdo** ou o **sentido** do que pensamos, dizemos ou fazemos?

Para que pensamos o que pensamos, dizemos o que dizemos, fazemos o que fazemos? Isto é, qual é a **intenção** ou a **finalidade** do que pensamos, dizemos e fazemos? (CHAUÍ, 2000, p. 20. Grifos da autora)

Neste sentido, a reflexão filosófica apresenta suas indagações – Por que? O que? Para que? – dirigindo-se ao pensamento, aos seres humanos no ato da reflexão. São perguntas sobre a capacidade e a finalidade humanas para conhecer e agir. O conhecimento filosófico é um trabalho intelectual. É sistemático porque não se contenta em obter respostas para as questões colocadas, mas exige que as próprias questões sejam válidas e, em segundo lugar, que as respostas sejam verdadeiras, estejam relacionadas entre si, esclareçam umas às outras, formem conjuntos coerentes de ideias e significações, sejam provadas e demonstradas racionalmente (CHAUÍ, 2000).

Na sua origem, o campo da Nutrição sofreu uma forte influência de Josué de Castro e Felipe Escudeiro, com uma perspectiva social e uma atuação política bem definida. É preciso, então, produzir uma reflexão filosófica acerca da indústria de

alimentos, sua relação com o campo da Nutrição, os conflitos de interesses e os rumos da formação do profissional nas suas relações com os interesses do mercado. Segundo o seu principal documento, que define os parâmetros da profissão, o Curso de Graduação em Nutrição tem como perfil do formando egresso ou profissional um:

Nutricionista, com formação **generalista, humanista e crítica**, capacitado a atuar, visando à segurança alimentar e à atenção dietética, em todas as áreas do conhecimento em que alimentação e nutrição se apresentem fundamentais para a promoção, manutenção e recuperação da saúde e para a prevenção de doenças de indivíduos ou grupos populacionais, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida, pautado em princípios éticos, com reflexão sobre a realidade econômica, política, social e cultural (CNE, 2001).

Mas a formação atual tem sido orientada para formação técnica que atenda aos interesses do mercado, sem disciplinas que proporcionem uma formação generalista de fato e sem uma reflexão crítica acerca dos próprios rumos da profissão ou da sociedade, características da formação humanista. O fenômeno da alimentação e do consumo de alimentos vai muito além da dimensão biomédica e da ingestão de nutrientes. É preciso olhar o fenômeno a partir de suas diferentes perspectivas, de modo a incorporar as dimensões políticas, éticas e econômicas nos cursos de formação de nutricionistas.

Olhar para o filme e tentar compreender os conflitos e disputas presentes na sociedade, os interesses em jogo, as relações de poder que envolve o alimento como um produto imerso no universo capitalista do consumo, como também problematizar o modelo de produção de alimentos no Brasil, refletir sobre questões sociais, econômicas, políticas e de saúde, é o que pretende fazer neste trabalho.

No caminho metodológico trilhado, seguimos separando os discursos mais relevantes presentes no filme para serem analisados a partir de referências conceituais de Foucault. Como diz o filósofo: “em que toda sociedade a produção do discurso é, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos, para conjurar poderes e perigos” (FOUCAULT, 2005, p.9).

Lembramos que o documentário corresponde a representação da realidade pensada pelo diretor como uma verdade; desse ponto de vista, ele seleciona seus personagens, suas falas, suas cenas, som, imagens e assim por diante. Vejamos como Gauthier retrata o diretor que conduz um documentário:

O documentarista não é um roteirista que escreve o roteiro, é alguém em busca da verdade. Um documentário é uma pesquisa, de algum modo uma investigação, e, por isso, tudo é questão de método. Se a temática é vasta demais para que se possa ter a ambição de chegar à *Verdade*, que só pode ser parcelar, cabe ao cineasta demonstrar que ele não trapaceia com sua convicção (GAUTHIER, 2011, p.120).

No caso do diretor do documentário em questão, que defende o cinema como uma arma de luta, uma arma de reflexão, uma arma de pensamento. Vale ressaltar que as armas podem ser utilizadas pelos diferentes lados da questão.

4 ANÁLISE DO FILME

O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.

Foucault, 2005, p. 26

A análise foi estruturada no formato de quadros compostos pelos discursos presentes no documentário em exame. Para cada quadro foi designado um tema em consonância com os conceitos relativos à análise de discurso em Michel Foucault. Procuramos então estabelecer relações entre os discursos presentes no filme e trechos de livros de Foucault, principalmente “A ordem do discurso”, marcando um conceito ou uma reflexão que pudesse sintetizar a questão correspondente. Em seguida fizemos as nossas considerações. Foram elencados 8 temas, 18 discursos e 9 referências conceituais, conforme descritos abaixo.

Iniciamos na temporalidade da exibição do filme, com as primeiras imagens apresentadas. Nos enunciados do quadro 2, há dois discursos expressos na mesma materialidade, na mesma forma de linguagem – a escrita – apresentada pela foto do cartaz e pelas frases. O discurso pode apresentar diferentes materialidades: oral, visual, em forma de arte, dança, o cinema explora bastante esses recursos, seus efeitos e sentidos. Neste caso, as palavras escritas vão, desde o início, dando o tom posicionado politicamente do documentário. Os cinza-escuros e marrom-enferrujados do fundo estão em contraposição com o amarelo, ao mesmo tempo pálido e borrado como se fosse um luminoso que vem apagado e sujo; compõem um discurso que denuncia: “DESDE 2008 O BRASIL É O MAIOR CONSUMIDOR DE AGROTÓXICOS”. Como que diante de uma guerra e suas armas arrasadoras, o alerta contra o perigo parece se manifestar nessas formas e cores conformando um conjunto que fala para além das palavras.

Figura 7 - Imagens iniciais do filme “O veneno está na mesa”



Quadro 2 - O discurso contra hegemônico como posicionamento inicial

Tema: Discurso	
Discurso / Enunciado	Referência Conceitual
<p>1ª cena – Locução Desde 2008 o Brasil é o maior consumidor de agrotóxico.</p> <p>Cartaz da Campanha Permanente Contra o Agrotóxico e pela Vida – foto da pulverização aérea de agrotóxico no prato de comida. Abaixo da foto a seguinte frase: Cada brasileiro consome em média 5,2 litros de agrotóxicos por ano. Até quando vamos engolir isso?</p> <p>20ª cena – 18'14" – Frase Trigo contaminado? O pão, a pizza e o macarrão também estão. Brasil envenenado, pobre tem que comer veneno. Orgânico é para rico.</p>	<p>O discurso que não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo o que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar (FOUCAULT, 2005).</p>

Foucault apresenta o discurso como conjunto de enunciados, podendo ser originários de diferentes campos, mas seguindo as mesmas regras. Ele, porém, condiciona ao enunciado alguns elementos básicos: ter referência, ter um sujeito, estar associado com outros discursos e as formas concretas com que ele aparece. Em sua “Arqueologia do saber”, Foucault situa discurso como:

(...) um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”) a questão do poder, um bem

que é, por natureza, o objeto de luta, e de uma luta política (FOUCAULT, 2012, p.147)

Para o filósofo, são os discursos que produzem as coisas, as verdades historicamente construídas. Identificar o País como o maior consumidor de agrotóxico há muitos anos seguidos, sem que haja a menor menção à mudança nesse cenário, implica em afirmação muito forte e mais impactante. Seguir afirmando que cada um de nós, expectadores, consome em média 5,2 litros de agrotóxicos por ano, coloca-nos diretamente envolvidos na trama. Por fim, perguntar “Até quando vamos engolir isso?” é o mesmo que apresentar um chamamento à reação diante da tragédia anunciada, colocando, ao mesmo tempo, sobre cada um de nós a responsabilidade pela realização de alguma ação em resposta.

Este enunciado dá o tom de guerrilha e expõe claramente o discurso como uma arma que pode causar ou evitar doenças e morte das vítimas. Quando ele afirma em seguida que no “Brasil envenenado, pobre tem que comer veneno. Orgânico é para rico”, fica clara também quem será a vítima preferencial. A partir do discurso presente no filme temos exposto o jogo de dominação política, uma amostra do modo de agir do interesse econômico e uma convocação a alguma forma de contraposição a tal situação. Um discurso contra hegemônico como posicionamento inicial.

Nesse jogo, a presença de instituições fortes, reconhecidas na sociedade por sua excelência na pesquisa científica e por seu papel no tratamento do câncer, por exemplo, traz credibilidade ao discurso. É o caso do INCA no Brasil. Lembremos que o câncer é uma doença percebida como gravíssima e que, vindo aqui, fica associada aos agrotóxicos, acentuando mais ainda a magnitude do problema em foco.

Figura 8 - Cena que mostra a fachada do Instituto Nacional do Câncer



Nos enunciados do quadro a seguir, encontram-se sujeitos historicamente constituídos por meio de práticas de poder ou de conhecimento. Percebe-se que as narrativas se correlacionam na mesma formação discursiva, sendo ditos dentro das posições que ocupam no campo. Esses sujeitos falam de um lugar: de um campo de saber, de um campo institucional, cada qual com sua competência. Estão representados pela epidemiologista do Instituto Nacional do Câncer e na pessoa do nutricionista da mesma instituição. Porém, apesar dos dois pertencerem profissionalmente à área da saúde e de atuarem na mesma instituição, exprimem opiniões que apresentam modulações distintas em relação ao consumo de alimentos, o que sugere que as diferentes competências exercidas por cada profissional fazem com que apresentem discursos divergentes no campo científico.

As instituições também possuem divergências entre si e, mesmo que alguns sujeitos trabalhem junto ao poder público, as diferenças aparecem nos discursos, desde as mais gritantes, como entre os interesses do agronegócio e os profissionais de saúde, mas também entre os próprios profissionais que também possuem filiações institucionais e possuem interesses diferentes e/ou divergentes.

De qualquer modo, a expressão institucional do poder científico que é capaz de tratar o câncer e até mesmo de lhe impor a cura materializa-se nos sujeitos do discurso, conferindo valor de verdade ao filme em suas alegações.

Quadro 3 - O discurso institucional

Tema: A instituição que fala através do sujeito	
Discurso / enunciado	Referência Conceitual
<p>18ª cena – 17'23" – Dra. Ubirani Barros Otero – Epidemiologista – Instituto Nacional do Câncer (INCA) A recomendação da instituição é que ninguém deixe de comer frutas, verduras e legumes por causa dos agrotóxicos. Então qual é o ideal? O ideal é que esses produtos não sejam utilizados.</p>	<p>Os enunciados se correlacionam na mesma formação discursiva, sendo ditos dentro das posições que ocupam no campo. Esses sujeitos falam de um lugar: de um campo de saber, de um campo institucional, cada qual com sua competência (FOUCAULT, 1986, p.70).</p>
<p>19ª cena – 17'36" – Fábio Gomes – Nutricionista – INCA Se as pessoas não consumirem frutas, verduras e legumes, elas vão acabar consumindo outros alimentos que em tese a gente imagina que não tenham agrotóxico. A gente imagina isso porque quando pensamos em agrotóxico a gente pensa em geral em alimentos frescos. Então as pessoas não perguntam se a farinha láctea, a farinha de arroz, se os alimentos processados que também utilizam a matéria prima que pode estar sendo produzido com uso de agrotóxico também leva esses pesticidas.</p>	

Uma vez que a Epidemiologia sendo uma ciência que estuda os padrões da ocorrência de doenças em populações humanas e os fatores determinantes destes padrões, aborda o processo saúde-doença em grupos de pessoas que podem variar de pequenos grupos até populações inteiras, ao evidenciar o aumento na incidência de doenças relacionada ao consumo de determinados alimentos (no caso, frutas, verduras e legumes) isso significa que não consumir tais alimentos deverá diminuir tal incidência. Evidencia-se de uma contradição no interior dos discursos dos especialistas que coloca face a face a necessidade cientificamente estabelecida da ingestão dos nutrientes presentes nas frutas, verduras e legumes para prevenir doenças e promover a saúde e a presença indiscutível de agrotóxicos nesses alimentos, acompanhados obviamente de todos os significativos riscos à saúde, para as abordagens nutricional e epidemiológica.

Como podemos observar, para cada posição no jogo há um interesse, para cada lugar de fala do sujeito há um modo de construção do discurso, para cada perspectiva política ou ideológica há uma forma específica de arrumar o discurso segundo a sua conveniência, ou seja, o discurso é maleável e volúvel, é uma arma que pode ser utilizada de diferentes formas e para atender a diferentes fins. Através do discurso, portanto, os diferentes atores sociais falam de um lugar específico, representam as ideias que constituem o seu campo de saber, apresentam os interesses e as estratégias de cada campo institucional, cada qual com sua competência e sua posição no jogo.

Sobre instituições que representam espaços de poder, discursos se confrontam expressando interesses em disputa. É o caso de instâncias que contam com algum grau de poder regulatório como a ANVISA, por exemplo. Matéria jornalística é levada a compor o filme com imagens que lembram as primeiras letras que abrem o documentário. A paleta de cores, oscilando entre os tons escuros que emolduram o amarelo das laranjas em uma feira livre, conforme é ilustrado na figura 9, também faz parte da narrativa do filme. O trágico alerta que inicia o documentário renova-se como fundo para as palavras que denunciam a ação direta de setores políticos instalados no poder legislativo questionando a ação dessas agências regulatórias, indicando seu papel na representação de interesses das empresas que conformam esse complexo identificado como agronegócio em resposta a possíveis apoios financeiros junto as correspondentes campanhas eleitorais. Circulando por entre representantes os mais diversos, os discursos vão se transmutando em ações,

materializando-se em medidas legais que ora pedem para este, ora para aquele lado, conforme estruturas e circunstâncias inerentes à circulação de poder na sociedade.

Figura 9 - Cena de fundo de matéria de radio sobre ação de deputados junto à ANVISA



Quadro 4 - discurso que circula

Tema: Conflito de interesses	
Discurso / enunciado	Referência Conceitual
<p>34ª cena – 33'12" – Dr. José Agenor Alvares da Silva – Diretor da ANVISA Existe um antagonismo que muitas vezes é até irreversível, entre a opção econômico comercial e a opção da saúde. Nós temos esta dupla responsabilidade. A nossa responsabilidade maior é garantir a saúde da população.</p> <p>35ª cena – 33'35" – Dra Lia Giraldo da S. Augusto – Prof. Pesquisadora do Centro de Pesquisa Ageu Magalhães – FIOCRUZ A nossa experiência é na verdade de constatar diversos mecanismos de atuação do <i>lobby</i> do agronegócio sobre as estruturas do Estado no sentido de impedir que os órgãos façam cumprir sua missão. Recentemente, nós trabalhamos apoiando a ANVISA na revisão de 11 agrotóxicos e pudemos constatar a pressão de diversos órgãos governamentais representando interesses (conflitos de interesses) do agronegócio e vimos isso claramente ser feito pelo Ministério da Agricultura, Ministério de Ciência e Tecnologia e pela Casa Civil.</p> <p>36ª cena – 34'55" – Reportagem Rádio CBN O que a gente apurou junto a ANVISA, é que algumas lideranças políticas estão pressionando a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, questionando a resolução que veta a comercialização e o uso desse produto. Pressionando de que forma? Telefonando e questionando porque está havendo esse embargo, porque estão vetando a circulação desse produto. O que eu posso entender dessa situação é que mais uma vez não é uma questão político partidária, mas poderia ser aqui uma retribuição a forma com que certas fábricas, certas empresas ligadas ao setor químico que produz agrotóxicos financiam campanhas.</p>	<p>O poder, acho eu, deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia. Jamais ele está localizado aqui ou ali, jamais está entre as mãos de alguns, jamais é apossado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo. [...] Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles (FOUCAULT, 2004, p.193)</p>

Nos enunciados do quadro 4, os discursos, tanto do diretor da ANVISA, quanto a pesquisadora da FIOCRUZ ou, também, na reportagem demonstram não haver interesses por parte desses agentes em atender aos lobistas; configuram-se em seus discursos denúncias relativas a pressão que os técnicos sofrem para atender aos interesses de quem detém o poder político econômico. O filme elucida bem as questões relacionadas aos cientistas que são vistos pelo setor privado, pelas empresas de produtos químicos e também pelos órgãos governamentais como militantes da causa e não pelo fato de serem profissionais comprometidos com a saúde da população. Mas como nos diz Foucault: “O que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde a final, está o perigo?” (2005, p. 8).

Neste caso o perigo está no risco que esses profissionais sofrem em relação ao seu emprego e até a sua vida. Nessa inversão dos valores, quem ameaça não está preocupado em se arriscar; o que preocupa é perder politicamente e economicamente o poder. No jogo de poder, um dos discursos circulantes logrou materialização através da Lei nº 12.813, de 16 de maio de 2013, que ficou conhecida como Lei de Conflito de Interesses que estabelece formas de o agente público se prevenir de situações como as relatadas no filme (BRASIL, 2013).

Enfim, como afirma Foucault, o poder circula entre atores sociais, agentes e instituições, ele funciona em cadeia sem ficar num lugar ou agente específico. Ele se distribui entre os agentes se exerce e se manifesta em rede. Nas falas dos entrevistados acima podemos ver o quanto os discursos e os indivíduos se deslocam, alguns sendo submetidos e outros exercendo o poder, ou seja, o poder transita pelos indivíduos e, dependendo do contexto ou do cenário político, ele muda de mãos. E ninguém quer abrir mão do poder que tem.

As armas nas disputas pelo poder são diversas, estando os discursos circulantes entre as principais. Palavras, imagens, sons. O cinema também lança mão do que tem disponível e segue reiterando o tom militante assumido desde o princípio do documentário.

Figura 10 - Cenas que antecedem o tema da divulgação ao nível mundial da presença de agrotóxicos nos alimentos no Brasil



Quadro 5 - O discurso como dispositivo estratégico de poder: o uso do direito privilegiado de falar

Tema: Relações de poder	
Discurso / enunciado	Referência Conceitual
<p>20ª cena – 18'14" – Frase Trigo contaminado? O pão, a pizza e o macarrão também estão. Brasil envenenado, pobre tem que comer veneno. Orgânico é para rico (figura 10).</p> <p>21ª cena – 18'30" – Senadora Kátia Abreu – Democratas (DEM) de Tocantins O grande responsável pelo motivo dessa audiência pública é o autor de uma entrevista no jornal Le Monde Diplomatique, que publicou uma entrevista bastante prejudicial ao País. "Brasil envenenado"; e o subtítulo: "Alimentos contaminados". Então, a partir do momento que um Diretor da ANVISA, que é responsável em avaliar, aprovar ou não, os defensivos para agricultura, genéricos ou não, faz uma declaração dessas na imprensa, ele tinha a obrigação de vir se justificar no Senado Federal. Elas estão dando prejuízo ao patrimônio nacional. Essas pessoas esquecem que elas também comem e que querem comer barato. Se ele tem um bom salário na ANVISA, não é o caso de milhares e milhares de brasileiros que ganham salário mínimo ou não</p>	<p>(...) o poder é algo que funciona através do discurso é, ele mesmo, um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder (FOUCAULT, 2003 p. 253).</p>

Quadro 5 - O discurso como dispositivo estratégico de poder: o uso do direito privilegiado de falar

Tema: Relações de poder	
Discurso / enunciado	Referência Conceitual
<p>ganham nada e que, portanto, precisam comer comida com defensivo, sim; infelizmente, que é a única forma de comer alimentos mais barato. Se nós pudéssemos produzir orgânico para todo o Brasil e para o mundo, nós precisaríamos no mínimo (eu nunca fiz essa conta) de três Brasis ou quatro, daí prá mais, para produzir o mesmo tanto para os brasileiros e exportar. Então, eu não compreendo onde essas pessoas querem chegar. Elas querem atingir quem? As pessoas pobres que não podem comer comida cara? Ou eles estão revoltados porque o Brasil diminuiu o preço da compra da comida em uns 1000%? 40 anos atrás, Senhor Presidente, o trabalhador brasileiro gastava 50% da sua renda com comida, hoje gasta 18%. Se não nos atrapalhassem, os agricultores poderiam estar aí fazendo custar 12% da renda do trabalhador. E a burocracia para dificultar a vida da maioria e beneficiar uma pequena minoria. E, o pior de tudo isso, o mais desonesto, é que a bandeira é bonita, é da saúde humana em jogo. A população toda fica do lado deles.</p> <p>22ª cena – 20'40" – Dr. José Agenor Alvares da Silva – Diretor da ANVISA</p> <p>Nós já pegamos resíduo de agrotóxico em cultura que aquele agrotóxico não é autorizado. Já pegamos resíduo de agrotóxico em cultura que é autorizado, mas está muito acima do permitido. E já pegamos resíduo de agrotóxico que não é permitido no Brasil.</p>	

O quadro 5, o diretor do filme utiliza de uma frase na 20ª cena para despertar a atenção para discurso da cena seguinte que foi proferido durante uma audiência pública por uma representante do Senado que defende o modelo atual de produção de alimentos. Esta audiência foi convocada a título de repressão ao representante do órgão competente pela vigilância sanitária por ele ter concedido uma entrevista a um jornal francês em que falou sobre a qualidade dos alimentos no Brasil e sobre a utilização de agrotóxicos em grande quantidade.

Nota-se claramente que há um jogo de poder e interesses de aproveitar o direito privilegiado de falar, para dar os sentidos e significados que minimizem os efeitos que possam ter produzido a entrevista para um jornal internacional sobre os venenos utilizados no País, o que comprometeria as transações comerciais e econômicas como também a imagem dos empresários do setor. O jogo político incorpora, então, outros atores sociais do cenário global. Na medida em que as forças políticas locais não conseguem frear os interesses econômicos das grandes empresas apela-se então para outros parceiros, outros discursos e outras instâncias de luta. O jogo discursivo muda de fase e começa a ser jogado incorporando outros agentes e interesses na discussão, pois se os interesses do agronegócio têm o

poder de impor as regras, os interesses dos consumidores locais ou globais precisam ser escutados. A luta pelo poder assume, então, outra configuração, incorporando a imprensa global e trazendo para a cena a discussão para uma arena ampliada. O uso da imprensa internacional aparece como um dispositivo estratégico na luta pelo poder simbólico local.

Em um mundo ideal, caberia aos representantes do Senado a visão integral sobre o assunto, uma vez que o Senado tem como principal função propor e votar as leis. No que concerne a leis de permissão ou proibição desses produtos químicos, esses representantes do povo deveriam estar atentos aos pareceres técnico-científicos gerados nas instâncias que têm tais incumbências. Porém, a Senadora em questão ignora deliberadamente esse tipo de informação, desqualificando discursos situados na ordem científica ao silenciá-lo e colocando luz sobre a repercussão político-econômico derivada das denúncias que alcançaram o mundo. Vale ressaltar que a Senadora, após essa declaração, esteve à frente do Ministério da Agricultura e, atualmente, está de volta ao Senado.

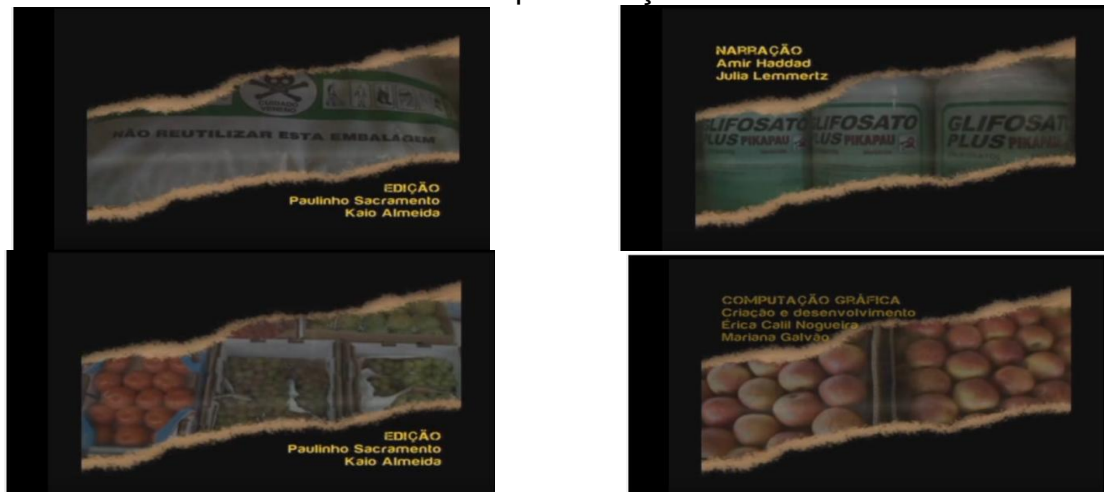
Foucault nos remete a um poder que não se relaciona com o unitário, mas um poder institucionalizado, desigual, que mantém privilégios. Um poder relacionado com condições históricas, complexas, em que o poder não se limita em uns sobre os outros, mas sim numa alternância e simultaneidade. Em seus escritos sobre “O sujeito e o Poder”, o filósofo entende que:

(...) a análise das relações de poder numa sociedade não pode se prestar ao estudo de uma série de instituições, nem sequer ao estudo de todas aquelas que mereceriam o nome de “política”. As relações de poder se enraízam no conjunto da rede social. Isto não significa, contudo, que haja um princípio de poder, primeiro e fundamental, que domina até o menor elemento da sociedade; mas que há, a partir desta possibilidade de ação sobre a ação dos outros (que é co-extensiva a toda relação social), múltiplas formas de disparidade individual, de objetivos, de determinada aplicação do poder sobre nós mesmos e sobre os outros, de institucionalização mais ou menos setorial ou global, organização mais ou menos refletida, que definem formas diferentes de poder (FOUCAULT, 1995, p. 247).

Entremeando alimentos, embalagens de agrotóxicos e signos do perigo e da morte, segue a apresentação dos créditos, situada no início do documentário, de acordo com as cores, formas de letras e sons de fundo que dão a linha guia da narrativa. A locução traz à luz entraves que se expressam em discursos presentes em petições, embargos, processos e outros documentos que guardam os poderes,

verdades e falsidades que marcam os instrumentos do judiciário, por exemplo. Da mesma forma, os discursos proferidos pelos meios de comunicação de massa podem apresentar algum pendor para este ou para aquele lado, para a verdade ou para a falsidade, conforme os interesses em campo.

Figura 11 - Cenas de fundo durante a apresentação dos créditos do filme



Quadro 6 - O discurso e a vontade de verdade que o atravessa

Tema: Vontade de verdade	
Discurso / enunciado	Referência Conceitual
<p>3ª cena – 2'17" – Locução São vários os princípios ativos banidos na maior parte do mundo que circulam impunemente no Brasil, porque o <i>lobby</i> dos agrotóxicos (que é poderoso, que movimenta recursos vultosos, o Brasil é o campeão mundial de agrotóxicos, nenhum outro país pulveriza na lavoura tanto agrotóxico quanto o nosso, esse setor movimentou ano passado mais de 7 bilhões de dólares em venda de produtos) questiona na justiça com sucessivas petições, com embargos, protelando processos... Então, a reavaliação toxicológica da ANVISA fica amarrada as injunções do judiciário.</p>	(...) essa vontade de verdade também reconduzida, mas profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído (FOUCAULT, 2005, p.17)
<p>25ª cena – 25' 13" – TV Jornal da Globo No Paraná o aumento na produtividade nas lavouras de soja esconde um perigo: é o descontrole das aplicações de agrotóxico. A cada ano, aumentam as pulverizações e o risco no campo. Quarta aplicação de agrotóxico para garantir a safra de trigo. Segundo agricultor: "Cada ano aparece uma praga diferente, para cada praga um produto diferente". Nos últimos 9 anos, o uso de defensivo quase dobrou no Paraná; antes era duas aplicações em média, agora chega a quatro, e na plantação de soja o abuso ainda é maior, 8 aplicações. A venda de agrotóxico aumentou 140% em 10 anos, crescimento maior que a produção de grãos que aumentou 75%. Para o pesquisador, falta técnico no campo para auxiliar o agricultor. Diz o pesquisador: "O agricultor acaba ficando sujeito a recomendações muitas vezes inadequadas". Veneno demais contamina o meio ambiente, aumenta os custos, faz mal para a saúde e pode prejudicar também os bolsos dos produtores. Entre os especialistas há o temor de que o mercado internacional imponha restrições aos produtos brasileiros devido ao uso de agrotóxico.</p>	(...) o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder? (FOUCAULT, 2005, p. 20).

Nos enunciados do quadro 6 encontram-se discursos proferidos através de diferentes meios de distribuição de informação, neste caso, rádio e televisão. Como analisar os discursos nos processos de comunicação que estão envolvidos? Qual a verdade que está atravessada nestes discursos? Para Foucault um discurso só é aceito em uma época quando segue a racionalidade, o modo de legitimar a separação entre a verdade e o falso dessa época, “mas não encontramos no verdadeiro, se não obedecendo às regras de uma ‘polícia’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos” (2005, p.35).

Para o filósofo, a verdade está centrada no discurso científico e nas instituições que o produzem, sendo usada tanto pela produção econômica quanto pelo poder político e difundida por meios educativos e de informação (REVEL, 2011).

Chauí (2000) entende que se a verdade está no discurso ou na linguagem, não depende apenas do pensamento e das próprias coisas, mas também de nossa vontade para dizê-la, silenciá-la ou deformá-la. O verdadeiro continua sendo tomado como conformidade entre as ideias e as coisas – neste nosso filme, entre o discurso ou relato e os fatos acontecidos que estão sendo relatados – mas depende também de nosso querer (CHAUÍ, 2000, p. 127).

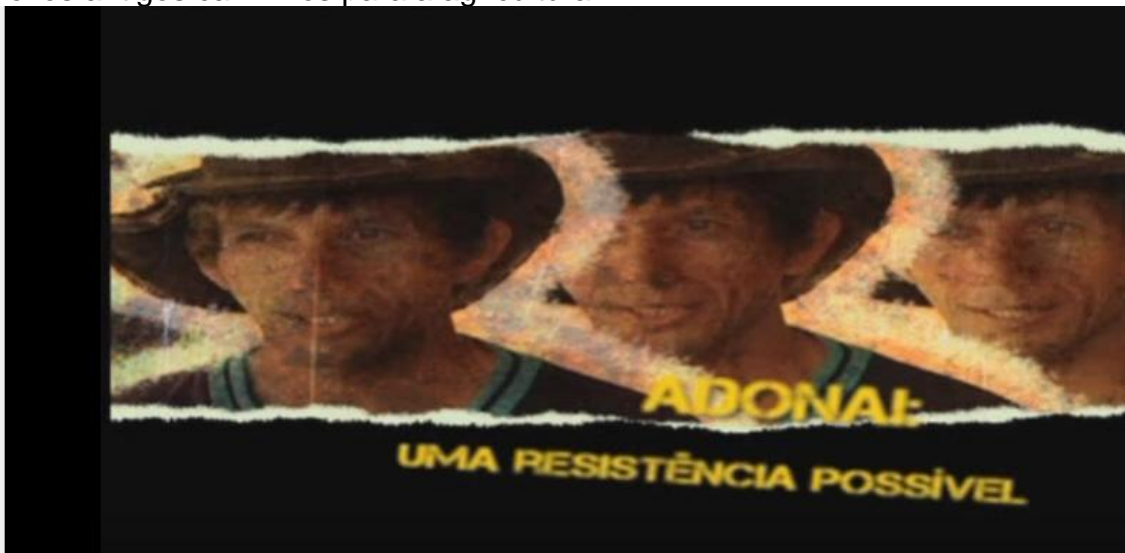
Em “Nietzsche e a verdade”, de Roberto Machado (1985), encontra-se a ideia de vontade de verdade como uma crença que funda a ciência, de que nada é mais necessário do que o verdadeiro. Necessidade não de que algo seja verdade, mas que seja dito como verdadeiro. A questão não está na essência da verdade, mas na crença na verdade. No caso do documentário, os meios de comunicação correspondem a uma forma que o diretor utilizou para legitimar as informações como verdadeiras além de modo de validar os discursos e seus enunciados narrados no filme.

Mas, nos meios de comunicação também habitam os atores deste cenário e nessa arena política, seus discursos “verdadeiros” também podem ser interpretados como estratégia no jogo ideológico. Eventualmente, ele pode apresentar uma verdade parcial ligada a um dos inúmeros lados da questão e em seguida apresentar outros lados, outras perspectivas ou outras estratégias discursivas. Nessa arena de conflitos não há discurso solto, neutro, sem ideologia e sem interesses. Todo discurso é construído milimetricamente e disseminado estrategicamente. Nada há de espontâneo no discurso “verdadeiro” dos meios de

comunicação de massa, principalmente, quando se trata dos interesses políticos e econômicos que estão em jogo no Brasil. O diretor do filme, da mesma forma, conhece a arena política na qual está imerso e sabe jogar com os “jogos de verdade” apresentados pela mídia.

A partir do interior desse jogo, o diretor constrói caminhos outros. Algo como formas de pensamento motivadas por interesses sociais dos agentes em tensão. As mesmas letras trazem agora um amarelo limpo, conforme ilustrado na figura 12, de ares que levam para o radiante, como o sol que brilha e ilumina a vida depois da tormenta.

Figura 12 - Cena de abertura para a entrada do produtor rural que propõe novos antigos caminhos para a agricultura



Quadro 7 - O discurso como ideologia

Tema: Ideologia	
Discurso / enunciado	Referência Conceitual
<p>42ª cena – 42'29" – Adonai I. S. dos Santos – Agricultor, Sanga dos Índios, Iraí, RS Eu me lembrei lá de trás, do tempo de meu pai, quando tinha sementes crioulas. Por que não pode tentar fazer isso hoje? Eu mais um colega que se formou agrônomo, dissemos: vamos tentar fazer uma semente aqui em sua propriedade; daí nós tínhamos que depender do milho híbrido com outro, daí fazer o enxerto pra fazer o cruzamento, daí pra tirar para plantar a segunda planta. Eu usei 11 variedades de milho, fiz uma mistura, peguei um milho comum que eu consegui a encontrar, daí peguei mais híbridos e misturei tudo, daí eu fui selecionar. Levei 3 anos para conseguir fazer esse milho certo.</p> <p>43ª cena – 43'38" – Dra. Ana Primavesi – Agrônoma e Agricultora – Pioneira da Agroecologia no Brasil Hoje em dia o pessoal sempre acha que se faz agricultura orgânica não vai nutrir a humanidade. Bom, se está pensando que orgânico é simplesmente deixar o químico, tem razão. Porque orgânico é que se</p>	<p>A ideologia está em posição secundária em relação a alguma coisa que deve funcionar para ela como infraestrutura ou determinação econômica, material, etc. (FOUCAULT, 1988a, p. 7).</p>

Quadro 7 - O discurso como ideologia

Tema: Ideologia	
Discurso / enunciado	Referência Conceitual
<p>trabalha com a vida do solo e não perguntaram o que a planta precisa, perguntaram o que a indústria podia fornecer. Nós temos que ter mais pela natureza e menos para tecnologia, porque se a tecnologia em si não estiver trabalhando conforme a natureza, não vai conseguir resultado satisfatório.</p> <p>44ª cena - 44'30" - Fernando Ataliba – Agricultor – Sítio Catavento – Indaiatuba, SP</p> <p>Essa cenoura, ela foi produzida em perfeito equilíbrio trofobiótico. O que é isso? Ela teve uma nutrição, uma ambientação absolutamente adequada, de modo que ela não contraiu nenhum tipo de doença. Ela está equilibrada. Não há nenhuma dificuldade em produzir orgânico para alimentar o povo, não há dificuldade técnicas. O sítio Catavento, com seus 20 hectares de agricultura produz 300 toneladas de alimentos por ano e alimentos de altíssima qualidade.</p>	

Os enunciados do quadro 7, foram escolhidos pelos discursos traduzirem a tentativa de enfrentamento ao que foi exposto no filme, o que remete a uma posição ideológica. Sobre ideologia não há um consenso no significado desse termo, muito menos para Foucault que exprime uma recusa a esse conceito em detrimento a operar com a verdade. Nas análises marxistas tradicionais a ideologia é uma espécie de elemento negativo através do qual se traduz o fato de que a relação do sujeito com a verdade ou simplesmente a relação de conhecimento é perturbada, obscurecida, velada pelas condições de existência, por relações sociais ou por formas políticas que se impõem do exterior ao sujeito do conhecimento. A ideologia é a marca, o estigma dessas condições políticas ou econômicas de existência sobre um sujeito de conhecimento que, de direito, deveria estar aberto à verdade (FOUCAULT, 2011).

Encontra-se em Eagleton (1997) vários conceitos de ideologia, alguns aqui expostos a fim de traduzir os discursos do filme, como: ideias características de um grupo ou classe social; ideias verdadeiras ou falsas que ajudam a legitimar o poder dominante; o que confere certa posição a um sujeito; formas de pensamento motivadas por interesses sociais; pensamento de identidade; veículo pelo qual os atores sociais entendem o mundo; conjunto de crenças orientadas para a ação.

Retomando ao documentário, o diretor, ao se aproximar do fim do filme, ascende uma luz no fim do túnel, apresentando formas de produção de alimentos sem agrotóxicos, como notamos nos enunciados do quadro acima apresentado. Três anos depois a iniciativa terá continuidade conformando a Trilogia da Terra, com "O veneno está na mesa 2" e "Agricultura tamanho família", do mesmo diretor.

Nesses outros dois documentários, uma saída é indicada para a produção de alimentos através da agroecologia⁸ produção orgânica associada ao saber camponês, que foi renegado como atrasado no período da Revolução Verde, que ressurge como um discurso de valorização dessas práticas. A proposta reside no rompimento com a monocultura, investindo na redução de custos monetários do plantio e na ampliação de emprego no campo, tendo a agricultura familiar representada como núcleo do desenvolvimento sustentável na área rural.

Os laços que tecem vínculos entre a agricultura nos moldes atuais no Brasil e acontecimentos históricos singulares, firmam-se em discursos fortes, trágicos que, neste documentário, operam no sentido de identificar aviões de guerra com os que pulverizam as plantações com venenos. Na permanente contraposição imagética, o fio da meada vai se desenrolando em seus tons escuros e vermelho-alaranjados dos alertas de perigo, das explosões, da destruição em massa.

Figura 13 - Cena de fundo na narrativa sobre o uso de venenos em guerras



⁸É uma nova abordagem que integra os conhecimentos científicos (agronômicos, veterinários, zootécnicos, ecológicos, sociais, econômicos e antropológicos) aos conhecimentos populares, para a compreensão, avaliação e implementação de sistemas agrícolas, com vistas à sustentabilidade. Não se trata de uma prática agrícola específica ou um sistema de produção (ALMEIDA, 2012).

Quadro 8 - O discurso dos acontecimentos históricos entrelaçados ao longo tempo

Tema: Acontecimento	
Discurso / enunciado	Referência Conceitual
<p>6ª cena – 6'05" – Locução</p> <p>Os Estados Unidos utilizaram no Vietnã de 1961 até 1971 o herbicida conhecido como agente laranja. Segundo a Monsanto, uma das empresas produtoras, foi para salvar os soldados americanos e aliados, desfolhando a densa vegetação das selvas vietnamitas e, portanto, reduzindo as possibilidades de uma emboscada. Além da Monsanto a Dow Chemical também participou da rede da morte. Com o fim da guerra várias ações foram movidas contra a Monsanto, a Dow e outros fabricantes de produtos químicos. Nos tribunais chegaram a um acordo que gerou a uma indenização que chegou a 180 milhões de dólares aos que combateram no Vietnã. A justiça do Coréia do Sul, ordenou que a Monsanto e a Dow pagassem 62 milhões para 6800 veteranos da guerra coreanos. O povo e o governo vietnamita não receberam indenização nenhuma, nem das empresas nem do governo americano. A Monsanto acredita que as consequências resultantes da guerra do Vietnã, incluindo o uso do agente laranja devem ser resolvidas pelos os governos envolvidos. Essas crianças são vítimas tardias dos efeitos do agente laranja. A Monsanto não diz uma palavra (cena das crianças vietnamitas mutiladas) e passa a conta para o governo americano que entrega a fatura a Deus</p>	<p>Certamente a história há muito tempo não procura mais compreender os acontecimentos por um jogo de causas e efeitos na unidade informe de um grande devir, vagamente homogêneo ou rigidamente hierarquizado; mas não é para reencontrar estruturas anteriores, estranhas, hostis ao acontecimento. É para estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o "lugar" do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição (FOUCAULT, 2005, p. 56).</p>

No enunciado do quadro 8, o diretor do filme foi buscar na história um acontecimento para elucidar um problema que ainda persiste na atualidade. Mas essa argumentação entra no discurso justamente para reforçar a estratégia discursiva contra hegemônica presente na narrativa do filme. As estruturas entram em choque e os interesses locais estão entrelaçados com interesses e estratégias globais que já possuem um histórico de fatos, acontecimentos e discursos bem encadeados.

Foucault entende discurso como uma série de acontecimentos, questionando a relação entre "acontecimentos discursivos" e acontecimentos de outra natureza que podem ser econômicos, sociais, políticos ou institucionais. Ao definir acontecimento como irrupção de uma singularidade histórica, Foucault desenvolve dois discursos: um ao dizer que repetimos sem saber os acontecimentos e o outro que procura na atualidade os vestígios de uma ruptura do acontecimento (REVEL, 2011). E o que é singular em uma cultura encontra semelhança em outra cultura, mesmo que esta semelhança não seja óbvia ou percebida à primeira vista.

No gênero documentário é comum o diretor utilizar de documentos históricos para narrar uma situação atual. Esse recurso traduz uma veracidade que foi construída pelo fato histórico. Para Foucault o mais importante não é mostrar as

coisas como elas são, mas que os acontecimentos historicamente construídos façam as pessoas pensar diferente para agir diferente.

Esses acontecimentos envolvem necessariamente sujeitos que agem em tentativas de direcionar o mundo. É o caso da Presidenta da Argentina Cristina Kirchner e das medidas que anunciou em discurso público em face de interesses das empresas do setor do agronegócio. A proximidade desse acontecimento construído por sujeito revestido de grande poder e vizinho ao Brasil traz uma narrativa visual mais leve, ainda que mantendo a base que sustenta a linha condutora do documentário. Conforme ilustrado na figura 14.

Figura 14 - Cenas de apresentação para o texto que encaminha para a finalização do filme



Quadro 9 - O discurso do sujeito e os rumos que se pode buscar para vida

Tema: Sujeito	
Discurso / enunciado	Referência Conceitual
<p>38ª cena – 36'30" – Locução Cristina Kirchner ordena a investigação de agrotóxicos das empresas Monsanto e Dupont. A presidenta da Argentina, fez um pronunciamento na sala de Convenções de Olivos, a sede do governo, em que o tema principal era medidas para o setor rural afetado pela crise econômica mundial e a seca. Mas ela incluiu no seu discurso uma surpresa para um público muito favorável a soja transgênica: anunciou que ordenou a sua ministra da saúde, Graciela Ocania, que realize uma investigação oficial sobre os impactos à saúde dos agrotóxicos utilizados nas lavouras, referia-se especificamente ao glifosato produzido pela empresa Monsanto e o Endosulfan comercializado pela multinacional Dupont. São fatos muito importantes relacionados com a saúde de todos os argentinos e sendo assim, ninguém pode discutir questões de competências e</p>	<p>(...) não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral da minha pesquisa (FOUCAULT, 1995, p.232).</p>

Quadro 9 - O discurso do sujeito e os rumos que se pode buscar para vida

Tema: Sujeito	
Discurso / enunciado	Referência Conceitual
<p>jurisdições. Assegurou. Página 12 – ECOAGÊNCIA.</p> <p>41ª cena – 41'42” – Locução A palavra Adonai em hebraico significa “Ele”, como se designa Deus, cujo o nome não se pronuncia. Aqui no Brasil, no Rio Grande do Sul, Adonai é um agricultor que reinventa o mundo a sua maneira. Tudo que lhe apresentam como verdade, Adonai questiona. No mundo da Monsanto, Dow, Bayer, Basf, Dupont, Syngenta, Adonai pratica agricultura orgânica sem transgênicos, enfrenta o banco que só dá crédito a quem planta transgênicos e tem como garantia de colheita da safra o uso de herbicidas e pesticidas. Nosso Adonai desafia as transnacionais que lucram bilhões com os seus venenos. Baseado na sua história familiar. Adonai reinventou o milho crioulo. Existe uma porta de saída, Adonai aponta.</p>	

Os enunciados do quadro 9, apresentam sujeitos que representam sua história, seu poder relacionado a sua luta, ao seu objetivo. O diretor do filme exemplifica uma situação política em outro país, onde a presidenta assume um posicionamento e o outro enunciado o discurso está representado por um agricultor do país onde o filme foi realizado. Encontram-se em situações completamente diferentes em relação ao poder, porém defendem e atacam com suas próprias armas.

Foucault ao falar sobre o sujeito relata que seu objetivo foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos. Apresentou três modos de objetivação nesse processo: a primeira, que tenta atingir a ciência (na análise do discurso); a segunda, do sujeito produtivo (na análise da economia); e a terceira, objetivação biológica, o sujeito na história natural (FOUCAULT, 1995).

Mas por trás de cada discurso há um sujeito concreto, que vive, vibra, se envolve e se emociona. Os discursos fazem parte da vida e ganham vida através de pessoas comuns, anônimas ou pessoas com expressão política e um cargo importante, que expressam o seu modo de ver o mundo e “tocar a vida”. Por trás de cada discurso há uma pessoa, um sujeito histórico e uma tentativa de direcionar o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo amplia o olhar para o cinema, para além do que está posto na tela e convida a uma reflexão sobre como a arte contribui para entender as Ciências Humanas e a sociedade. A ciência nos permite trabalhar com diferentes conceitos e autores, facilitando e ampliando a compreensão do estudo. Pensar no filme como porta de entrada em determinado tema tem sido explorado por várias áreas de estudo, cada qual com sua autonomia em desenvolver o seu próprio método.

Os aspectos subjetivos, políticos e éticos da alimentação não cabem nos conteúdos disciplinares tradicionais dos Cursos de Graduação em Nutrição. Geralmente os cursos reduzem o conteúdo aos aspectos clínicos e epidemiológicos e restringem a formação dos alunos, cada vez mais, incorporando e valorizando os saberes técnicos em detrimento dos saberes humanistas que fariam parte de uma formação mais generalista e crítica. A produção de alimentos é um fenômeno complexo e é preciso ampliar a capacidade reflexiva e crítica dos alunos de modo a incluir novos modos de ver, pensar e se posicionar politicamente que ultrapassem os limites disciplinares dos cursos atuais.

A arte e a ciência avançam quando provocam o estranhamento em relação ao que está posto e propõem possibilidades de entender o diferente, o desconhecido, o novo. O cinema é uma importante ferramenta para retratar e problematizar diversas questões em diferentes campos de saber. É também como um recurso pedagógico, podendo trazer para espaços educacionais ambientes e contextos pouco explorados. Pode ainda ser uma interessante fonte de pesquisa, um veículo de defesa de bandeiras, um mecanismo desencadeador de diversas memórias afetivas. São inúmeras as possibilidades e nuances que o cinema pode obter. Por isso, associar o cinema a um recurso didático, problematizar tanto os modos de olhar para o cinema quanto seus usos podem ser caminhos para ampliar os limites da pesquisa científica a partir de uma fonte tão específica.

O uso do cinema na formação de nutricionistas pode ser uma boa ferramenta para estabelecer este canal de comunicação entre saberes que não cabem nas disciplinas tradicionais dos currículos dos cursos de Nutrição. O cinema pode (e deve) ser utilizado como objeto de pesquisa e análise dentro do campo acadêmico e

pode contribuir para novas possibilidades de estudos como uma forma de reflexão sobre importantes temas da contemporaneidade.

Michel Foucault com sua relevante pesquisa sobre o sujeito, possibilitou uma importante contribuição na análise desse estudo. Os diferentes sujeitos e seus discursos apontam para a cena política, o desenvolvimento histórico e os interesses econômicos. São falas que traduzem os conflitos ideológicos, as estratégias discursivas de cada ator social, agente ou instituição, as desigualdades, assimetrias e hierarquias produzidas pela condição econômica e as diferentes maneiras e estratégias que cada um utiliza para defender a sua posição. O discurso, portanto, é uma arma que pode ser utilizado por todos os lados da questão e o malabarismo retórico de cada lado expõe sua perspectiva, seus pontos de vista e sua filiação política.

Neste trabalho tentamos produzir uma reflexão acerca do contexto da produção de alimentos no Brasil a partir do documentário “O veneno está na mesa” com o intuito de trazer à tona os modos como os sujeitos retratados no filme pensam, produzem, reproduzem a vida social e defendem suas posições éticas e políticas. A partir desta abordagem inicial consideramos a possibilidade de propor uma reflexão em torno da questão da produção de alimentos e do uso de agrotóxicos no Brasil com alunos de Nutrição e gostaríamos de, futuramente, transformar a reflexão produzida por este texto em uma ferramenta didática para discutir o tema na sala de aula. Acreditamos que a utilização do cinema entre alunos da Nutrição pode vir a proporcionar uma ferramenta pedagógica inovadora para tratar de temas relativos ao campo da Alimentação e Nutrição e que a apropriação do cinema no ensino pode ser uma boa opção. Sabemos que o uso do cinema como ferramenta didática é uma estratégia pouco utilizada nos cursos de Nutrição e gostaríamos de contribuir com a produção desta reflexão em sala de aula.

Esperamos que este estudo possa contribuir para que os(as) alunos(as) dos Cursos de Graduação em Nutrição venha a produzir diferentes exercícios de reflexão crítica e debates que ajudem a compreender melhor a questão da produção de alimentos no Brasil. Esperamos, então, que este trabalho dê frutos, mas sem venenos. Também achamos que esta (...) a única possibilidade que nós temos, de não só recuperar recursos naturais e saber defendê-los, mas também de levar isso como necessidade de levar uma vida melhor e mais livre para os humanos e tomar

consciência que os direitos da natureza e os direitos humanos são dos homens da mesma dignidade (Eduardo Galeano- 49ª cena).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.A.F. *Agroecologia*. Ilhéus, Ba, 2012.

BAHIANA, A. M. *Como ver um filme*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BECKER, H.S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1994.

BRASIL. *Decreto n. 4074, de 4 de janeiro de 2002*. Regulamenta a Lei n. 7802/89, (lei federal dos agrotóxicos). Brasília, Diário Oficial da União, 8 jan. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução CNE/CES no 5, de 7 de novembro de 2001*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição.

_____. *Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009*. Brasília, DF, 2009.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB* (Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996), Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei 11.936, de 14 de maio de 2009*. Proíbe a fabricação, a importação, a exportação, a manutenção em estoque, a comercialização e o uso de diclorodifeniltricloreto (DDT) e dá outras providências.

_____. *Lei 11.346, de 15 de setembro de 2006*. Brasília, DF, 2006.

_____. *Decreto 7272, de 25 de agosto de 2010*, Regulamenta a Lei no 11.346, de 15 de setembro de 2006, institui a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília, DF, 2010.

_____. *Lei 9782, de 26 de janeiro de 1999*, defini o Sistema Nacional de Vigilância Sanitária, cria a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, e dá outras providências. Brasília, DF, 1999.

_____. *Lei n. 12813, de 16 de maio de 2013*, dispõe sobre conflito de interesses. Brasília, DF, 2013.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

CASTIEL, L.D. *Correndo o risco: uma introdução aos riscos em saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010. p.17-18.

CARNEIRO, F.F. (Org.) *Dossiê ABRASCO- Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde*. Rio de Janeiro, 2012.

_____. (Org.) *Dossiê ABRASCO- Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo; Expressão Popular, 2015.

CARSON, R. *Primavera Silenciosa*. Gaia Editora, São Paulo, SP, 2010.

CARVALHO, E.J.G. Conhecimento da história e da educação: o cinema como fonte educativa. *Revista do Programa em Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba*, ano 10, n.2 , Dez/2003, p.183-193, (ISSN-0104-8481).

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

CUNHA, C.G.M. *Campesinato brasileiro: origens e ressignificações de um modo de vida tradicional*. UNIMONTES, 2012.

D'AMATO, C. TORRES, J. P. M. MALM, O DDT (Dicloro Difênil Tricloetano): Toxicidade e contaminação ambiental – uma revisão. *Quím. Nova*, v.25, no. 6, São Paulo, dec. 2002.

DANTAS, A.L. *O cinema como ferramenta pedagógica no ensino médio*. Faculdade Pitágoras de Londrina. Dez/2007.

DUARTE, R. *Cinema & Educação*. Autêntica Editora. Belo Horizonte, MG, p.56, 2009.

EAGLETON, T. *Ideologia*. São Paulo: Bontempo Editoria, 1997.

FERREIRA, F.R. (Org.) *Consumo, Comunicação e Arte*. CRV. Curitiba, PR, 2015. (Série Sabor Metrôpole; v. 3)

_____. (Org.) *Cinema e Comensalidade*. CRV. Curitiba, PR, 2016. (Série Sabor Metrôpole; v. 6)

FOUCAULT, M. Sujeito e Poder. In: DREYFUS, H & RABINOW. P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro : Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 12ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. Verdade e Poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 1-14.

FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos; IV: Estratégia, Pode-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *Microfísica do Poder*. Graal, 23ª ed. São Paulo, SP, 2004.

_____. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2011.

_____. *Arqueologia do saber*. Forense Universitária. Rio de Janeiro, RJ, 2012.

GAUTHIER, G. *O documentário: um novo cinema*. Papirus. Campinas, SP, 2011.

GERGOLETTI, I.F. *Produção de Alimentos: uma análise comparativa de cenários na perspectiva da sustentabilidade ambiental*. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção- Universidade Metodista de Piracicaba, SP, 2008.

GIDDENS, A.; LASH, S.; BECK, U. *Modernização reflexiva*. Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 2012.

GOMES, M.P.C. et al. O uso de metodologias ativas no ensino de graduação nas ciências sociais e da saúde – avaliação dos estudantes. *Ciência & Educação*, v. 16, n. 1, p. 181-198, 2010.

LUCENA, L.C. *Como fazer um documentário: Conceito, linguagem e prática de produção*. Summus. São Paulo, SP, 2012.

LUZ, T.M. *Especificidades da Contribuição dos Saberes e Práticas das Ciências Sociais e Humanas para a Saúde*, 2009.

MACHADO, R. *Nietzsche e a verdade*. Rocco. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ, 1985.

MENDONÇA, L.G. *Sobre as Invisibilidades: A mulher cientista em filmes de comédia utilizados em ensino de deontologia e ética farmacêutica*. Tese de doutorado do Ensino de Biociências do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2015.

MENDONÇA, L.G.; FERREIRA, F.R.; DE LA ROCQUE, L.R. *O uso de cinema de comédia para o ensino de deontologia farmacêutica: olhares discentes*. Interfaces da Educ., Paranaíba, v.6, n.16, p.8-26, 2015. ISSN2177-7691

MINAYO, S.C.M. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 12ª ed. HUCITEC. São Paulo, SP, 2010.

MOURA, M.M. *Camponeses*. Editora Ática, São Paulo, SP, 1988.

NEVES, P.D. *Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil*. DA. UNESP. São Paulo, SP, 2008.

NICHOLS, B. *Introdução ao documentário*. Papyrus. Campinas, SP, pag. 47, 2012.

O VENENO ESTÁ NA MESA. Direção Silvio Tendler. Rio de Janeiro, 2011.

OLIVEIRA, G.A. Uso de metodologias ativas em Educação Superior. In: CECY, C.; OLIVEIRA, G.A.; COSTA, E.M.M.B. (org.). *Metodologias Ativas: aplicações e vivências em Educação Farmacêutica*. Brasília: ABENFARBIO; 2010,

OLIVEIRA, L.D. Os “Limites do crescimento”40 anos depois: Das “Profecias do Apocalipse Ambiental ao Futuro Comum Ecologicamente Sustentável”. *Revista Continentes*, ano 1, n. 1, 2012.

OLIVEIRA, S.P., THEBAUD-MONYA, A. Estudos do consumo alimentar: em busca de uma abordagem multidisciplinar. *Revista Saúde Pública*, v.31, n.2, p.201-8. 1997.

PARAYIL, G. (2003). Mapping technological trajectories of the green revolution and the gene revolution from modernization to globalization. *Research policy*, v. 32,, 2003.

PERKINS, J. H. (1997). *Geopolitics and the green revolution: wheat, genes, and the cold war*. New York: Oxford University Press, 1997, 337 p.

QUEIRÓZ, C. *Ambiente: DDT e outras histórias se horror*. Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, 2005.

PRADO JÚNIOR, C. *História Econômica do Brasil*. 22. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

REVEL, J. *Dicionário Foucault*. Forense Universitária. Rio de Janeiro, 2011.

REZENDE, L.A. Microfísica do documentário – Ensaio sobre criação ontológica do documentário. *Azougue*. Rio de Janeiro, RJ, p. 18, 2013.

SANTOS, S. Novas escrituras e mediações em saúde, “O veneno está na mesa”. *RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. & Inov. em Saúde*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 90-94, 2012

SAWADA, A.C.M.B.; FERREIRA, F.R.; ARAÚJO-JORGE, T.C. Ciência , Arte e Cultura na Saúde: um campo em construção. In: FERREIRA, F.R. et al. (Org.). *Cinema e Comensalidade*. CRV, v. 6, Curitiba, 2016.

TENDLER, S. *Caliban Produções Cinematográficas*. Rio de Janeiro, RJ.

VANOYE, F., GOLIOT-LÉLÉ A. *Ensaio sobre a análise fílmica*. 7ª ed. Papyrus. Campinas, SP, 2014.

WEBER, M. *Metodologia das Ciências Sociais*. 5ª ED. Cortez. São Paulo e Editora Campinas, SP, 2016.

WOLLZ, L.E.B. (Org) *Percepções de infância e juventude no campo*. CRV. Curitiba, PR, p.14, 2014.

ZIEGLER, J. *Destruição em massa- Geopolítica da fome*. Cortez. São Paulo, SP, 2013.

ANEXO A - Ficha técnica do filme o veneno está na mesa

Figura 15 - Cartaz do filme

**Sinopse**

O documentário “O veneno está na mesa” trata de denúncia sobre o uso abusivo de agrotóxico no Brasil, com o objetivo de mostrar à população os riscos que essa situação acarreta à saúde do agricultor, do meio ambiente e da população que consome alimentos com veneno.

Título: O veneno está na mesa (Original)

Ano produção: 2011

Direção: Silvio Tendler

Elenco: Amir Haddad, Ana Primavesi, Caco Ciocler, Dira Paes, Eduardo Galeano e Júlia Lemmertz

Estreia: 25 de julho de 2011 (Brasil)

Duração: 50 minutos

Gênero: Documentário

País de origem: Brasil

ANEXO B - Transcrição do filme “o veneno está na mesa”

1ª cena – Locução – Desde 2008 o Brasil é o maior consumidor de agrotóxico.

Cartaz da Campanha Permanente Contra o Agrotóxico e pela Vida – foto da pulverização aérea de agrotóxico no prato de comida. Abaixo, no cartaz, as seguintes frases: Cada brasileiro consome em média 5,2 litros de agrotóxicos por ano. Até quando vamos engolir isso?

2ª cena- 15” - Eduardo Galeano- jornalista e escritor

A história da América Latina é a longa história da perda, da desocupação, do roubo dos recursos naturais. E a consciência da necessidade de preservar esses recursos, de defender esses recursos, não é tão acelerada quanto o processo de roubo que continua, os ladrões são mais rápidos do que a gente, são mais velozes do que nós. Um exemplo mais revelador de todos mais indiscutível de todos, a propósito desse divórcio entre a natureza e os Direitos Humanos é o que acontece com os Agrotóxicos, que está sendo permitindo esses venenos contra a natureza em países que tem governo progressista, em nome da produtividade, de critérios economicistas. E o que é o progresso humano? O que acontece com a terra? O que acontece com a gente? A terra e a gente são muito mais importantes do que a produtividade. Então dá essa contradição em governo que tem a política progressista e que aceitam o agrotóxico como uma necessidade inevitável, sem perceber que tem ali uma certa traição nos princípios ligado a saúde humana.

3ª cena- 2’06” rádio (entrevista) – São vários os princípios ativos banidos na maior parte do mundo que circulam impunemente no Brasil, porque o lobi dos agrotóxicos que é poderoso que movimentam recursos furtivos, o Brasil é o campeão mundial de agrotóxicos, nenhum outro país pulveriza na lavoura tanto agrotóxico quanto o nosso, esse setor movimentou ano passado mais de 7 bilhões de dólares em venda de produtos. Questiona na justiça com sucessivas petições, com embargos, protelando processos, então a reavaliação toxicológica da ANVISA fica amarrada as injunções do judiciário. O que que está em jogo agora? Está para ser decidida nos próximos dias, a forma como o Brasil se posiciona em relação ao princípio ativo chamado metamidofós, questiona a resolução da ANVISA proibindo a

venda e o uso de metamidofós no Brasil, o que que é esse palavrão? É o princípio ativo de um agrotóxico usado nas lavouras de soja, de batata, de feijão, tomate, trigo e algodão. Quais são os problemas causados pelo metamidofós, entre outros, atinge o sistema nervoso central, danos de memória, lapso de memória em crianças, perda de movimentos, prejudica o movimento das crianças principalmente, reduz a imunidade do organismo, causa desregulação hormonal, sistema reprodutor pode ser comprometido, pode haver complicações no embrião das gestantes, ou seja, é um veneno que foi proibido em países como Estados Unidos e China que vejam são bem diferentes na forma como vetam circulação de produtos, países da comunidade europeia toda e países da África, mais uma vez são países bem distintos na forma como vetam circulação de produtos. O Brasil tolera.

4ª cena – 4'30" - A chamada Revolução Verde, pós-segunda guerra mundial, prometia comida farta e sadia na mesa dos habitantes de todo o planeta. A pretexto de modernização nos campos, a revolução verde impôs o mono cultivo em áreas extensas, expulsando o camponês e sua família da terra que cultivava, trocando homens por máquinas. O uso de sementes geneticamente modificadas, os conhecidos transgênicos, generalizou-se a pretexto de multiplicar a produção. O uso de agroquímicos ou agrotóxicos foi intensificado a partir da década de 60 com o uso de adubos químicos e venenos. A química promete saúde, mas oferece riscos aos que consomem alimentos geneticamente transformados e aos trabalhadores que manipulam os agrotóxicos. Hoje o Brasil possui e opera mais de 400 tipos de agrotóxicos registrados, inseticidas, fungicidas e herbicidas. A tecnologia utilizada na RV, é proveniente da indústria da guerra.

5ª cena – 5'40" - Durante a 2ª guerra mundial a Engesferben, empresa alemã que fabricou o gás zyklon B, deteve o monopólio da produção química na Alemanha nazista, entre os seus principais proprietários estavam, a BASF e a BAYER.

6ª cena – 6'05" - Os Estados Unidos utilizaram no Vietnã de 1961 até 1971 o herbicida conhecido como agente laranja. Segundo a Monsanto, uma das empresas produtoras, foi para salvar os soldados americanos e aliados, desfolhando a densa vegetação das selvas vietnamitas e, portanto, reduzindo as possibilidades de uma emboscada. Além da Monsanto a Dow química também participou da rede da morte.

Com o fim da guerra várias ações foram movidas contra a Monsanto, a Dow e outros fabricantes de produtos químicos. Nos tribunais chegaram a um acordo que chegou a uma indenização que chegou a 180 milhões de dólares aos que combateram no Vietnã. A justiça do Coréia do Sul , ordenou que a Monsanto e a Dow pagassem 62 milhões para 6800 veteranos da guerra coreano. O povo e o governo vietnamita não receberam indenização nenhuma, nem das empresas nem do governo americano. A Monsanto acredita que as consequências resultantes da guerra do Vietnã, incluindo o uso do agente laranja devem ser resolvidas pelos os governos envolvidos.

Essas crianças são vítimas tardias do efeito do agente laranja, a Monsanto não diz uma palavra (cena das crianças vietnamitas mutiladas- sem braço, sem perna...) e passa a conta para o governo americano que entrega a fatura a Deus.

7ª cena – 7'45" - Fernando Ataliba – Agricultor – Sítio Catavento - Indaiatuba/SP

O que a revolução verde fez foi destruir, apagar, esquecer toda herança, todo acúmulo de conhecimento da agricultura tradicional ao longo dos seus anos e criou algo totalmente novo. E essa novidade depois de 50 anos existindo está mostrando que não dá certo. O que está produzindo? Perda da fertilidade do solo, perda dos mananciais, perda da biodiversidade, contaminação do solo, das águas, contaminação do ar e das pessoas. O que mais vai acontecer? O que mais vamos esperar acontecer para perceber que esse modelo novo não é um modelo bom.

8ª cena- 8'02" - Roberto Carlos Lazarotto – agricultor –Caiçara / RS

A gente aqui roçava o mato usava semente crioula e plantava, produzia muito bem. Por volta dos anos 80, 81 e 82, as empresas começaram a deixar sementes, e daí começou a ter uma produção enorme comparando com os produtos crioulos, com pouco investimento.

A primeira coisa que a gente perdeu foi o controle das sementes, em 10 anos já não tinha semente crioula e hoje a maioria é transgênico.

9ª cena- 9'39" - Dra Letícia Rodrigues da Silva – ANVISA

No último ano, os alimentos que foram os mais contaminados como: tomate, pimentão, morango, uva , abacaxi, aipim; são esses alimentos que causam maior preocupação por que são consumidos in natura e aa forma de produção deles as

vezes são colhidos com um pequeno intervalo de segurança ou sem nenhum intervalo entre a aplicação do agrotóxico e a colheita, o que acaba gerando uma alta quantidade desconformidades de agrotóxico acima dos limites permitidos pela recomendação ou com uso de agrotóxico proibidos, que muitas vezes são destinados na produção de soja, milho ou algodão que acabam sendo desviados e reutilizados nas culturas menores ou de consumo alimentar mais intenso.

10ª cena – 10'40" - Segundo a ANVISA, no ano de 2009, das 3130 amostras de alimentos, coletados em 26 estados, 29% apresentaram resultados insatisfatórios, estavam acima do limite de agrotóxico tolerado nas seguintes proporções:

Beterraba -32%, tomate-33%, alface 38%, mamão 39%, abacaxi- 44%, couve -44%, morango – 51%, pepino 55%, uva- 56% e pimentão 80%.

11ª cena – 11'40" - Altamiro Rudolfo Ludtke – Agricultor – Paraíso do Sul / RS

Eu fiz um plantio de milho e daí tinha que imunizar, porque era uma planta tardia, se a gente não coloca um pouco de defensivo, o milho não vem, a lagarta ataca. E daí eu levantei a tampa da plantadeira e inalei aquele cheiro, aquele bafo, me deu uma ânsia, eu achei que ia morrer. Daí fui ao médico, o médico atestou que era veneno, a causa era uma intoxicação por veneno por inalação. Imagine que se a gente inalando faz mal e as pessoas que vão consumir?

12ª cena- 12'31" - Dra Ana Primavesi – Agrônoma e Agricultora – Pioneira da Agroecologia no Brasil

A batata estava bem grande e bonita. Eu perguntei ao agricultor: essa batata está boa? Ele falou: não sei, não comi. Então eu disse: vocês não comem batata? Credo. Ele disse: eu não. Então pra que serve? Pra vender. E a batata é um alimento que mais recebe veneno.

13ª cena- 12'56" - Celi Raddatz – Agricultora – Agudo /RS

Eu passei uma vez veneno nas hortaliças, eu orientava, era o veneno do fumo. Hoje ainda várias hortaliças põem esse veneno e esse veneno faz mal. Daí eu fui parar no hospital, atacou os rins, eu nem sabia que estava tão mal.

14ª cena – 13'17" - Darci dos Santos – Agricultor – Linhares/ES

Ele fez uma roça de feijão, no meio do café. Ele aplicou mas tem uns 10 anos atrás. Ele pegou o feijão e deu pra meu vizinho colher, disse: colhe esse feijão que tá muito bom. Aí quando fomos arrancar o feijão o que tinha de rolinha morta no meio. Ele falou: gente vocês colhem esse feijão e não consomem agora, pelo menos 6 meses, porque o remédio que apliquei era muito forte. Apliquei essa vez pra nunca mais, ele matou os insetos e os passarinhos também. Ele foi para o mercado, quer dizer não só o agricultor tá morrendo mas o povo da cidade também, eles que consomem esse veneno.

15ª cena – 14' - TV- Jornal da Globo – Frutas e verduras frescas, são fundamentais pra a saúde, todo mundo sabe, mas uma blitz em Pernambuco fez um flagrante, frutas e verduras de todo país estavam contaminadas. Um cardápio rico em frutas e verduras, legumes e folhas a vontade, um hábito saudável, mas que pode se transformar em um problema dependendo da procedência dos produtos. Seu Genival perdeu não só todo os 60 mil pés de alface que cultivou como também o direito de vender toda a hortaliça porque usou na plantação um agrotóxico proibido por lei.

Seu Genival disse: Todo mundo usa, não só eu, todo mundo usava.

Agrotóxico são produtos químicos, que servem para combater pragas e doenças na agricultura. O uso desses inseticidas, os tipos aplicados e as dosagens que as lavouras recebem, são regulamentadas pela ANVISA, agência nacional de vigilância sanitária. Alguns produtos foram retirados do mercado por causa dos riscos à saúde. Uma pesquisa feita na Central de abastecimento de Pernambuco pela agência de defesa agropecuária encontrou irregularidades em várias amostras de frutas e verduras, não só produzidas aqui no estado como tomate e couve-flor, mas também no pimentão da Paraíba e no morango do Espírito Santo, todos apresentaram altos teores de agrotóxico e estão com a comercialização proibida. A ameaça não é só para quem consomem os produtos contaminados, Seu Severino que a 30 anos vende pimentão na central de abastecimento perdeu um olho por causa de uma infecção provocada segundo os médicos por agrotóxicos. Olhando assim para o pimentão não dá para perceber o problema, para o consumidor é quase impossível identificar frutas, verduras e hortaliças com excesso de agrotóxico.

A dica, segundo os nutricionistas é fazer compras em locais conhecidos, que tenham referências e se possível levar para casa produtos orgânicos.

16ª cena – 16'06" - Prof. Raquel Rigotto - médica, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Ceará

Infelizmente não é possível fazer muita coisa. Sabe que lavar com sabão e com bucha pra esfregar e possivelmente tirar o excesso que está ali na casca, pode ser e alguma ajuda para não contaminar a geladeira. Não colocar, por exemplo, a casca do mamão suja no prato junto com a melancia e misturar um com o outro no prato, ali tem veneno. Mas de fato é fundamental que o período de carência seja respeitado, ou seja, o período de aplicação de cada um desses ingredientes ativos e a colheita de forma a garantir que haja uma degradação daquele produto, mas também não ter a ilusão que esse tipo de procedimento vai nos permitir ter um alimento livre de agrotóxico.

17ª cena – 16'56" Jefferson Matias da Rosa – Agricultor – Boa Vista das Missões/RS

Tudo a base de veneno hoje. O trigo quando vão colher eles passam o secante para matar o trigo para colher mais seco para poder a farinha que já vai. Tá comendo veneno daqui até a mesa, até quem consome, só veneno. Monsanto que cobra R\$ 1,00 real em saco sem botar a mão na lavoura, sem está aqui.

18ª cena – 17'23" Dra Ubirani Barros Otero – Epidemiologista – INCA

A recomendação da instituição é que ninguém deixe de comer frutas, verduras e legumes por causa dos agrotóxicos. Então qual é o ideal? O ideal é que esses produtos não sejam utilizados.

19ª cena – 17'36" Fábio Gomes – nutricionista – INCA – 17'50"

Se as pessoas não consumirem frutas, verduras e legumes, elas vão acabar consumindo outros alimentos que em tese a gente imagina que não tenham agrotóxico. A gente imagina isso porque quando pensamos em agrotóxico a gente pensa em geral em alimentos frescos. Então as pessoas não perguntam se a farinha láctea, a farinha de arroz, se os alimentos processados que também utilizam a

matéria prima que pode estar sendo produzido com uso de agrotóxico também leva esses pesticidas.

20ª cena – 18'14" - Frase: Trigo contaminado? O pão, a pizza e o macarrão também estão. Brasil envenenado, pobre tem que comer veneno. Orgânico é para rico.

21ª cena – 18'30" – Senadora Kátia Abreu – DEM / TO

O grande responsável pelo motivo dessa audiência pública é o autor de uma entrevista no jornal Le Monde Diplomatique, que publicou uma entrevista bastante prejudicial ao país: Brasil envenenado e o subtítulo: Alimentos contaminados. Então a partir do momento que um diretor da ANVISA que é responsável em avaliar, aprovar ou não, os defensivos para agricultura, genéricos ou não, faz uma declaração dessas na imprensa, ele tinha a obrigação de vir se justificar no Senado Federal. Elas estão dando prejuízo ao patrimônio Nacional. Essas pessoas esquecem que elas também comem e que querem comer barato. Se ele tem um bom salário na ANVISA, não é o caso de milhares e milhares de brasileiros que ganham salário mínimo ou não ganham nada e que, portanto, precisam comer comida com defensivo sim, infelizmente, que é a única forma de comer alimentos mais barato. Se nós pudéssemos produzir orgânico para todo o Brasil e para o mundo, nós precisaríamos no mínimo, eu nunca fiz essa conta, de 3 Brasis ou 4, daí pra mais, para produzir o mesmo tanto para os brasileiros e exportar. Então eu não compreendo onde essas pessoas querem chegar. Elas querem atingir quem? As pessoas pobres que não podem comer comida cara? Ou eles estão revoltados porque o Brasil diminuiu o preço da compra da comida em uns 1000%? 40 anos atrás, senhor presidente, o trabalhador brasileiro gastava 50% da sua renda com comida, hoje gastam 18%, se não nos atrapalhassem os agricultores poderiam estar aí fazendo custar 12% da renda do trabalhador. É a burocracia para dificultar a vida da maioria e beneficiar uma pequena minoria. E o pior de tudo isso, o mais desonesto, é que a bandeira é bonita, é da saúde humana em jogo, a população toda fica do lado deles.

22ª cena -20'40" - Dr José Agenor Alvares da Silva – diretor da ANVISA

Nós já pegamos resíduo de agrotóxico em cultura que aquele agrotóxico não é autorizado, já pegamos resíduo de agrotóxico em cultura que é autorizado, mas está muito acima do permitido e já pegamos resíduo de agrotóxico que não é permitido no Brasil.

23ª cena – 21' - TV –Jornal de Mato Grosso- Ministério Público investiga os casos de intoxicação causada por agrotóxicos no município de Lucas do Rio Verde, como o jornal de Mato Grosso já havia adiantado, além das plantas, da água, e do ar, pesquisas revelam que houve até contaminação de seres humanos devido a exposição frequente a esses produtos. As amostras de leite materno foram colhidas de 62 mulheres atendidas no programa saúde da família de Lucas do Rio Verde a 350 km de Cuiabá, e todas apresentaram pelo menos 1 tipo de agrotóxico, além disso em 85% dos casos foram registrados traços de 2 ou mais defensivos no leite materno. Os vestígios encontrado em 100% das amostras é de um defensivo conhecido como DDE, um metabólico do DDT que foi proibido pelo governo federal em 1998 por causar males a saúde já que ele não é expelido pelo corpo humano, pelo contrário, ele se acumula na gordura do organismo e segundo Danielly Palma, mestre em saúde coletiva, uma das responsáveis pela pesquisa, pode desregular o sistema endócrino responsável pelos hormônios, podendo causar câncer, má formação no feto, aborto e outros problemas de saúde. E com a safra de soja deste ano preste a bater novos recordes de produção a situação se torna ainda mais preocupante. É que não existe uma barreira física que impeça que o produto se espalhe por toda a região devido o vento. Dr Vanderlei Pignati, professor da UFMT explica que o vento leva para a cidade, contamina o solo, vai para o lençol freático e uma parte desse agrotóxico se evapora porque aqui é muito quente, se condensa e desce com a chuva. E os pequenos agricultores de Lucas do Rio Verde sabem bem disso, o Seu Zito já perdeu vários pés de mandioca, abobrinha e milho por causa desses herbicidas e tem medo das consequências disso para a saúde humana, ele relata que a tecnologia de hoje permite que o índice de intoxicação seja menor que no passado, então intoxicação aguda não acontece como acontecia a 10, 15 anos atrás , mas hoje a consequência é a longo prazo , são as crônicas que vão acumulando aos poucos no organismo, são as artrites, dor de cabeça incurável, intestino, câncer. Foi o que aconteceu com Júlio, natural do Paraná, ele mora em Mato Grosso há 6 anos, e de lá pra cá ele precisa frequentemente ir ao posto de

saúde, ele relata que veio da cidade que, foi buscar remédio para boca amarga, estomago, dores, fui intoxicado várias vezes com o veneno, então eu sou um deles, que estou vivendo até quando Deus quiser.

24ª cena- 24'17" - Sebastião Pinheiro- Engenheiro Agrônomo e Florestal – Pesquisador da UFRGS

A CIBA H quando desenvolve o DDT em 1945 ela passa a produzir DDT não só para acabar com as pragas da agricultura também com as pragas do homem. Ele era usado em sanitarismo. E o que representa para CIBA H desde daquela época em 1945 até nosso dia a venda de DDT representa 6 trilhões de dólares. A pergunta é sônica e sarcástica: eu vou me preocupar com o câncer do próximo? Não tenho por que.

25ª cena – TV Jornal da Globo - No Paraná o aumento na produtividade nas lavouras de soja esconde um perigo, é o descontrole na aplicação de agrotóxico. A cada ano aumenta as pulverizações e o risco no campo. Quarta aplicação de agrotóxico para garantir a safra de trigo, segundo agricultor cada ano aparece uma praga diferente, para cada praga um produto diferente. Nos últimos 9 anos o uso de defensivo quase dobrou no Paraná, antes era duas aplicações em média, agora chega a quatro, e na plantação de soja o abuso ainda é maior, oito aplicações. A venda de agrotóxico aumentou 140% em 10 anos, crescimento maior que a produção de grãos que aumentou 75%. Para o pesquisador falta técnico no campo para auxiliar o agricultor, diz que o agricultor acaba ficando sujeito a recomendações muitas vezes inadequadas. Veneno demais contamina o meio ambiente, aumenta os custos, faz mal pra saúde e pode prejudicar também os bolsos dos produtores. Entre os especialistas há o temor de que o mercado internacional imponha restrições aos produtos brasileiros devido ao uso de agrotóxico. Assim dizem que a agricultura que impulsiona nossa economia, isso seria o caos. O risco também é grande para a saúde dos agricultores. Aos 32 anos dona Lídia tem dificuldades para caminhar, ela sofre de uma doença que aos poucos vai destruindo o sistema nervoso consequência dos venenos da lavoura do fumo que trabalhou desde a infância. Ela relata: o preço meu de todos os anos que trabalhei da minha vida aos 32 anos saber que tenho uma doença tão grave, não vale a pena, você queria estar vivendo, estar

feliz, sair aos domingos, passear, dar risadas, não estar pensando toda hora num problema tão sério e sofrendo as consequências dele, que não é só pensar é sentir.

26ª cena- 27'03" - Marcelo F. S. Porto – Prof. Pesquisador do Centro de Estudos da Saúde do trabalhador e Ecologia Humana/ENSP / FIOCRUZ

Boa parte dos efeitos à saúde, da intoxicação que é feita nas populações, boa parte de toda essa destruição que é feita pela expansão da monocultura, ela não tem implicação pro lucro na cadeia de preços, ou seja, a soja barata, o álcool barato, a carne barata. Em boa parte se dá em nome do câncer, das intoxicações aguda, que vai ser atendido no SUS público, do desrespeito à natureza que vai ser pago nas próximas gerações. Nada disso de alguma maneira é contabilizado.

A gente fez um estudo no Paraná que no pior cenário são cerca de 150 milhões de dólares que podem ser gastos somente nas intoxicações agudas, ou seja é mais caro pagar os efeitos à saúde do que usar o agrotóxico.

Só que quem paga o agrotóxico é o agricultor e quem paga a saúde é a população, o sistema de saúde, é o governo, somos todos nós e a vida e o sofrimento dos trabalhadores que estão sofrendo com essas intoxicações e com os problemas de saúde.

27ª cena – 28'12" - Prof. Raquel Rigotto - médica, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Ceará

53% dos trabalhadores examinados da monocultura de abacaxi, estavam com alterações nas funções hepáticas. Inclusive um deles veio a falecer, exatamente o do almoxarifado químico, que trabalhou durante 3 anos e 6 meses com todos os dias exposto a agrotóxicos, apesar de ter apenas 29 anos em apenas 4 meses adoeceu e veio a falecer com uma hepatopatia tóxica de acordo com o laudo feito por 4 professores da faculdade de medicina da UFC.

28ª cena – 28'52" - foto de Vanderlei Matos da Silva- vítima de agrotóxico

29ª cena – 29'- Maria Cerlene – viúva de Vanderlei Matos da Silva

Deu para aparecer o amarelidão nos olhos dele, depois no corpo todo, depois os lábios ficaram ressecados, cortados, as pontas dos dedos das mãos dos pés, começou a piorar a urinar da cor de coca cola, quando eu fiz o aniversário do meu

menino de 1 ano, os médicos diziam que era hepatite, no começo diziam que era hepatite e depois foi imediatamente transferido para Fortaleza quando foi com um mês que ele estava internado ele faleceu. Ele trabalhou na empresa 3 anos e 7 meses, ele fazia na firma a mistura dos coquetéis.

30ª cena- 30'05" - Alexandre Pessoa Dias – Prof. Pesquisador da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / FIOCRUZ

Nesse cenário de crescimento vertiginoso do agrotóxico, eu penso que a atual Campanha Permanente contra o uso dos agrotóxicos e pela vida, ela cumpre um papel fundamental, não somente na questão da mobilização eu digo mesmo no aspecto da comunicação em saúde, porque ela revela na sociedade os graves impactos sociais e ambientais decorrentes do uso abusivo desses produtos químicos nesse país.

31ª cena – 30'48" - Dra Ubirani

As crianças, a família as mulheres também atuam no campo e a gente sabe que as coisas se da dentro do útero. Então os efeitos daqueles agentes agindo tão precocemente, a gente só vai ver a manifestação de um tumor, câncer anos depois.

32ª cena – 31'10" - Cenoura – rica em vitamina A contribui para o bom estado da visão da pele e das mucosas, a cenoura contém sais minerais como fósforo, cloro, potássio, cálcio e sódio e vitaminas do complexo B que ajudam a regular o sistema nervoso e a função do aparelho digestivo. Entre os agrotóxicos encontrados em amostras de cenoura colhida estão acefato, metamidofós, clorpirifos, dimetoado, profenofós. Os tomates são as fontes mais rica em licopeno, antioxidante que combatem os radicais livres retarda o envelhecimento e protege contra o câncer de próstata. Amostras encontradas nos tomates analisados a presença do aldicarb o mais tóxico inseticida conhecido para mamífero. Também é usado ilegalmente nas cidades como raticida.

Pimentão, anti-inflamatório, digestivo, estimulante para a circulação, rico em vitamina C. Foram identificados 22 ingredientes ativos dos quais 18 não estão autorizados para vender. Os princípios ativos não autorizados: profenofós, sipermitrina, endosulfan, landersianitrina e dicloform. Possuem classe toxicológica II, altamente tóxico.

33ª cena- 32'43" - Dra Letícia Rodrigues da Silva – ANVISA

No ano 2008 a ANVISA colocou 14 ingredientes ativos em reavaliação, muitos desses produtos em função deles estarem proibidos em outros países e desde então a gente vem sofrendo uma série de ações judiciais, pressões que vão desde requerimento de parlamentares, extensivos que demandam dias e até semanas para serem respondidos, até questões de judicialização mesmo.

34ª cena – 33'12" - Dr José Agenor Alvares da Silva – diretor da ANVISA

Existe um antagonismo que muitas vezes é até irreversível, entre a opção econômico comercial e a opção da saúde. Nós temos esta dupla responsabilidade. A nossa responsabilidade maior é garantir a saúde da população.

35ª cena – 33'35" Dra Lia Giraldo da S. Augusto – Prof. Pesquisadora do Centro de Pesquisa Ageu Magalhães – FIOCRUZ

A nossa experiência é na verdade de constatar diversos mecanismo de atuação do lobi do agronegócio sobre as estruturas do estado no sentido de impedir que os órgãos façam cumprir sua missão. Recentemente nós trabalhamos acolhendo a ANVISA na revisão de 11 agrotóxicos e pudemos constatar a pressão de diversos órgãos governamentais representando interesses, conflitos de interesses do agronegócio e vimos isso claramente ser feito pelo Ministério da Agricultura, Ministério de Ciência e Tecnologia e pela Casa Civil. E aqui em Pernambuco vimos isso aqui no Fórum de combate aos agrotóxicos, nos momentos que a gente tem discussão nesse Fórum bastante interessante criado pelo Ministério Público do Trabalho, para discutir e ter ações públicas frente a essas nocividades desse veneno.

36ª cena – 34'55"- Reportagem de André Trigueiro- O que a gente apurou junto a ANVISA, é que algumas lideranças políticas estão pressionando a agência nacional de vigilância sanitária questionando a resolução que veta a comercialização e o uso desse produto. Pressionando de que forma? Telefonando, e questionando porque está havendo esse embargo, porque estão vetando a circulação desse produto. O que eu posso entender dessa situação é que mais uma vez não é uma questão político partidária, mas poderia ser aqui uma retribuição a forma com que

certas fábricas, certas empresas ligadas ao setor químico que produz agrotóxicos financiam campanhas.

37ª cena – 35'45" - Prof. Raquel Rigotto - médica, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Ceará

Um dos achados que nos deixou mais perplexo nesses 4 anos de estudo, foi a descoberta que os agrotóxicos têm estímulo fiscal para serem utilizados no Brasil como todo. Há um convênio que data de 1997 que oferece uma isenção fiscal de 60% do ICMS, do IPI, do COFINS e do PIS/PASEP. E no Ceará e alguns outros estados do Brasil, os governos estaduais acharam pouco e estenderam para 100%.

38ª cena – 36'30" - Cristina Kirchner ordena a investigação de agrotóxicos das empresas Monsanto e Dupont, a presidenta da Argentina, fez um pronunciamento na sala de Convenções de Olivos, a sede do governo, em que o tema principal era medidas para o setor rural afetado pela crise econômica mundial e a seca. Mas ela incluiu no seu discurso uma surpresa para um público muito favorável a soja transgênica, anunciou que ordenou a sua ministra da saúde, Graciela Ocania, que realize uma investigação oficial sobre os impactos à saúde dos agrotóxicos utilizados nas lavouras, referia-se especificamente ao glifosato produzido pela empresa Monsanto e o Endosulfan comercializado pela multinacional Dupont. São fatos muito importantes relacionados com a saúde de todos os argentinos e sendo assim, ninguém pode discutir questões de competências e jurisdições. Assegurou. Página 12 – ECOAGÊNCIA.

39ª cena – 37'32" – 70% da mesa do brasileiro é servida por frutas, verduras e legumes plantadas e cultivados pelo pequeno produtor, pela agricultura familiar. Todos ou pelo menos sua grande maioria são obrigados a trabalhar com transgênicos, dificilmente sem o uso dos transgênicos, os pesticidas e herbicidas, o agricultor do trabalho. A saúde do trabalhador custa R\$ 50,8 bilhões aos cofres públicos e as doenças ocupacionais e os acidentes de trabalho consomem 1,8% do PIB. As empresas que produzem grãos e sementes agrícolas modificados geneticamente, cobram direitos autorais dos camponeses, que são obrigados a utilizar seus grãos e sementes. Ao contrário do que a propaganda afirma, o uso de transgênicos exigem pesticidas e herbicidas, que fazem parte de um pacote básico

imposto aos agricultores. As sementes foram patenteadas, e os agricultores ao invés de trabalhar com as chamadas sementes crioulas, passaram a utilizar as sementes híbridas, geneticamente transformadas, ao invés de prestarem conta à natureza, os agricultores passaram a pagar royalties. As sementes nativas vão sendo dispensadas, perdendo seu tempo no mundo que passa a servir as transnacionais. Junto com a produção em escala, a química introduziu o câncer e outras doenças na dieta dos habitantes do planeta, na saúde dos trabalhadores que manipulam o veneno, mata animais de grande porte e seres humanos. Os produtos orgânicos, mais saudáveis para saúde dos que plantam e dos que consomem, custam mais caro. Por falta de financiamento e de políticas públicas fica mais distante do prato da população. A Syngenta cria dependência química trocando café por agrotóxico, uma empresa sem nenhuma tradição ou foco na comercialização de commodities está se consolidando como uma das maiores exportadoras brasileiras de cafés especiais. A indústria de agroquímicos e sementes Syngenta tem contratos para comprar e exportar 208 mil sacas de café gourmet ao longo deste ano dentro de um programa no qual troca seus produtos por sacas do grão. O agricultor paga os insumos com sua própria produção e não em dinheiro. Com os cafés especiais a Syngenta decidiu fazer ela mesma a comercialização em uma estratégia para que os produtores de café sejam fiéis a seus agroquímicos, a plataforma inclui os agrotóxicos da Syngenta e também os serviços pós-colheita e treinamentos.

40ª cena- 40'46" - frase - Adonai- uma resistência possível - Adonai I. S. dos Santos – Agricultor, Sanga dos Índios, Iraí / RS

Pra fazer o custeio da lavoura e pra ti está segurado que vai fazer lavoura, o banco exige as notas de semente e tem que ser híbridas, tem que ter adubo químico, tem que ter veneno e as notinhas de todo esse produto. Porque lá no dia que você vai fazer a entrevista, vai vir o técnico do banco, o fiscal e ele vai as notas pra fazer o seguro. Senão em 48 h você tem que devolver o dinheiro lá, se você não tiver a lavoura, se você não usou aquilo e não tem aquelas notas você não vai ganhar o PROAGRO.

41ª cena – 41'42" - A palavra Adonai em hebraico significa ele, como se designa Deus, cujo o nome não se pronuncia. Aqui no Brasil, no Rio Grande do Sul, Adonai é um agricultor que reinventa o mundo a sua maneira, tudo que lhe

apresentam como verdade, Adonai questiona. No mundo da Monsanto, Dow, Bayer, Basf, Dupont, Syngenta, Adonai pratica agricultura orgânica sem transgênico, enfrenta o banco que só dá crédito a quem planta transgênicos e tem como garantia de colheita da safra o uso de herbicidas e pesticidas. Nosso Adonai desafia as transnacionais que lucra bilhões com os seus venenos, baseado na sua história familiar, Adonai reinventou o milho crioulo. Existe uma porta de saída, Adonai aponta.

42ª cena- 42'29" - Adonai I. S. dos Santos – Agricultor, Sanga dos Índios, Iraí / RS

Eu me lembrei lá de trás, do tempo de meu pai, quando tinha sementes crioulas. Por que não pode tentar fazer isso hoje? Eu mais um colega que se formou em agrônomo, dissemos vamos tentar fazer uma semente aqui em sua propriedade, daí nós tínhamos que depender do milho híbrido com outro, daí fazer o enxerto pra fazer o cruzamento, daí pra tirar para plantar a segunda planta. Eu usei 11 variedades de milho, fiz uma mistura, peguei um milho comum que eu comecei a encontrar, daí peguei mais híbridos e misturei tudo, daí eu fui selecionar. Levei 3 anos que eu consegui fazer esse milho certo

43ª cena – 43'38' - Dra Ana Primavesi – Agrônoma e Agricultora – Pioneira da Agroecologia no Brasil

Hoje em dia o pessoal sempre acha que se faz agricultura orgânica não vai nutrir a humanidade. Bom, se está pensando que orgânico é simplesmente deixar o químico, tem razão. Porque orgânico é que se trabalha com a vida do solo e não perguntaram o que a planta precisa, perguntaram o que a indústria podia fornecer. Nós temos que ter mais pela natureza e menos para tecnologia, porque se a tecnologia em si não tiver trabalhando conforme a natureza, não via conseguir resultado satisfatório.

44ª cena - 44'30" - Fernando Ataliba – Agricultor – Sítio Catavento - Indaiatuba/SP

Essa cenoura, ela foi produzida em perfeito equilíbrio trofobiótico. O que é isso? Ela teve uma nutrição, uma ambientação absolutamente adequada, de modo que ela não contraiu nenhum tipo de doença. Ela está equilibrada.

Não há nenhuma dificuldade em produzir orgânico para alimentar o povo, não há dificuldade técnicas. O sítio Catavento, com seus 20 hectares de agricultura produz 300 toneladas de alimentos por ano e alimentos de altíssima qualidade.

45ª cena – 45'10" - Dra Ana Primavesi

O problema que nós enfrentamos, não é que eles não sabem. Eles não querem por causa da indústria que ganha por isso e sempre está algo no meio entre a tecnologia correta e a ganância.

46ª cena – 45'30"- Sebastião Pinheiro- Engenheiro Agrônomo e Florestal – Pesquisador da UFRGS – 24'32"

Eu aconselho a vocês, não entrem na Universidade da Academia Brasileira falando mau do agrotóxico. Você é capaz de ser apedrejado.

47ª cena- 45'40" - Fernando Ataliba

Agricultor tem que aprender a confiar na natureza.

48ª cena- 45'45" - Adonai

Tem que dar um sentido para o pequeno agricultor acreditar nisso e entrar. Mas isso depende também da parte dos governantes públicos que apoia e leve adiante. Nós estamos ali, bem pequenininhos tentando uma frestinha.

49ª cena – 46'04"- Eduardo Galeano- jornalista e escritor

Eu acho que a única possibilidade que nós temos de não só recuperar recursos naturais e saber defendê-los, mas também de levar isso como necessidade de levar uma vida melhor e mais livre para os humanos e tomar consciência que os direitos da natureza e os direitos humanos são dos homens da mesma dignidade, ou seja, qualquer contradição é artificial e sobretudo quando nasce de perceber religião, do progresso, desenvolvimento, do crescimento econômico, que predomina onde manda o Deus do mercado, Deus implacável, invisível, tremendo "fdp" o Deus do mercado que manda crescer essas a identidade entre os recursos naturais e a vida humana e entre o direito humano e o direito da natureza.

FIM

ANEXO C - *O veneno está na mesa*: um olhar multidimensional para o cinema na sala de aula

Valéria Bazilio Terra, Larissa Escarce Bento Wollz e Alexandre Bárbara Soares

Este capítulo apresenta uma análise sobre o filme *O veneno está na mesa*, de Silvio Tendler, com a intenção de compreender a produção de alimentos no Brasil, possibilitando que esta discussão se amplie entre o corpo discente dos cursos de Nutrição. Ao mesmo tempo, procura estabelecer um diálogo com as formas de produção de sentidos contemporâneos, como o cinema e ferramentas audiovisuais, compreendendo que os diferentes “modos” de pensar e sentir são forjados no interior de múltiplas práticas de subjetivação. Nosso interesse é de que o aluno desenvolva autonomia na formação e, por meio de uma aprendizagem que seja significativa, valorize o processo de produção do conhecimento. A escolha do documentário *O veneno está na mesa* está relacionado a minha formação de nutricionista, pois a temática abordada no filme está diretamente envolvida com a qualidade do alimento ofertado à população.

É um grande desafio aprender sobre cinema e, em particular, o gênero documentário, pois diferente de uma espectadora, que assiste a filmes por prazer, como nutricionista e analista preciso estar atenta, dominar o filme e não ser hipnotizada pelo mesmo, como descreve Vanoye (2014). O documentário escolhido aborda a forma como se produz o alimento, quem produz, quem consome, quem ganha e quem perde nesse jogo em que vários interesses políticos e econômicos estão relatados nas entrevistas de diferentes atores sociais. E os interesses e conflitos do campo estão presentes em todo o filme, retratando todo o jogo discursivo e ideológico que cerca tal questão.

Pensar no cinema como possibilidade do aluno ampliar o olhar para as questões além das que estão postas em tela é uma maneira de contribuir para a formação de profissionais de saúde formados no modelo hegemônico de ensino por meio do qual são preparados para o exercício profissional. E mais, produzir análises acerca do cinema demanda compreender que os sentidos e significados se produzem a partir da relação que o outro, expectador, produz a partir da experiência, e não necessariamente por uma essência ou discurso inerente à produção

cinematográfica. Portanto, a direção que uma obra cinematográfica toma se relaciona e dialoga o tempo todo com os conteúdos que seu público produz a partir de suas experiências e valores (TURNER, 1997). Em paralelo, na formação curricular, os cursos, por vezes, apresentam conteúdos programáticos das diversas disciplinas que não estabelecem relação entre conteúdos teóricos e práticos. O que se aprende na universidade nem sempre é o que se encontra no cotidiano profissional. Mas o argumento da necessidade de preparar os estudantes com uma sólida formação teórica que fundamente sua atuação nos campos de estágio e, futuramente, na sua vida profissional, é recorrente (GOMES et al., 2010).

Considerações iniciais acerca da produção de alimentos – A quem interessa a continuidade do modelo de exploração para exportação?

Problematizar a produção de alimentos que em nosso país significa lembrar que o modelo de produção sempre foi marcado, desde a colonização, pela monocultura da cana-de-açúcar e pelo trabalho escravo, e hoje, mais de 500 anos pós-colonização, perpetuamos este mesmo modelo com a soja, carne bovina, açúcar, café etc. Nos relatos que encontramos da história da agricultura no Brasil (1530-1640), por Caio Prado Júnior, a agricultura de subsistência contava com espécies de tubérculos, em especial a mandioca, oriunda da cultura indígena. Em seguida, veio o milho, arroz e o feijão. As verduras eram pouco consumidas, ao contrário das frutas, que no início da colonização eram muito apreciadas, principalmente a banana e a laranja. Inclui-se também como produto de subsistência a carne de boi, sendo a pecuária, mais tarde, considerada base econômica da colonização do Extremo Sul. Entretanto, tal fato se deve à valorização do couro no mercado externo. A carne era desprezada, já que a produção era maior que o consumo interno.

Durante a colonização, o país seguiu valorizando a monocultura de poucos produtos para exportação como café, borracha, cacau, mate e fumo. Por outro lado, mais de 30% de produtos importados eram gêneros alimentícios, o que é bastante contraditório para um país com essa extensão de terras agricultáveis. Essa contradição comprometerá mais tarde a organização econômica, que começará com

a queda do preço do café, acarretando superprodução e dificuldade de escoamento. Em contrapartida, a pecuária cresce tanto para gado de corte como para leiteiro na região Sudeste do país.

A formação de aglomerações urbanas e industriais foi um estímulo para que as pequenas propriedades produzissem frutas, verduras, aves e ovos, para abastecimento, uma vez que a agricultura em larga escala não produzia tais alimentos, o que favoreceu os lavradores modestos. Outro fator foi a crise do café, levando ao retalhamento das fazendas e sua venda em lotes num custo acessível ao trabalhador rural. Com esses estímulos, a pequena propriedade continuou progredindo, porém com grandes obstáculos econômicos e políticos devido ao domínio agrário.

Esse progresso sofre abalos devido a conjunturas favoráveis a grandes plantações, como algodão e cana-de-açúcar. Por outro lado, cada vez mais os pequenos proprietários se mostram habilitados a produzir os gêneros necessários à subsistência alimentar da população, representando um grande papel na economia brasileira e desempenhando uma função que no passado cabia à importação.

Neves (2009) apresenta o campesinato como categoria analítica e histórica, sendo constituído por poliprodutores, integrados ao jogo de forças sociais do mundo contemporâneo. No Brasil, a categoria será reconhecida pela produção, em modo e grau variáveis, para os mercados locais, em rede, os nacionais e os internacionais. Se a relação com o mercado é característica distintiva desses produtores (cultivadores, agricultores, extrativistas), as condições dessa produção guardam especificidades que se fundamentam na alocação ou no recrutamento de mão de obra familiar. Trata-se do investimento organizativo da condição de existência desses trabalhadores e de seu patrimônio material, produtivo e sociocultural, variável segundo sua capacidade produtiva.

Para Cunha (2012), a origem do campesinato no Brasil pode ser proveniente de áreas de antigos engenhos de cana-de-açúcar, algodozeiras e cafeeiras, ou também de fronteira, quando ligados à expulsão de povos indígenas, ou como ocorreu no sul do país, por meio de doação de terras, pelo Estado Imperial, a imigrantes assentados em colônias. Neste sentido, o campesinato se tornou um termo repleto de sentidos que refletem conceitos culturais, sociais e históricos, podendo ser conceituado como uma diversidade de formas sociais baseadas na relação de trabalho familiar em maneiras distintas de acesso a terra. Entre os

elementos comuns à cultura camponesa está a centralidade do papel da família na organização da produção, os costumes de herança, a tradição religiosa e as formas de comportamento político, juntamente com o trabalho da terra. A cultura do campesinato remete a uma ordem simbólica construída historicamente e possui especificidades em sua inserção na lógica econômica de produção (WOLLZ e STOTZ, 2014).

Com o início da chamada Revolução Verde, nas décadas de 1960 e 1970, veio a invenção e disseminação de novas sementes e práticas agrícolas que permitiram um vasto aumento na produção agrícola no mundo por meio da alteração genética de sementes, uso intensivo de insumos industriais, mecanização e redução do custo de manejo.

Este modelo se baseia na intensiva utilização de sementes geneticamente alteradas, insumos industriais (fertilizantes e agrotóxicos), mecanização, produção em massa e diminuição do custo de manejo. Como também no uso extensivo de tecnologia no plantio, na irrigação, na colheita e no gerenciamento de produção. Para obter o crédito agrícola, o agricultor fica obrigado a fechar um pacote no qual está incluído a compra dos insumos químicos.

A Revolução Verde resultou num desenvolvimento tecnológico moderno, o que levou à substituição das técnicas agrícolas tradicionalmente passadas de pais para filhos parte da cultura das comunidades. Muitos agricultores optaram pela novidade por estarem entusiasmados com os altos rendimentos e com apoio institucional técnico e financeiro. Outros camponeses relutaram a aceitar a mudança ou renegaram a essa novidade, ficando marginalizados à nova economia de produção agrícola (PARAYIL, 2003; PERKINS, 1997 apud GERGOLETTI 2008).

O mais famoso inseticida, conhecido como DDT (Diclo Difenil Tricloroetano), que foi descoberto pelo suíço Paul Müller, em 1939, o que mais tarde lhe conferiu o Prêmio Nobel da Medicina devido a sua utilização no combate à malária (PAPINI et al., 2014), foi também utilizado na Segunda Guerra Mundial no combate aos piolhos, prevenindo tifo em soldados. Após a guerra, iniciou a produção em alta escala e foi muito utilizado na agricultura como pesticida, por cerca de 25 a 30 anos. Outra função para seu uso foi em programas de controle de doenças tropicais, inclusive no Brasil, como malária e leishmaniose visceral (D'AMATO et al., 2002).

Os efeitos indesejáveis desse e outros pesticidas se tornaram público em 1962, quando a bióloga americana Rachel Carson lançou o livro *Primavera*

silenciosa. Os Estados Unidos e o mundo ficaram cientes das consequências do DDT e de outros inseticidas de ação semelhante, mostrando que, ao exterminar massivamente insetos 'indesejáveis', quebrava um equilíbrio na natureza, com efeitos em cadeia a longo prazo. Ela comparou o efeito das pulverizações maciças do DDT ao de uma nova bomba atômica.

Rachel Carson teve a coragem de falar contra a corrente que via nos pesticidas um indiscutível bem para a humanidade, desencadeando assim um movimento que contou com apoiadores que faziam parte de uma população assustada, despertando uma consciência ecológica. Contudo, só dez anos mais tarde a utilização do DDT nos Estados Unidos foi banida (QUEIRÓZ, 2005). No Brasil, sua proibição só veio com a Lei 11.936/09.

Desde 2001, a Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA) avalia os níveis de resíduos de agrotóxicos nos alimentos de origem vegetal que chegam à mesa do consumidor através do Programa de Análise de Resíduo de Agrotóxico (PARA). Porém, a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), aponta, em seu *Dossiê* de 2015, para a necessidade de fortalecer e ampliar esse programa, incluindo alimentos processados, água, carne, outros alimentos *in natura*. Esse mesmo documento propõe outras ações que consideram urgentes, como: banir os agrotóxicos já proibidos em outros países, proibir a pulverização aérea, suspender as isenções de ICMS, PIS/PASEP, COFINS e IPI concedidas aos agrotóxicos. Por outro lado, fortalecer e ampliar políticas de aquisição de alimentos sem agrotóxico.

Aspectos metodológicos

Esta pesquisa se inicia com a seleção de filmes que sejam do gênero documentário e que tenham relação com o campo da Alimentação e Nutrição. Produzir análises a partir do cinema significa não apenas identificar um discurso textual, mas estabelecer uma interligação entre a estética e uma narrativa. Segundo Turner (1997), o significado de um filme não se produz apenas por um conjunto de arranjos específicos de seus elementos, mas pela relação que estabelece com o público e que dele não depende. Portanto, não há necessariamente um conteúdo fixo e imutável em uma obra cinematográfica, senão uma variedade de significados

que fazem parte de um amplo sistema de representação de si e do mundo. Após assistir a muitos, optei pelo *O veneno está na mesa*, devido à temática estar relacionada a conflitos de interesses econômicos e políticos, envolvendo alimentação, agricultura, meio ambiente e saúde. Este tipo de filme apresenta vários dados narrados e relatos dos entrevistados. O próximo passo foi a transcrição do filme e a partir daí, o levantamento de publicações em livros e artigos referentes à temática.

Segundo Minayo (2010), o método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Pensando no campo das ciências sociais, onde a representação social corresponde a uma forma de organização simbólica da realidade, a uma via de compreensão da vida cotidiana por meio da sistematização conceitual de suas práticas e condutas. É também um modo de interpretar o senso comum socialmente compartilhado e de investigar o que dizem os atores envolvidos em seus papéis sociais (FERREIRA, 2015). Além da contribuição das Ciências Sociais na metodologia de pesquisa qualitativa, é sobretudo no olhar disciplinar dessas ciências, centrado na compreensão e na interpretação dos fenômenos socioculturais ligados à saúde e ao adoecimento (LUZ, 2011).

Para entender melhor esse gênero de filme que é o documentário, recorre-se a autores e seus conceitos sobre o assunto. Lucena (2012), para distinguir documentário de ficção, traz o exemplo dos irmãos Lumière, o primeiro registro cinematográfico, que foi a saída da fábrica, sendo um acontecimento do mundo real. Diferentemente da viagem à lua de Méliés, o primeiro filme de ficção, no qual apresenta um mundo imaginário.

Em seu livro *Como fazer documentários*, Lucena (2012) traz diversos conceitos de diferentes autores e faz um resumo, definindo documentário como:

O documentário, diferente da ficção, é a edição (ou não) de um conteúdo audiovisual captado por dispositivos variados e distintos (câmera, filmadora, celular), que reflete a perspectiva pessoal do realizador, ou seja, nem tudo é verdade no documentário, envolve informações colhidas no mundo histórico, ambientações quase sempre realistas e personagens na maioria das vezes autodeterminantes (que falam de si ou desse mundo), roteiro final definido e não necessariamente com fins comerciais, com o objetivo de atrair nossa atenção (LUCENA, 2012, p. 16).

Nichols (2012) define documentário pelo contraste com filme de ficção ou filme experimental e de vanguarda. Segundo ele, documentário não é uma reprodução da realidade, e sim uma representação do mundo em que vivemos.

Aspectos menos visíveis do campo do documentário dificultam definir um conceito único e abrangente que dê conta de sua complexidade e diversidade, como relata Rezende (2013), em seu livro *Microfísica do documentário*. Sob o ponto de vista do processo criativo que o produz, este autor descreve que o documentário pode ser visto como um campo de virtualizações e atualizações de questões, que se dá segundo condições determinadas de produção. Como virtualização, o documentário não tem objeto nem sujeito prévio, o documentarista compõe os vários elementos que devem se integrar a outros. Da mesma forma, Guattari (1986) afirma que a cultura de massa, o cinema, o audiovisual, produz indivíduos, articulados uns aos outros por sistemas hierárquicos, de valores (1986, p. 16), pressupondo, portanto, que o processo de significação de uma obra se dará a partir dos sistemas de valor e dos processos de subjetivação que se desencadeiem no encontro sujeito-obra. Essa dinâmica demonstra a complexidade do processo.

A respeito do documentário analisado neste trabalho, *O veneno está na mesa*, temos uma produção nacional, do diretor Silvio Tendler, datada de 2011, que traz a temática do uso abusivo de agrotóxico⁹ no Brasil, produzido em parceria com a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida. Essa Campanha representa um esforço coletivo, assumido por um conjunto de mais de 100 entidades nacionais, que visa combater a utilização de agrotóxicos e a ação de suas empresas (produtoras e comercializadoras), explicitando as contradições geradas pelo modelo de produção imposto pelo agronegócio, que colocou o Brasil, desde 2008, como o maior consumidor de agrotóxico no mundo. Tal uso de agrotóxicos gera impactos à saúde pública porque atingem vastos territórios e envolvem diferentes grupos populacionais, como trabalhadores rurais, moradores do entorno de fazendas, além de todos os consumidores.

A Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), que também está engajada nesta campanha, lançou o *Dossiê* (2012), no qual comprova

⁹ Produtos e agentes de processos físicos, químicos ou biológicos, destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens na proteção de florestas, nativas ou implantadas, e de outros ecossistemas e também de ambientes urbanos, hídricos e industriais, cuja a finalidade seja alterar a composição da flora ou da fauna, a fim de preservá-las da ação danosa de seres vivos considerados nocivos. Decreto que regulamenta a lei do agrotóxico (BRASIL,2002).

cientificamente que o agrotóxico faz mal a saúde das pessoas e do meio ambiente, apresentando em 2015 uma versão atualizada desse documento. No atual, encontram-se reunidas diversas informações de trabalhos publicados em revistas nacionais e internacionais, que revelam evidências científicas e correlação direta entre uso de agrotóxicos e problemas de saúde. Essas informações foram confirmadas por diversas fontes, relatos e denúncias, no Brasil e no exterior.

A utilização do cinema como instrumento pedagógico não é novidade no universo escolar. Segundo Carvalho (2003), o interesse dos educadores pelo cinema advém dos anos 1920/1930. Ela afirma que o filme, já nessa época, era visto por alguns educadores como um aliado na sala de aula.

Considerava-se que o filme enriquecia o ensino por permitir um contato com o real. O uso de filmes, na sala de aula, expressa a confirmação das transformações alcançadas pela escola contemporânea e que, se proporcionou avanços tecnológicos, o mesmo aconteceu no plano didático-pedagógico (DANTAS, 2007).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996) consolida e amplia o dever do poder público e reforça a necessidade de se propiciar a todos a formação básica comum, o que pressupõe a formulação de um conjunto de diretrizes capaz de nortear os currículos e seus conteúdos mínimos. Afirma no Art. 26º que os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Recentemente, a Lei 13.006/14 acrescentou à LDB o parágrafo 8º no artigo 26, que diz:

A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais (BRASIL, 2014).

Ferreira (2015) relata que podemos pensar o cinema como modo de narrar uma história, seja ela inspirada em fatos reais ou de ficção, recompondo os rastros da vida cotidiana. Ver um filme pode significar a busca de um mundo que nos é revelado não apenas no sentido original, pensado pelo criador da obra, mas também a partir de outros sentidos possíveis, pensados pelos sujeitos que assistem à obra.

Buscamos aqui exercitar uma perspectiva do cinema defendida por Tandler¹⁰, “fazer do cinema uma arma de luta, uma arma de reflexão, uma arma de pensamento”. Lembrando que as armas podem ser utilizadas pelos diferentes lados da questão.

Para a construção deste texto, utilizamos um olhar multidimensional do filme a partir da seguinte proposta: dimensão formal – decupando a montagem, cenários, ritmo, planos etc.; dimensão social – percebendo as relações sociais acerca do alimento; dimensão econômica – avaliando a produção, distribuição e consumo dos filmes na lógica da indústria cultural; dimensão da linguagem – problematizando o tipo documentário e sua pretensão ao discurso “verdadeiro”; dimensão conceitual com suas implicações históricas, econômicas etc.; dimensão pedagógica – apontando elementos para discussão em sala de aula; dimensão pessoal – recuperando narrativas, histórias de vida, vivências pessoais...

Dimensão Formal

O filme *O veneno está na mesa* foi produzido em 2011 pelo diretor Silvio Tandler, com duração de 50 minutos, pertence ao gênero documentário. Produção Caliban / Suporte: EPSJV-FIOCRUZ. Disponível na internet em: <http://www.youtube>.

O domínio discursivo usado na linguagem documental possui características próprias, envolve informações colhidas no mundo histórico, ambientações quase sempre realistas e personagens, na maioria das vezes, autodeterminantes, roteiro final definido, com o objetivo de atrair a nossa atenção (LUCENA, 2012).

Este documentário foi produzido em parceria com a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida, composta por entidades da sociedade civil brasileira, movimentos sociais, entidades ambientalistas, estudantes, organizações relacionadas com a área da saúde e grupos de pesquisadores.

Em sua 1ª cena, traz a mensagem de que desde 2008 o Brasil é o maior consumidor de agrotóxico do mundo. Vários entrevistados contribuíram para a realização desse documentário, a saber: agricultores, jornalistas, agrônomos,

¹⁰ Silvio Tandler, frase extraída do site “Caliban – Produções cinematográficas”.

professores, pesquisadores, médicos, nutricionista, representantes da ANVISA, FIOCRUZ e do Senado.

O diretor faz uso em seu roteiro dos meios de comunicação, rádio e televisão (foto 2), para transmitir os relatos das denúncias. De acordo com Tandler, a estratégia para a utilização de material nos meios de comunicação teve como objetivo legitimar as palavras do filme com os textos e direções dos meios de comunicação, já legitimados (SANTOS, 2012).

Logo na 3ª cena (2'6''), mostra a seguinte entrevista de rádio:

São vários os princípios ativos banidos na maior parte do mundo que circulam impunemente no Brasil, porque o lobby dos agrotóxicos que é poderoso que movimentam recursos vultosos, o Brasil é o campeão mundial de agrotóxicos, nenhum outro país pulveriza na lavoura tanto agrotóxico quanto o nosso, esse setor movimentou ano passado mais de 7 bilhões de dólares em venda de produtos. Questiona na justiça com sucessivas petições, com embargos, protelando processos, então a reavaliação toxicológica da ANVISA fica amarrada as injunções do judiciário. O que está em jogo agora? Está para ser decidida nos próximos dias, a forma como o Brasil se posiciona em relação ao princípio ativo chamado metamidofós, questiona a resolução da ANVISA proibindo a venda e o uso de metamidofós no Brasil, o que que é esse palavrão? É o princípio ativo de um agrotóxico usado nas lavouras de soja, de batata, de feijão, tomate, trigo e algodão. Quais são os problemas causados pelo metamidofós, entre outros, atinge o sistema nervoso central, danos de memória, lapso de memória em crianças, perda de movimentos, prejudica o movimento das crianças principalmente, reduz a imunidade do organismo, causa desregulação hormonal, sistema reprodutor pode ser comprometido, pode haver complicações no embrião das gestantes, ou seja, é um veneno que foi proibido em países como Estados Unidos e China que vejam são bem diferentes na forma como vetam circulação de produtos, países da comunidade europeia toda e países da África, mais uma vez são países bem distintos na forma como vetam circulação de produtos. O Brasil tolera.

As cenas se intercalam entre os fatos narrados e as entrevistas que são realizadas no ambiente de trabalho, no caso do agricultor, na própria lavoura, ou nos escritórios dos técnicos e especialistas. O objetivo do filme é denunciar o uso abusivo dos agrotóxicos e seus impactos na saúde do trabalhador, da população e do meio ambiente.

Dimensão Social

No documentário *O veneno está na mesa*, Silvio Tandler levanta bandeiras importantes acerca dos impactos sociais que o uso excessivo dos agrotóxicos traz

para a vida dos brasileiros em diversas perspectivas. Usando uma explicação que faz referências históricas, o documentário mostra os impactos que os pacotes de sementes modificadas e agrotóxicos trazem para a vida dos agricultores.

Nessa apresentação, o diretor traça os caminhos desde a introdução desses gêneros na produção até o momento no qual esses agricultores se dão conta das dificuldades de se libertarem dessa relação de dependência que sua produção passa a ter com essas grandes corporações.

Toda a relação culturalmente herdada entre produtores e produção é alterada a partir da Revolução Verde. O progresso, o aumento e melhoria da produção são os signos demagógicos usados pelas grandes corporações, e o filme procura mostrar o surgimento e a evolução dessa relação de dependência entre esses produtores e essas grandes corporações.

A partir do documentário, podemos desmistificar um pouco algumas construções imaginárias acerca da relação de pequenos produtores com suas colheitas. Podemos ver também a luta entre diferentes forças políticas e econômicas em torno da safra de alimentos. A abordagem multidimensional que o autor procura estabelecer parece ter o objetivo de apresentar ao espectador diferentes ângulos das disputas que ocorrem no âmbito da produção de alimentos no Brasil. E a questão do uso de agrotóxicos aparece como o fio condutor.

Nesse sentido, o filme traz ainda a questão do desaparecimento das sementes crioulas, nativas de uma produção mais artesanal, e problematiza os prós e contras que essa troca pela produção estruturada no modelo das grandes empresas fabricantes de agrotóxico pode trazer. O desejo do agricultor de aumentar sua produção e conseqüentemente seus lucros; a relação entre aumento de produção e queda nos preços de prateleira dos mesmos, promovendo, em tese, a oferta e o acesso a alimentos; os vínculos de dependência que essas empresas transnacionais criam entre elas e a produção, que passa inclusive pela questão econômica, no momento em que as concessões de crédito estão atreladas ao vínculo com essas empresas. E ainda a questão que intitula o filme, sobre a qualidade do alimento que chega as nossas mesas.

Impossível não apontar para o fato de que, na atual sociedade de consumo, não participamos mais, em grande escala, da produção dos bens dos quais dispomos. Portanto, tal sociedade termina por engajar seus membros pelo dever de desempenhar o papel de consumidor (BAUMAN, 2008). Ser consumidor se tornou o

traço identitário central na sociedade contemporânea, estabelecendo os marcos divisórios que hierarquizam os sujeitos a partir de sua maior ou menor participação na cadeia de consumo. Assim, a relação com a alimentação se torna apenas mais um elo nesta cadeia, desvinculando-nos cada vez mais dos processos constitutivos dos alimentos.

O diretor Silvio Tandler procura levantar a reflexão acerca dessa qualidade do que chega a nossa mesa, em diferentes dimensões, pensando nos diversos custos que envolvem essa qualidade. Os ambientais, os econômicos, os culturais, os sociais, os custos para a saúde humana, o que está bem claro nas palavras do jornalista e escritor Eduardo Galeano, o primeiro entrevistado do filme:

A história da América Latina é a longa história da perda, da desocupação, do roubo dos recursos naturais. E a consciência da necessidade de preservar esses recursos, de defender esses recursos, não é tão acelerada quanto o processo de roubo que continua, os ladrões são mais rápidos do que a gente, são mais velozes do que nós. Um exemplo mais revelador de todos, mais indiscutível de todos, a propósito desse divórcio entre a natureza e os Direitos Humanos é o que acontece com os Agrotóxicos, que está sendo permitindo esses venenos contra a natureza em países que têm governo progressista, em nome da produtividade, de critérios economicistas. E o que é o progresso humano? O que acontece com a terra? O que acontece com a gente? A terra e a gente são muito mais importantes do que a produtividade. Então dá essa contradição em governo que tem a política progressista e que aceitam o agrotóxico como uma necessidade inevitável, sem perceber que tem ali uma certa traição nos princípios ligado a saúde humana.

Dimensão Econômica

Do ponto de vista da dimensão econômica, *O Veneno está na mesa* não se propõe a ser um campeão de bilheteria para arrecadar milhões em dinheiro e nem gerar lucros ao seu autor e produtores com a venda de seu DVD. É nítida a proposta do documentário em ser didático e servir de alerta e reflexão para a temática do uso dos agrotóxicos na produção de alimentos. Podemos atestar isso já na contracapa do DVD, em que aparecem escritas as mensagens: “Reproduzir e distribuir livremente” e “A reprodução parcial ou total desta obra é permitida desde que seja usada para fins não comerciais e que seja citada a fonte”. Dessa maneira, nota-se a não preocupação em se lucrar com a venda desse DVD enquanto produto de

interesse comercial. Enfatizando ainda mais o aspecto não comercial, a capa apresenta abaixo do título, escrito: “Campanha permanente contra os agrotóxicos e pela vida”.

Quanto à temática tratada no documentário, essa sim tem fortes aspectos econômicos envolvidos. Em contraposição à produção do documentário, a de alimentos envolve profundo impacto econômico. Em diversos momentos do documentário se evidenciam os históricos interesses econômicos da iniciativa pública e privada neste setor.

As empresas transnacionais fabricantes de agrotóxicos (BASF, Bayer, Dupont, Monsanto, entre outras) têm grande interesse em que cada vez mais o uso desses “venenos” seja propagado para manter e aumentar seus lucros. Elas criam laços de dependência entre as tecnologias exclusivamente oferecidas por elas e o produtor, sob o manto do discurso de uma produção de alimentos rentáveis – sem perdas expressivas na colheita e transporte e reduzindo os agravos das pestes comuns nas lavouras –, mas que, no entanto, aliena o produtor de suas técnicas e bases nativas de produção. Dessa forma, o uso dos agrotóxicos tem sido um investimento para garantir uma safra de alimentos cada vez maior, gerando lucros e produtividade para o setor.

A discussão do ponto de vista econômico abarca ainda a possível introdução de alimentos orgânicos como solução para a diminuição do uso dos agrotóxicos. Mas há muitos entraves quanto a essa questão, pois os alimentos orgânicos possuem menor durabilidade, acabam por ter sua produção e transportes mais caros – sobretudo devido ao maior percentual de perdas –, o que acaba elevando seu preço, além de serem de difícil acessibilidade e disponibilidade para o mercado consumidor.

Em um dos depoimentos do documentário, a senadora Kátia Abreu (DEM/TO), em audiência pública, salienta que, para que os alimentos orgânicos fossem produzidos para atender a toda a população brasileira, seria necessária uma extensão territorial equivalente a 3 a 4 vezes o tamanho de todo o território brasileiro:

O grande responsável pelo motivo dessa audiência pública é o autor de uma entrevista no jornal *Le Monde Diplomatique*, que publicou uma entrevista bastante prejudicial ao país: Brasil envenenado e o subtítulo: Alimentos contaminados. Então a partir do momento que um diretor da ANVISA que é responsável em avaliar, aprovar ou não, os defensivos para

agricultura, genéricos ou não, faz uma declaração dessas na imprensa, ele tinha a obrigação de vir se justificar no Senado Federal. Elas estão dando prejuízo ao patrimônio Nacional. Essas pessoas esquecem que elas também comem e que querem comer barato. Se ele tem um bom salário na ANVISA, não é o caso de milhares e milhares de brasileiros que ganham salário mínimo ou não ganham nada e que portanto precisam comer comida com defensivo sim, infelizmente, que é a única forma de comer alimentos mais barato. Se nós pudéssemos produzir orgânico para todo o Brasil e para o mundo, nós precisaríamos, no mínimo, eu nunca fiz essa conta, de 3 Brasis ou 4, daí pra mais, para produzir o mesmo tanto para os brasileiros e exportar. Então eu não compreendo onde essas pessoas querem chegar. Elas querem atingir quem? As pessoas pobres que não podem comer comida cara? Ou eles estão revoltados porque o Brasil diminuiu o preço da compra da comida em uns 1000%? 40 anos atrás, senhor presidente, o trabalhador brasileiro gastava 50% da sua renda com comida, hoje gastam 18%, se não nos atrapalhassem os agricultores poderiam estar aí fazendo custar 12% da renda do trabalhador. É a burocracia para dificultar a vida da maioria e beneficiar uma pequena minoria. E o pior de tudo isso, o mais desonesto, é que a bandeira é bonita, é da saúde humana em jogo, a população toda fica do lado deles.

Enquanto não há solução para o problema, a produção de alimentos continua a movimentar cifras exorbitantes associadas ao uso dos agrotóxicos, que acabaram por se tornar fundamentais para garantir a produtividade, assegurando a parte destinada à exportação, inclusive. Importante também ressaltar os impactos diversos que tal modelo de produção tem provocado junto à população originária de diferentes localidades, como indígenas e ribeirinhos, a partir da intensificação da expansão do agronegócio e do extrativismo e da expulsão desses grupos humanos pela inviabilidade de permanência em ambientes degradados e hiperexplorados. Se, em Bauman (1998), a liberdade contemporânea se relaciona com a capacidade de mobilidade do capital para explorar recursos (humanos, naturais, simbólicos) em qualquer ponto do planeta sem estabelecer compromissos com as populações presentes e futuras dessas localidades, relegando ao território as consequências de tal exploração, o oposto estaria na impossibilidade desses grupos de se mover para fora dos limites de suas terras. Portanto, tendo que arcar, sozinhos, isoladamente, com os impactos da ação do agronegócio em suas terras. E, em muitos casos, vendo-se obrigados a migrar para centros urbanos pela impossibilidade de permanecer em terras assoladas por pesticidas ou devastadas para o estabelecimento de pastos bovinos.

Dimensão Conceitual

Ao pensar num filme e em todas as suas dimensões, deve parecer estranho pensar naquela realidade construída e que em alguns momentos pode estar tão próxima de nós por alimentarem nossa imaginação, ou ainda quando nos deparamos com cenas que realmente descrevem a realidade através da necessidade de expor e discutir tal temática. O filme pode estar se equilibrando entre a arte e o comércio, mas a nós, espectadores, interessa a análise de como aquele projeto se definiu.

Entender a ideia, o que se quer com aquele projeto, se a criatividade ou a responsabilidade está sendo colocada na mesa, ou melhor, na tela; e na tentativa de analisar aquela propriedade intelectual e suas implicações subjetivas, psicológicas, culturais, entre outras, a narrativa do filme deve ser clara, mas também dotada de empoderamento para que possa prender a atenção de quem o assiste, concordando ou discordando, e a partir desse momento iniciar a discussão sobre o tema, como é comum nos casos de documentários, muito utilizados como ferramentas para introduzir ou fomentar a discussão sobre uma temática.

A elaboração de um filme ou documentário não acontece através de uma ciência exata, mas sim da necessidade de clareza, ação e profundidade em relação a um assunto. Entretanto, esse conceito precisa ser questionado, se a forma que essa história será contada a faz interessante, se há contrapontos, ou ainda como será recebida quando da sua divulgação, até porque um documentário pode gerar muitas controvérsias de acordo com os interessados. Talvez para um documentarista, o mais importe seja o impacto da divulgação de seu filme e as discussões que serão desencadeadas por levantar esta ou aquela temática, do que, propriamente, os valores de bilheteria.

De qualquer forma, esse profissional também se preocupa com a qualidade de seu trabalho e do que será apresentado, suas conceitualizações e visualizações sobre locações e personagens, que geralmente são do mundo real, como o que acontece no filme *O veneno está na mesa*, cuja temática é o uso de agroquímicos, seus benefícios (se é que podemos assim chamar) e malefícios se confrontando o tempo todo através dos discursos de atores reais, que são representados por desde simples agricultores a agricultores de maior porte e ainda de profissionais da área de

saúde, de jornalistas, de órgãos regulamentadores, da área da agricultura, de políticos, de pesquisadores e da indústria que produz pesticidas.

Toda a produção cinematográfica inicia com o que está traçado na cabeça do diretor, mas quando a câmera começa a gravar e os atores são reais, um imprevisto, como um simples comentário ou um gesto, pode acontecer e se incorporar à cena (ou não), de acordo com os interesses dessa produção. É importante ressaltar que esse fato traz mais uma oportunidade de que o material seja melhorado ou corrigido, dando uma forma final ao trabalho, e nesse momento, pode-se ou não alterar sequências inteiras de um filme, clareando ou mascarando o que quer que seja visto.

A temática de um filme como *O veneno está na mesa* atrai um público que se reconhece nele, e, num exercício criativo, ao vê-lo, identifica o que mais lhe atraiu ou percebe que sentimentos lhes foram estimulados, pois nesse momento o mundo clama por atividades mais saudáveis e sustentáveis e se fala do alimento que deveria ser saudável. Essa história é impulsionada pela tríade da saúde, dos alimentos e da venda comercial destes (e da saúde), porque se faz claro a incidência de enfermidades pelo uso nas agriculturas e pelo consumo de produtos deste tipo de cultivo, hoje denominado convencional, por ser o que tem atendido à grande demanda de consumo. Os relatos reais no filme explicam esse mundo, muitas vezes justificam (ou tentam) suas ações e buscam esclarecer o universo físico e emocional em que se encontram esses personagens, suas tensões e conflitos, e é isso que o torna mais atraente, envolvente e interessante, pois há uma razão de ser nessa discussão que cria um diálogo entre o produto e o espectador.

O alimento precisa ser visto durante toda a cadeia produtiva, desde a produção, passando pela distribuição, chegando até ao consumo e ao descarte dos dejetos resultantes do processo, compreendendo a desvinculação, dentro da sociedade de consumo, entre a produção e a ação de consumir. Mas há outras relações, que não só a do trabalho nesse ciclo da vida, há a familiar, e nesta podemos ressaltar um pouco de tradição, do valor que se dá à comida e ao ato de se alimentar. Portanto, no filme que discorre sobre a temática do uso de agroquímicos pode-se identificar duas vertentes: problemas no cultivo (descuido com a saúde dos trabalhadores), onde recebemos produtos considerados não conformes ou com grande preocupação de venda e não de saúde, e problemas na saúde devido à falta de preocupação com o consumidor, o que pode levá-lo a

precisar de cuidados médicos. Pode-se ainda ressaltar que a preocupação com o comércio de alimentos é muito forte, por ser considerado uma necessidade essencial, mas vale a pena destacar que o ato de comer vai além do biológico, há todo um aspecto cultural, subjetivo e afetivo de relações e laços envolvidos neste ato. O que o diretor deixa bem claro quando o filme se aproxima do final, ao apresentar a história de Adonai.

A palavra Adonai em hebraico significa Ele, como se designa Deus, cujo nome não se pronuncia. Aqui no Brasil, no Rio Grande do Sul, Adonai é um agricultor que reinventa o mundo a sua maneira, tudo que lhe apresentam como verdade, Adonai questiona. No mundo da Monsanto, Dow, Bayer, Basf, Dupont, Syngenta, Adonai pratica agricultura orgânica sem transgênico, enfrenta o banco que só dá crédito a quem planta transgênicos e tem como garantia de colheita da safra o uso de herbicidas e pesticidas. Nosso Adonai desafia as transnacionais que lucram bilhões com os seus venenos, baseado na sua história familiar, Adonai reinventou o milho crioulo. Existe uma porta de saída, Adonai aponta.

Adonai I. S. dos Santos é agricultor de Sanga dos Índios, Iraí / RS. Ele relata:

Eu me lembrei lá de trás, do tempo de meu pai, quando tinha sementes crioulas. Por que não pode tentar fazer isso hoje? Eu mais um colega que se formou em agrônomo, dissemos vamos tentar fazer uma semente aqui em sua propriedade, daí nós tínhamos que depender do milho híbrido com outro, daí fazer o enxerto pra fazer o cruzamento, daí pra tirar para plantar a segunda planta. Eu usei 11 variedades de milho, fiz uma mistura, peguei um milho comum que eu comecei encontrar, daí peguei mais híbridos e misturei tudo, daí eu fui selecionar. Levei 3 anos que eu consegui fazer esse milho certo.

Ao permitir que o filme dialogue conosco, é claro que percebemos que essa relação se influencia por nossa história de vida, memória afetiva e vivências pessoais, até porque ele está repleto de elementos que estimulam, intrigam, provocam e nos emocionam, e é por este motivo que vemos essas imagens na forma e na ordem diferente de outro, por causa da importância que damos aos acontecimentos.

Dimensão Pedagógica

Cada vez mais, o cinema tem sido utilizado como recurso pedagógico em diversas áreas de estudos para enriquecer e/ou diversificar uma aula, ilustrar

determinado evento, ou ainda para recriar um cenário histórico. Adicionalmente, devemos lembrar que o filme é, sobretudo, uma obra de arte e que, como qualquer forma de arte, a produção cinematográfica possui um fazer específico, ligado a uma determinada estética e estilo. Um filme é o fruto de uma época e da personalidade de um determinado artista, o cineasta; possui valor potencialmente documental; e considerando os conhecimentos e saberes contidos nos filmes, transcendemos o uso do cinema e do audiovisual como ilustração, motivação e exemplo. É importante salientar que assistir e interpretar filmes implica, fundamentalmente, perceber o significado que eles têm no contexto social ao qual estão inseridos.

A utilização do cinema como metodologia de aula, no campo da Nutrição, oferece espaço para discussão acadêmica sobre a importância da sétima arte como forma de aproximação dos alunos, a sociedade e as diferentes culturas alimentares e suas formas de comensalidade. A partir do cinema, atividades interdisciplinares que envolvem a alimentação e a nutrição se consolidam, instigando os acadêmicos acerca da relevância da utilização de filmes como ferramenta de abordagem alimentar e nutricional, criando, assim, uma visão ampliada e multidimensional, expandindo as perspectivas de história, cultura e políticas alimentares.

O tema **Alimentação e Nutrição é muito vasto e deve ser discutido sob diversos aspectos.** A partir do documentário *O Veneno está na mesa*, podemos pensar sobre o perigo do uso dos agrotóxicos na agricultura e como esse modelo gera benefícios para as grandes transnacionais e, principalmente, sobre o uso do veneno em detrimento à saúde da população. Nesse filme, podemos observar também os riscos à saúde pública e aos trabalhadores da lavoura devido à manipulação do veneno e a população que está se alimentando mal e perigosamente em função do agronegócio. A obra cinematográfica enfatiza a quantidade de produtos químicos que nós consumimos, em média, 5,2 litros de agrotóxicos por ano. E isso também pode proporcionar vários debates sobre a alimentação em relação aos danos à saúde, como má formação fetal, doenças neurológicas, diversos tipos de câncer etc.

A partir do filme, podemos levantar alguns questionamentos acerca da segurança e qualidade dos alimentos que consumimos:

No que pensamos quando nos deparamos com as lindas frutas, verduras e legumes expostos em feiras e supermercados? Muitos podem responder falando da importância deste tipo de alimento para uma vida mais saudável, dos valores

nutricionais essenciais para o corpo, dos diversos e deliciosos pratos que podem ser preparados com os mesmos. No entanto, pensar sobre o processo produtivo dos alimentos e na possibilidade de contaminação dos mesmos por agrotóxicos também é preciso. O filme ressalta uma comparação entre as qualidades nutricionais de frutas e vegetais e os efeitos dos agrotóxicos, presente na narrativa abaixo:

Cenoura – rica em vitamina A contribui para o bom estado da visão da pele e das mucosas, a cenoura contém sais minerais como fósforo, cloro, potássio, cálcio e sódio e vitaminas do complexo B que ajudam a regular o sistema nervoso e a função do aparelho digestivo. Entre os agrotóxicos encontrados em amostras de cenoura colhida estão acefato, metamidofós, clorpirifós, dimetoad, profenofós.

Tomate – são as fontes mais ricas em licopeno, antioxidante que combate os radicais livres, retarda o envelhecimento e protege contra o câncer de próstata. Amostras encontradas nos tomates analisados detectaram a presença do aldicarb, o mais tóxico inseticida conhecido para mamífero. Também é usado ilegalmente nas cidades como raticida.

Pimentão – anti-inflamatório, digestivo, estimulante para a circulação, rico em vitamina C. Foram identificados 22 ingredientes ativos dos quais 18 não estão autorizados para vender. Os princípios ativos não autorizados: profenofós, sipermitrina, endosulfan, landersianitrina e dicloform. Possuem classe toxicológica II, altamente tóxico.

A discussão da relação entre os agrotóxicos e a nutrição vai além da defesa de uma boa alimentação em detrimento do consumo de alimentos infectados por esses insumos. Quando falamos sobre alimentação adequada, não diz respeito somente ao sentido nutricional, mas também à cultura da população e ao meio ambiente.

No filme, encontramos relatos de que os agrotóxicos são encontrados até no leite materno. Que não só as hortaliças e frutas estão contaminadas, mas o trigo, a soja e os grãos também estão submetidos a esses venenos. Logo, os sanduíches, a pizza, o arroz com feijão, o café e todos os alimentos não orgânicos fornecerão altos níveis de agrotóxicos ao nosso organismo. O filme mostra também que os alimentos mais infectados pelos venenos são: pimentão, mamão, uva, abacaxi, pepino, morango, couve, beterraba e tomate. Adicionalmente, vale enfatizar que não adianta lavar ou ferver os alimentos, pois essas substâncias penetram nos mesmos. Além da contaminação dos alimentos, o filme também remete à do solo e do meio ambiente. Do solo, esses venenos passam para outros ciclos de vida, como os rios, o ar, lençóis freáticos e chuvas. O filme termina mostrando que mesmo com o atual

modelo de agricultura no Brasil, sendo dominado pelas multinacionais e pelo uso desenfreado de venenos, nem tudo está perdido. A principal alternativa para reverter essa situação seria a agroecologia, prática que se refere ao uso do solo de forma a respeitar a natureza e combater a destruição provocada pela agroindústria. A agroecologia defende formas de produção que respeitam o meio ambiente e a sustentabilidade, sem uso de agrotóxicos, agroquímicos e máquinas pesadas, diferentemente da agroquímica.

Ao final de exibição do documentário, os alunos podem participar de uma roda de conversa, para analisar e refletir sobre o que estão comendo e discutir o modelo de agricultura que queremos e se é viável. A projeção de um filme oferece inúmeras possibilidades pedagógicas, pois as artes auxiliam na formação do indivíduo, mobiliza a expressão e a comunicação pessoal; intensifica as relações das pessoas com seu mundo interior e exterior; ajuda na compreensão da diversidade de valores que orientam tanto seus modos de pensar e agir como os da sociedade; e ainda favorece o entendimento e a imaginação humana, tornando o indivíduo capaz de perceber sua realidade cotidiana mais nitidamente, decodificando símbolos, sons e movimentos que estão a sua volta.

Para concluirmos, mas ao mesmo tempo dando continuidade às reflexões sobre o enredo do cinema dentro do processo ensino-aprendizagem, podemos seguir tratando o cinema, em relação à Alimentação e Nutrição, como uma forma que extrapola o recurso didático no ensino, entendendo que a educação e o cinema são modos de socialização dos indivíduos e instâncias culturais que produzem saberes, identidades, visões de mundo e subjetividades.

Dimensão Pessoal

O filme em forma de documentário nos faz refletir acerca de uma grande polêmica, que desemboca em uma dualidade. De um lado, o uso desenfreado de agrotóxicos nas lavouras expõe o consumidor ao risco pela ingestão crônica dessas substâncias; e de outro, a impossibilidade de viabilizar a produção e distribuição de alimentos orgânicos, portanto, sem uso de agrotóxicos.

De que adiantaria ressaltar os números exorbitantes de problemas e mortes causados pelo uso e consumo de agrotóxicos, uma vez que a possível solução é inexecutável? Somente a população de maior poder aquisitivo é que poderia se beneficiar com os alimentos orgânicos, já que eles são mais caros do que os não orgânicos. E mesmo sendo mais caros, ainda são difíceis de serem encontrados no mercado para a comercialização.

É inegável admitirmos que o uso de agrotóxicos é essencial para que os alimentos sejam protegidos de pragas, resistam ao transporte, tenham maior vida útil e sejam mais rentáveis. Há que se pensar em um ponto de equilíbrio entre o uso de agrotóxicos e a necessidade de se produzir alimentos seguros – entendidos aqui por alimentos livres de intoxicação química. Se os alimentos orgânicos têm sua produção inviável para que toda a população tenha acesso de fato, eles não podem ser vistos como a solução para o problema.

A expansão da agricultura no Brasil tem beneficiado muito mais as empresas de sementes transgênicas, fertilizantes e agrotóxicos do que os próprios agricultores, pois esses são apenas clientes. Portanto, não adianta imediatismo para apontarmos culpados sem avaliar os verdadeiros interesses políticos e econômicos que envolvem o contexto.

Como encontrar então, esse equilíbrio? Diminuir o uso de agrotóxicos e perder em produção seria um retrocesso? Desenvolver defensivos agrícolas que causassem menos danos à saúde humana seria um caminho viável?

Mas é inaceitável, por exemplo, o que foi relatado no filme pelo diretor da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, José Agenor:

Nós já pegamos resíduo de agrotóxico em cultura que aquele agrotóxico não é autorizado, já pegamos resíduo de agrotóxico em cultura que é autorizado mas está muito acima do permitido e já pegamos resíduo de agrotóxico que não é permitido no Brasil.

Além do exposto, é necessário respeitar o período de carência, ou seja, aquele entre a aplicação de cada um desses ingredientes ativos e a colheita.

As respostas as nossas indagações vieram três anos mais tarde, quando o mesmo Silvio Tandler produziu *O veneno está na mesa 2*, no qual apresenta várias experiências com agroecologia, mostrando alternativas viáveis de produção de alimentos sem a utilização de defensivos agrícolas.

Assim sendo, podemos notar que a maioria dos agricultores ainda não possuem conhecimentos sobre os efeitos nocivos causados por “aquilo” que eles usam para “proteger” suas plantações, pois não utilizam equipamentos de proteção adequados, não respeitam as regras de uso e são carentes de assistência técnica. Além disso, a venda dos agrotóxicos é livre e sem controle. Os agricultores também não parece que possuem esclarecimentos sobre o prazo que o princípio ativo permanece agindo no alimento. Dessa forma, acabamos ingerindo um alimento que ainda está sob o efeito dos “venenos”. Vale lembrar que os princípios ativos dos agrotóxicos possuem efeito cumulativo. A longo prazo, podem surgir disfunções e problemas no sistema nervoso, doenças cancerígenas e /ou alterações fetais e hereditárias.

Considerações finais

Pensar no filme como porta de entrada para determinado tema tem sido explorado por várias áreas de estudo, cada qual com sua autonomia em desenvolver o seu próprio método.

A arte e a ciência avançam quando permitem o estranhamento do que está posto e propõem possibilidades de entender o diferente, o desconhecido, o novo.

O cinema é uma importante ferramenta para retratar e problematizar diversas questões em diferentes campos do saber. É também um excelente recurso pedagógico, podendo trazer para espaços educacionais ambientes e contextos pouco palpáveis ou de difícil acesso.

Pode, ainda, ser uma interessante fonte de pesquisa, um veículo de defesa de bandeiras, um mecanismo desencadeador de diversas memórias afetivas. São inúmeras as possibilidades e nuances que o cinema pode obter. Por isso, associar o cinema há um recurso didático, problematizar tanto os modos de olhar para o cinema quanto seus usos podem ser caminhos interessantes para ampliar os limites da pesquisa científica a partir de uma fonte tão específica.

O documentário em questão permite, também, estabelecer um canal de comunicação entre a ação de se alimentar e consumir alimento e a produção e a (in)visibilidade que se ganha no mundo cotidiano, ocultando modos de viver e fazer

que cada vez mais primam pela máxima exploração de recursos e mínimo comprometimento com as gerações futuras (sejam dos locais de produção, sejam dos locais de consumo).

Apresentar o filme em diferentes dimensões é uma contribuição para uma visão mais plural do documentário, abrindo, assim, uma nova perspectiva do uso do cinema em sala de aula, a fim de superar a dicotomia verdade x ficção, é olhar para a arte enquanto objeto de análise e fonte de pesquisa.

Referências

BAUMANN, Z. Tempos e classes. In: *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei 11.936, de 14 de maio de 2009. *Proíbe a fabricação, a importação, a exportação, a manutenção em estoque, a comercialização e o uso de diclorodifeniltricloreto (DDT) e dá outras providências*.

_____. Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*.

_____. Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei 13.006, de 26 de junho de 2014. *Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica*.

PRADO JÚNIOR, C. *História Econômica do Brasil*. 22. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

CARVALHO, E.J.G. Conhecimento da história e da educação: o cinema como fonte educativa. *Revista do Programa em Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba*, ano 10, n. 2, p. 183-193, dez./2003. (ISSN: 0104-8481).

CUNHA, C.G.M. *Campesinato brasileiro: origens e ressignificações de um modo de vida tradicional*. Montes Claros, MG: UNIMONTES, 2012.

DANTAS, A.L. *O cinema como ferramenta pedagógica no ensino médio*. Faculdade Pitágoras de Londrina. Dez/2007.

D'AMATO, C; TORRES, J. P. M; MALM, O. DDT (Dicloro Difenil Tricloetano): Toxicidade e contaminação ambiental – uma revisão. São Paulo, *Quím. Nova*, v. 25, n. 6, nov./dez. 2002.

CARNEIRO, F.F. (Org.). *Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015.

FERREIRA, F.R. et. al. *Consumo, Comunicação e Arte*. Curitiba, PR: CRV, 2015. (Série Sabor Metrôpole, v. 3).

GERGOLETTI, I.F. *Produção de Alimentos: uma análise comparativa de cenários na perspectiva da sustentabilidade ambiental*. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós- Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Metodista de Piracicaba, SP.

GOMES, M.P.C. et al. O uso de metodologias ativas no ensino de graduação nas ciências sociais e da saúde – avaliação dos estudantes. *Ciência & Educação*, v. 16, n. 1, p. 181-198, 2010.

LUCENA, L.C. *Como fazer um documentário: Conceito, linguagem e prática de produção*. São Paulo: Summus, 2012, p. 16.

LUZ, M.T. *Especificidades da Contribuição dos Saberes e Práticas das Ciências Sociais e Humanas para a Saúde*. Revista Saúde e Sociedade. São Paulo. Volume 20, número 1, p. 22-31, 2011.

MINAYO, S.C.M. *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

NEVES, D.P. *Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil*. São Paulo: MDA; UNESP, 2008.

NICHOLS, B. *Introdução ao documentário*. Campinas, SP: Papyrus, 2012, p. 47.

QUEIRÓZ, C. *Ambiente: DDT e outras histórias se horror*. Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, 2005.

REZENDE, L.A. *Microfísica do documentário – Ensaio sobre criação ontológica do documentário*. Rio de Janeiro: Azougue, 2013, p. 18.

SANTOS, S. Novas escrituras e mediações em saúde, “O veneno está na mesa”. *RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. & Inov. em Saúde*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 90-94, 2012.

TURNER, G. *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997.

VANOYE, F. GOLIOT-LÉLÉ A. *Ensaio sobre a análise fílmica*. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

WOLLZ, L.E.B. e STOTZ, E.N. Algumas considerações acerca da questão agrária e do campesinato no Brasil. In: WOLLZ, L.E.B. (Org.). *Percepções de infância e juventude no campo*. Curitiba, PR: CRV, 2014, p. 14.

Ficha técnica do filme¹¹

Título original: O veneno está na mesa

Ano produção: 2011

Direção: Silvio Tendler

Elenco: Amir Haddad, Ana Primavesi, Caco Ciocler, Dira Paes, Eduardo Galeano e Júlia Lemmertz

Estreia no Brasil: 25 de Julho de 2011

Duração: 50 minutos

País de origem: Brasil

¹¹ Disponível em: <https://filmow.com/o-veneno-esta-na-mesa-t42687/ficha-tecnica/>. Acesso em: 16/09/2016.